



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

FILIPE MIGUEL PINHEIRO ALVES

**Aprende de mim: Jesus manso e humilde de
coração.**

Uma leitura de Mt 11, 25-30.

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor João Alberto Sousa Correia

**Braga
2016**

Agradecimentos

“Dois amores fizeram as duas cidades: o amor de si até ao desprezo de Deus – a terrestre; o amor de Deus até ao desprezo de si – a celeste. Aquela glorifica-se em si própria – esta no senhor; aquela solicita dos homens a glória – a maior glória desta consiste em ter Deus como testemunha da sua consciência; aquela na sua glória levanta a cabeça – esta diz ao seu Deus: Tu és minha glória, tu levantas a minha cabeça: aquela nos seus príncipes ou nas nações que subjuga, e dominada pela paixão de dominar – nesta servem mutuamente na caridade: os chefes dirigindo, os súbditos obedecendo; aquela ama a sua própria força nos seus potentados – esta diz ao seu Deus: Amar-te-ei, Senhor, minha fortaleza; por isso, naquela os sábios vivem como ao homem apraz ao procurarem os bens do corpo, ou da alma, ou dos dois: e os que puderam conhecer a Deus não o glorificaram como Deus, nem lhe prestaram graças, mas perderam-se nos seus vãos pensamentos e obscureceram seu coração insensato. Gabaram-se de serem sábios, (isto é, exaltando-se na sua sabedoria sob o império do orgulho) tornaram-se loucos – e substituíram a glória de Deus incorruptível por imagens representando o homem corruptível, aves, quadrúpedes e serpentes, (porque à adoração de tais ídolos conduziram os povos ou nisso os seguiram) e veneraram e prestaram culto a criaturas em vez de ao Criador que é bendito para sempre, – mas nesta só há uma sabedoria no homem: a piedade que presta ao verdadeiro Deus o culto que lhe é devido e que espera, como recompensa na sociedade dos santos (tanto dos homens como dos anjos), que Deus seja tudo em todos”.
(St. Agostinho – A Cidade de Deus)

O meu agradecimento especial ao Padre Prof. Doutor João Alberto Sousa Correia, pela sua extraordinária orientação e preocupação constante na boa execução deste trabalho.

À Universidade Católica Portuguesa, em especial à Faculdade de Teologia de Braga, pelo acolhimento e conhecimento transmitido.

À minha família: ao meu pai João, à minha mãe Glória, os meus irmãos Joaquim e Paulo.

A toda a comunidade do Seminário Conciliar Braga, em especial a sua equipa formadora. A todos que incentivaram, apoiaram, aconselharam e ajudaram neste trabalho.

À memória de familiares e amigos que já descansam em Cristo!

Resumo

Aprende de mim: Jesus manso e humilde de coração. Uma leitura de Mt 11, 25-30.

Ao longo dos tempos foi sempre necessário ir compreendendo e atualizando as palavras de Jesus. Contudo, a questão passa pela inteligência e pertinência, da mesma em cada época. Partindo de uma leitura de Mt 11, 25-30, tentámos chegar a uma compreensão da passagem, bem como a respostas concretas para os nossos dias. As Palavras de Jesus continuam a ressoar hoje, não apenas para o crente, que acredita que é Palavra de Deus, mas para toda a humanidade, que continua a dar resposta a problemas concretos da vida de crentes e não crentes. Tal como verificámos no título em epígrafe, é necessário aprender de Jesus manso e humilde de coração e configurar-se com Ele que oferece um jugo suave e uma carga leve, o verdadeiro descanso.

Palavras chave: Revelação, relação, Deus, Pai, Jesus, jugo suave, carga leve, manso e humilde, descanso, Mt 11, 25-30, contemporaneidade.

Abstract

Learn from me: Jesus gentle and lowly in hearth. A reading of Mt 11, 25-30.

It has always been useful to deepen and update a comprehensive understanding of Jesus' words throughout times. And yet, this matter draws on the intellection and relevance of that same questioning endlessly. Whilst relying upon the reading of Mt 11, 25-30, we endeavour to better understand this biblical episode, as well as behold real answers applicable to our daily lives. The Words of Jesus do still echo today, not only within believers, who truly trust the Word of God, but it is a speech which addresses all humanity, a word that continuous on answering problems of believers and non-believers alike. The title in epigraph urges to learn from a gentle, humble and selfless Jesus and to configure ourselves with Him, who offers an easy yoke and a light burden, the real everlasting rest.

Keywords: Revelation, relation, God, Father, Jesus, easy yoke, light burden, gentle and lowly, rest, Mt 11, 25-30, contemporaneity.

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	5
Abstract.....	5
Abreviaturas e siglas.....	9
Introdução	11
I. Enquadramento.....	17
1. Características socio-históricas.....	20
1.1. O autor e suas fontes.....	20
1.2. Data e lugar de composição.....	22
2. Características literárias.....	25
2.1. Aspetos literários	26
2.2. Estrutura	29
3. Características teológicas	32
3.1. Cristologia e Judaísmo	32
3.2. Reino dos Céus	34
3.3. Igreja.....	35
II. O <i>Logion</i> de Mt 11, 25-30.....	41
1. Texto e tradução	43
1.1. Texto.....	43
1.2. Tradução	44
1.3. Análise.....	45
2. Enquadramento literário	49
2.1. Contexto amplo	49
2.2. Contexto próximo.....	52
3. Intertextualidades.....	55
3.1. Eclesiástico 51	56

3.2. Lucas 10, 21-22.....	57
3.3. Evangelho de João	59
III. A Teologia de Mt 11, 25-30.....	65
1. A revelação aos humildes	68
1.1. Para além das palavras	69
1.2. A sabedoria	73
1.3. Oração de Jesus.....	75
1.4. A revelação	77
2. A relação Pai-Filho	79
2.1. Que conhecimento é este?.....	81
2.2. Relação única	84
3. O jugo suave e o fardo leve.....	88
3.1. O convite	89
3.2. Aprendei de mim.....	92
3.3. Jugo suave	94
Conclusão.....	99
Bibliografia	105

Abreviaturas e siglas

At – Atos dos Apóstolos

Bar – Profeta Baruc

Col – Carta aos Colossenses

dC – depois de Cristo

Ef – Efésios

Ex - Êxodo

Dn – Daniel

Dt – Deuteronomio

Eclo – Eclesiástico (Ban Sirá)

Gn - Génesis

Is – Profeta Isaías

Jo – Evangelho de S. João

Lc – Evangelho de S. Lucas

M – Fonte Mateus

Mc – Evangelho de S. Marcos

Mt – Evangelho de S. Mateus

N.A. – Nota do Autor.

2 Pe – 2.º Carta de São Pedro

Pr – Provérbio

Q – Fonte Quelle

QH – Qumran Thanksgiving Hymns

QPs^a – Qumran Psalms Scroll

Tim – Carta a Timóteo

Zc – Profeta Zacarias

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

Introdução

O Evangelho de Mateus tem sido alvo de muito estudo ao longo dos últimos séculos. Podemos pensar que já não valerá o esforço de mais estudo, uma vez que o que existe escrito sobre ele é já imenso. Não obstante, o Evangelho é Palavra de Deus, sempre tem e dele se retira algo de novo. Cada leitura é uma apropriação nova da mensagem. Mas será isto suficiente para avançarmos para a análise de uma passagem deste Evangelho? Em termos puramente académicos, pode não ser. Deve existir interesse em responder a algo, a um questionamento, querer ver explanada uma problemática que foi suscitada pela leitura do Evangelho ou de um dos seus textos.

A passagem que nos suscitou interesse e levantou questões é a de Mt 11, 25-30. É um texto muito presente na vida da Igreja primitiva, ao longo de toda a história, assim como na atualidade. São inúmeros os momentos celebrativos, em especial na Igreja Católica, em que é possível escutar esta passagem ou partes dela. Apresenta desafios como a inversão da lógica da sabedoria, do conhecimento, ou ainda de tomar um jugo para receber descanso. Jesus afirma ser Filho de Deus, dá graças ao Pai, Senhor do Céu e da Terra, de todas as coisas, pela revelação aos pequeninos. Temos assim Deus Criador, Jesus Filho de Deus, que oferece a sabedoria divina a quem Ele quer, mas que, de forma universal, convida todos para o jugo, um jugo suave que encaixa perfeitamente nos pequeninos, mas que oferece sabedoria e descanso.

Da leitura desta passagem, e das dificuldades de interpretação aqui expostas, partimos de uma questão inicial a que se tentará responder: terá Mt 11, 25-30 relevância para a atualidade? Poderá ser compreendida na contemporaneidade?

Enquanto Palavra de Deus está sempre configurada com os tempos, contudo, três dificuldades podem ser apontadas: na revelação aos humildes, pois a linguagem atual é a da exaltação do 'eu', de afirmação, configuração quase exclusiva do sucesso com a conquista material, imanente, faltando disponibilidade para a humildade da escuta; na compreensão da relação Pai-Filho como está na passagem, pois existe alguma (des)configuração na apropriação

desta relações na atualidade; poderá ser difícil compreender a linguagem do jugo, imagem de horizontes já longínquos que poderão não ser reconhecidos na atualidade.

O grande livro de trabalho será a Bíblia, com especial atenção ao Evangelho de Mateus e toda a particularidade, como é obvio, à passagem de Mt 11, 25-30. A recolha de dados é feita em fontes secundárias (o seu Evangelho, comentários e livros e artigos sobre Mateus) e análise de conteúdo de fontes primárias (tais como a Bíblia na sua versão portuguesa, a passagem no seu original grego e documentos da Igreja Católica). Os dados serão analisados e sistematizados. Desta forma, temos já informação tratada e qualificada, através de fontes secundários, assim com informação primária que permite um tratamento, da nossa parte, da informação recolhida. Deste modo, ficámos com espaço para cruzamento da informação já tratada com as nossas leituras das fontes primárias.

O método primário para o estudo deste dito é o histórico-crítico. Enquanto método histórico, permite olhar para a vertente histórica do texto sagrado, ver o processo de formação, as diferentes etapas de produção, perceber os tempos e espaços, os ouvinte e leitores. Enquanto método crítico, ajuda na cientificidade da análise do objeto selecionado, trazendo o texto à luz da modernidade, à compreensão do leitor e ouvinte moderno. A crítica textual e a análise linguística fazem parte da nossa investigação. Embora este seja o método primário, teremos presente, ao longo do estudo, a análise retórica e narrativa. Não esquecemos ainda a necessidade de prestar atenção às diferentes abordagens, pois estamos a trabalhar um texto bíblico. Assim, em diferentes momentos, podemos ter em palimpsesto abordagens canónicas, com recurso às tradições judaicas, dos efeitos do texto e das ciências humanas.

Para tentarmos responder à questão de partida e verificar a nossa hipótese de resposta, seguiremos um percurso que passa por um primeiro capítulo para enquadramento, onde serão apresentadas e analisadas três características principais de Mateus, a sua comunidade e o seu Evangelho: a socio-histórica, a literária e a teológica.

Um segundo capítulo, dedicado ao *logion* de Mt 11, 25-30, atenderá a detalhes mais técnicos e concretos da passagem em si, tais como o texto e sua tradução, o enquadramento literário do mesmo e as intertextualidades existentes. Este é um texto que regista muitas intertextualidades, quer do Antigo quer do Novo Testamento. Centrar-nos-emos em três delas: Eclo 51, Lc 10, 21-22 e Evangelho de João.

Por fim, um terceiro capítulo abordará a teologia de Mt 11, 25-30, onde nos aproximamos das respostas fundamentais à questão de partida e à verificação da nossa hipótese inicial. Neste capítulo, seguiremos uma divisão bastante coerente e aceite da passagem em análise: a revelação aos humildes, a relação Pai-Filho, o jugo suave e o fardo leve.

Com o percurso apresentado, esperamos, no essencial, aproveitar os dois primeiros capítulos para sermos introduzidos ao Evangelho de Mateus, com matizes sobre o próprio Mateus e a sua comunidade, para quem escrevia, assim como olhar o dito de uma forma crítica e textual. No terceiro capítulo, centrar-nos-emos em exclusivo na análise teológica a esta passagem de Mateus.

Existem muitas outras formas de análise e interpretação do texto bíblico. A própria estrutura poderia seguir critérios diferentes e percorrer caminhos diversos. Optámos por seguir um caminho que acreditámos ser o mais viável para o exercício a que nos propomos.

CAPÍTULO I
ENQUADRAMENTO

I. Enquadramento

Um dos problemas com que os investigadores da área bíblica se deparam é saber como iniciar a abordagem à matéria em questão: dever-se-á partir de imediato para a análise da matéria bíblica ou iniciar com um enquadramento mais elaborado? R. T. France refere que “as revisões dos comentários bíblicos, não raras vezes, focam-se na introdução, ao invés de empreenderem a tarefa mais exigente de lerem e responderem ao comentário em si”¹. Foca-se, por isso, no comentário bíblico, não descurando o enquadramento necessário à obra. Este é um esquema seguido por grande parte dos autores. O objetivo é evitar cair num historicismo, ou num ceticismo histórico. O necessário é chegar a um compromisso, explorar uma via média².

Em todo o trabalho, leitura ou análise da Bíblia, deve-se ter presente que se trata da Palavra de Deus. Três são os aspetos a ter em conta: compreender que “os Apóstolos, transmitindo o que eles mesmos receberam, adverte os fiéis a que observem as tradições que tinham aprendido quer por palavras quer por escrito”³, ou seja, o que é recebido é fruto de uma Tradição; ter presente que “Deus na Sagrada Escritura falou por meio dos homens e à maneira humana, o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que Ele quis comunicar-nos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e que aprouve a Deus manifestar por meio das suas palavras”⁴; estar sempre elucidado de que a “Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor”⁵.

Neste caso, a palavra de Deus é expressa no que designamos de Evangelho (*Euaggélion*), em concreto no Evangelho de Mateus (*katá Maththaíon*). A palavra significa em grego «boa nova». Em Is 40,66 refere-se à saúde escatológica: trata-se da vinda do reino de Deus. Para António Couto, “uma boa tradução terá de passar *euaggélion*, não por «evangelho»,

¹ R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, Eerdmans, Grand Rapids, 2007, p. 1.

² Cf. S. FREYNE, “The Galilean Jesus and a Contemporary Christology”, in *Theological Studies* 70 (2009), pp. 281-297.

³ *Dei Verbum*, n.º 8.

⁴ *Dei Verbum*, n.º 12.

⁵ *Dei Verbum*, n.º 21.

mas por «evangelização» (...) anunciar a notícia feliz da Ressurreição de Jesus”⁶. Essencialmente traduz a mensagem de Deus que “fala de maneira única”⁷, é o acontecer de Deus em Jesus, “por isso esta «historia de Jesus» dá ao mesmo tempo a chave da antiga e da nova aliança”⁸. Jesus é centralidade do Evangelho é a Boa Nova de Deus que fala. Anuncia o Reino de Deus. Esta forma de falar de Deus, por Jesus, tem uma particularidade, prende-se com o facto de que Jesus “não escreveu nada. Tampouco deu aos seus apóstolos o encargo de consignar por escrito”⁹.

O Evangelho é Jesus Cristo. Começou por ser uma tradição oral, mas foi surgindo a necessidade de verter por escrito, sendo agora os Evangelhos “praticamente a única fonte que possuímos para o conhecimento da vida de Jesus”¹⁰.

O Evangelho de Mateus “foi o mais estudado ao longo destes dois mil anos por ser o mais doutrinal dos três sinópticos, o mais eclesial, e por apresentar a pessoa de Jesus de maneira mais hierática e mais divina”¹¹. Apresenta-se ainda como o “mais citado nos escritos cristãos do segundo século cristão”¹², em parte porque a sua “estrutura cuidada tornou-o particularmente enquadrado para o uso nas igrejas nascentes (...) para a instrução dos convertidos (...) para a instrução dos líderes da igreja”¹³.

António Couto sublinha a importância que “este Evangelho granjeou na Igreja primitiva, sobretudo devido à sua clareza e riqueza temática dos largos, solenes e pausados discursos de Jesus (...) imenso tesouro para a vida da Igreja”¹⁴, colocando-o assim como um “exemplar sistema de encaixes que o inserem maravilhosamente no travejamento das escrituras recebidas

⁶ A. COUTO, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, Paulus, Lisboa, 2014, p. 9.

⁷ W. TRILLING, *El Evangelio Según San Mateo*, Herder, Barcelona, 1980, p. 5.

⁸ W. TRILLING, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 8.

⁹ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, Herder, Barcelona, 1973², p. 11.

¹⁰ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 13.

¹¹ J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2002, p. 351.

¹² R. T. FRANCE, *Matthew: Tyndale New Testament Commentaries*, Inter-Varsity Press, Michigan, 1997, p. 16.

¹³ R. T. FRANCE, *Matthew...*, p. 16.

¹⁴ A. COUTO, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, p. 11.

e conhecidas¹⁵ (...) excelente ponte de ligação às escrituras recebidas e portal admirável dos escritos neotestamentários”¹⁶.

Para Curtis Mitch e Edward Sri, a utilização intensiva deste Evangelho (na comunidade primitiva) em “homilias, cartas pastorais, escritos teológicos e instruções catequéticas”¹⁷ são claros sinais não só da razão porque surge em primeiro na Bíblia, como o principal escolhido para a contemplação da vida de Cristo. Não só foi marcando as comunidades primitivas como “o testemunho unânime da tradição antiga”¹⁸ (...) tenha consagrado este Evangelho como o «Evangelho da Igreja»”¹⁹.

A influência deste Evangelho na época patrística foi muito vincada, sendo o Evangelho de Mateus, a par de João “os mais lidos e, por tanto, os mais comentados durante a época patrística [mas] o uso de Mateus começou muito antes de o de João”²⁰.

A importância deste Evangelho continua hoje, talvez por uma das características apontadas por Ulrich Luz, que molda a história de Jesus tornando-a “transparente”²¹ para a história da própria comunidade”²², ou pelos vários motivos já apresentados. John L. McKenzie define o Evangelho “como história da salvação”²³. Assim o foi no passado, continua no presente e será no futuro.

¹⁵ As escrituras recebidas e conhecidas são os cinco discursos de Jesus, que fazem lembrar os cinco livros de Moisés, a genealogia na continuidade com o Antigo Testamento ou as citações do ‘cumprimento’. Cf A. COUTO, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, Paulus, Lisboa, 2014, p. 12.

¹⁶ A. COUTO, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, p. 13.

¹⁷ C. MITCH - E. SRI, *The Gospel of Matthew*, Baker Academic, Grand Rapids, 2010, p. 15.

¹⁸ É pertinente verificar que, a par da discussão da data, também a fonte do Evangelho tem sido tema de discussão importante, como veremos mais à frente, envolvendo de forma especial a patrística.

¹⁹ A. COUTO, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, p. 11.

²⁰ M. SIMONETTI, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia: Evangelio Según San Mateo (1-13)*, Ciudad Nueva, Madrid, 2004, p. 19.

²¹ F. P. Viljoen sugere que o Evangelho de Mateus deve ser lido como história transparente em dois níveis: 1) Jesus rejeitado e executado em Israel enquanto pronuncia o julgamento de Israel; 2) conta a história do compromisso da Igreja a Jesus, resultando na separação da Sinagoga e a formação de uma nova comunidade de crentes cristãos. Cf. F. P. VILJOEN, “Matthew, the church and anti-Semitism”, in *Verbum et Ecclesia* 28(2) (2007) 698-718 p.714.

²² U. LUZ, *Studies in Matthew*, Eerdmans, Grand Rapids, 2005, p. 14.

²³ J. L. MCKENZIE, *Dictionary of the Bible*, The Bruce Publishing Company, Milwaukee, 1965, p. 321.

1. Características socio-históricas

1.1. O autor e suas fontes

Sobre Mateus, o Apóstolo, não é fácil dizer algo de substancial, “apresentar a sua figura é quase impossível, porque as notícias que lhe dizem respeito são poucas e fragmentadas”²⁴. O que sabemos é que foi um dos escolhidos como discípulo, para seguir Jesus Cristo (cf. Mt 10, 3; Mc 3, 18; Lc 6, 15; At 1, 13). O nome Mateus, em hebraico, significa ‘dom de Deus’. Marcos (cf. 2, 13-17) e Lucas (cf. 5, 27-30) falam da vocação de Mateus²⁵, o cobrador de impostos, mas chamam-no de ‘Levi’.

Contudo, quando se aborda a questão do autor, o tema passa sempre por saber quem foi o verdadeiro autor do Evangelho e não propriamente o Apóstolo, não deixando, porém, as questões de estarem interligadas. Esta é uma questão que ainda não está resolvida. Essencialmente são apresentadas duas linhas de pensamento: uma que afirma que o autor é o próprio Mateus, ainda que não de todo o Evangelho como o conhecemos e chegou aos dias de hoje; a outra é que o Evangelho foi escrito por um Judeu cristão. A primeira linha de pensamento é pouco defendida. Charles R. Erdman²⁶ deixa transparecer, na sua leitura, que o autor será Mateus, o Apóstolo. Alfred Durand²⁷ ou até Bento XVI²⁸ também deixam certas indicações que seguirão a mesma linha. Esta atribuição surge, essencialmente, com a designação dada pela tradição patrística. É através de um escrito de Eusebius (História Eclesiástica iii.39.16) citando Papias, Bispo de Hierápolis que se vai criar a ideia que o autor

²⁴ BENTO XVI, “Audiência Geral”, Sítio Vaticano, 30 Agosto, 2006, acedido em 12 Outubro 2015, [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060830.html]

²⁵ Mateus, homem pouco afamado devido à situação de ser cobrador de impostos. No entanto tinha uma característica diferente de outros apóstolos, era literato, isso permitiu ser “o primeiro homem a compilar um relato dos ensinamentos de Jesus”. Cf. W. BARCLAY, *The Gospel of Matthew: Vol. 1*, Westminster Press, Philadelphia, 1958, p. xxii.

²⁶ Cf. C. R. ERDMAN, *The Gospel of Matthew: An Exposition*, Baker Book House, Grand Rapids, 1983, pp. 11-12.

²⁷ Este autor parece seguir, igualmente, a ideia da tradição patrística. Cf. A. DURAND, *Évangile selon Saint Matthieu*. Beauchesne et ses fils, Paris, 1924, p. VIII.

²⁸ Exemplo disso é terminar o seu pensamento sobre Mateus citando a tradição patrística nesta questão. Cf. BENTO XVI, “Audiência Geral”.

do Evangelho de Mateus é o próprio Apóstolo²⁹. Se a tradição patrística consagrou o Apóstolo como o autor do Evangelho, os estudos recentes levantam imensas questões sobre essa possibilidade. Para Daniel J. Harrington, que levanta muitas questões à tradição patrística, o “Evangelho é basicamente uma composição anónima [mas] não significa que nada saibamos sobre o autor”³⁰. O que importa para o enquadramento deste estudo (segundo a linha aceite por grande parte dos académicos) é que o Evangelho de Mateus “foi escrito por um Judeu cristão (...), sabia hebraico (...), escrevia grego num notável estilo semítico (...), as citações do Antigo Testamento são traduzidas diretamente do original hebraico (...), o autor demonstrava um interesse vincado no cumprimento das Escrituras (...), estava familiarizado com uma variedade de costumes e instituições religiosas”³¹.

A fonte ou fontes do Evangelho de Mateus é, assim como a questão do autor, matéria de importante análise. Também aqui encontramos diferentes escolas e posições. Poderemos resumi-las em duas grandes correntes: a teoria das duas fontes e a teoria da utilização de um Evangelho primitivo de Mateus, escrito em hebraico. Na primeira possibilidade, as fontes seriam a de Marcos e fonte Q³², para além da fonte própria de Mateus a ‘M’³³. Na segunda, a fonte do Evangelho primitivo em aramaico³⁴ afirma que existe esse Evangelho que foi traduzido para o grego e servido de base³⁵, utilizou coleções complementares de *logia*, em certas ocasiões

²⁹ Cf. R. T. FRANCE, *Matthew...*, p. 30, onde se pode consultar a citação: “Matthew compiled the oracles in the Hebrew dialect, and everyone translated them as best he could”. Deve-se ter em conta que os escritos de Papias não chegaram aos nossos dias por isso só temos acesso através de fontes secundárias, como é o caso.

³⁰ D. J. HARRINGTON, “Mateus”, in D. BERGANT - R. J. KARRIS, *Comentário Bíblico III: Evangelhos e Atos, Cartas, Apocalipse*, Loyola, São Paulo, 2001, p. 12.

³¹ C. MITCH - E. SRI, *The Gospel of Matthew*, p. 17.

³² Mateus e Lucas têm cerca de 200 versos em comum, diferentes de Marcos. Estes 200 versos relatam a vida de Jesus, é natural que tenham sido utilizados “from a common source-book of the teaching of Jesus. That book does not now exist; but to it scholars have given the letter Q which stands for *Quelle*, which is the German word for source”, (W. BARCLAY, *The Gospel of Matthew: Vol. I*, p. xx-xxi).

³³ “Mateus teve acesso a ditos e histórias desconhecidos de todos os outros evangelistas. Esse material exclusivo do Evangelho de Mateus é, com frequências, designado pela letra M”, (D. J. HARRINGTON, “Mateus”, p. 11).

³⁴ Josef Schmid fala da possibilidade de tradução de uma língua Aramaica. Outros autores falam da possibilidade de tradução de uma língua Hebraica. O próprio Papias terá apontado para uma tradução do hebraico (Cf. R. T. FRANCE, *Matthew...*, p. 30). Assumiremos que, a existir esse Evangelho, teria sido em hebraico, quer pela citação de Papias quer pelos próprios dados da comunidade de Mateus.

³⁵ Josef Schmid acredita que “nuestro Mateo canónico no es, pues, una simple traducción del original arameo, sino una creación literaria autónoma, construida, al menos en lo capital, sobre fuentes griegas”, (J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 32).

aproveitou Marcos, para além das fontes próprias³⁶. É a complicada ‘questão sinóptica’. A reter fica a existência de diferentes fontes. Relevante é a possibilidade da existência da fonte M, com particularidades específicas que o terão ajudado a granjear particular fama na Igreja primitiva, na patrística e ao longo da história.

Para Leon Morris, “quando Mateus incorpora uma fonte é porque ele a assumiu como sua e quer expressar o que essa fonte está a dizer”³⁷, assim, o mais importante é a mensagem e essa é a que queremos estudar.

1.2. Data e lugar de composição

A questão da data não está desligada do problema sinóptico, isto porque, se o Evangelho de Mateus surge como primeiro na ordem canónica e o primeiro a ser escrito, como sugere a patrística³⁸, então não está dependente de Marcos, poderá não estar igualmente da fonte Q o que o colocaria como um Evangelho que serviu de inspiração e fonte para todos os outros. Saber uma data é perceber, na medida do possível, que ambiente terá influenciado a escrita deste Evangelho, que desenvolvimentos estariam a acontecer na época e que repercussões teriam na escrita. Sabendo que os Evangelhos eram escritos para comunidades em concreto, podem refletir questões da própria comunidade que careciam de ser respondidas.

Se colocássemos as datas num espectro, teríamos de as colocar balizadas entre o ano 75 e o ano 100 do século primeiro. Alguns autores defendem ter sido escrito antes do ano de 63, o que indicaria que teria sido escrito antes até dos Atos, sendo uma influência para esse livro. Alguns colocam-no não antes do ano 65³⁹. Contudo, “a maioria dos exegetas atualmente

³⁶ Cf S. C. ALDAY, *El Evangelio Según Mateo*, Verbo Divino, Navarra, 2010, p. 29.

³⁷ L. MORRIS, *The Gospel according to Matthew*, Eerdmans, Grand Rapids, 1992, p. 17.

³⁸ “Ireneo es el único entre los escritores primitivos que sugiere una fecha; presenta la composición de Mt como contemporánea de la predicación de San Pedro y San Pablo en Roma, es decir, antes del año 68. Este detalle no puede comprobarse”, (J. L. MCKENZIE, “Evangelio Segun San Mateo”, in R. E. BROWN - J. A. FITZMYER - R. E. MURPHY, *Comentario Bíblico «San Jeronimo»*, Cristiandad, Madrid, 1972, p. 171).

³⁹ Cf. R. T. FRANCE, *Matthew...*, pp. 28-30.

inclinam-se por situar o evangelho de Mateus entre os anos 75 e 100 da nossa era, e com maior probabilidade pelo ano 80, tempo do sínodo de Jamnia e da promulgação da *birkat há-minim* (oração judaica contra os hereges cristãos)”⁴⁰. O ano de 85 é ainda uma das referências, “se a cidade destruída mencionada na parábola 22,7 diz respeito à destruição de Jerusalém em 70 dC, então o evangelho que nós lemos hoje talvez tenha sido composto por volta de 85”⁴¹. Não obstante, R. T. France afirma que “qualquer ‘data de publicação’ só pode ser avançada muito timidamente”⁴².

O lugar de composição é igualmente matéria de discussão e apresenta-se como uma incógnita. No entanto, é mais aceite a hipótese de ele ter sido escrito na Palestina ou “na diáspora do Oriente, quem sabe em Antioquia da Síria”⁴³. É que São Mateus destina “o seu Evangelho às Igrejas Compostas de judeus convertidos”⁴⁴, ou seja, judeo-cristãos, como já referimos anteriormente. Não seria somente para os judeus convertidos. Fruto do sentido de comunidade de Mateus, da sua noção e sentido de Igreja⁴⁵ e da sua universalidade, era necessário expandir ao “mundo dos gentios”⁴⁶. Assim, esta era uma comunidade de judeus que convivia com os gentios, o que nos ajuda a colocar num dos locais apontados, com mais propensão para Antioquia da Síria:

“Muitos investigadores sugerem Antioquia da Síria, uma cidade em que o cristianismo judeu e os gentios se uniram e fundiram, e onde as questões em volta da relação entre o evangelho e a lei foram provavelmente agudas. O material exclusivo de Mateus explica-se melhor supondo que foi tomado diretamente das tradições palestinianas; que pode ter sido possível na Síria”⁴⁷.

⁴⁰ S. C. ALDAY, *El Evangelio Según Mateo*, p. 30.

⁴¹ H. CLARKE, *The Gospel of Mathhew And It's Readers: A Historical Introduction to the First Gospel*, Indiana University Press, Indianapolis, 2003, p. xxii.

⁴² R. T. FRANCE, *Matthew...*, p. 30.

⁴³ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 47.

⁴⁴ A. DURAND, *Évangile selon Saint Matthieu*. Beauchesne et ses fils, p. X.

⁴⁵ Mateus, “he is the only one of our Evangelists to use the word «church» (16:18; 18:17)”, (L. MORRIS, *The Gospel according to Matthew*, p. 4).

⁴⁶ H. CLARKE, *The Gospel of Mathhew And It's Readers...*, p. xxiii.

⁴⁷ J. L. MCKENZIE, “Evangelio Segun San Mateo”, p. 172.

De uma possível identificação do local onde terá sido escrito, podemos já começar a retirar algumas conclusões sobre a comunidade de Mateus. Uma delas é que era uma comunidade composta não só por judeo-cristãos (convertidos) mas também por gentios. Colocar a comunidade na Palestina ou Antioquia da Síria (a mais referenciada como o local da comunidade) indica, desde logo, e como fomos já verificando, que é uma comunidade separada da comunidade judaica: “por volta de 85 d.C., ficou claro que nem todo o Israel ia aceitar Jesus como o Messias das expectativas judaicas e que não-judeus representavam um campo missionário bastante promissor (cf. 28, 19)”⁴⁸.

John L. McKenzie não tem grandes dúvidas que o autor do Evangelho e a comunidade de Mateus andariam pela Palestina e pela Síria, mais propriamente por Antioquia. O que este autor traz de relevante prende-se com a forma como olha e vê a relevância dos dois locais. Para ele “não existem dúvidas de que Mt foi escrito por um Judeu cristão, e que ambos, autor e os seus leitores, eram de origem palestinese; mas, se o trabalho foi escrito após 70, ele poderá ter sido produzido na Síria. Alguns académicos sugerem Antioquia”⁴⁹. É, de facto, um ponto de vista bastante válido, pois liga a comunidade a uma origem judaica, mas que, entretanto, devido a alguns fatores como a tensão com a comunidade judaica, se vão mudando para a Síria.

Para entendermos a comunidade de Mateus, temos de recuar à época da própria comunidade. Ao fazê-lo, iremos deparar-nos com uma comunidade de judeo-cristãos com profetas, escribas, e uma forte ligação a Pedro⁵⁰. Uma comunidade, como estamos a verificar, aberta aos gentios⁵¹. Uma comunidade que enfrenta um judaísmo hostil, que entra em rutura com eles⁵² e segue fiel a Cristo. Uma comunidade que, evidentemente, em alguns momentos

⁴⁸ D. J. HARRINGTON, “Mateus”, p. 13.

⁴⁹ J. L. MCKENZIE, *Dictionary of the Bible*, p. 554.

⁵⁰ “O nome de Pedro aparece 20 vezes no Evangelho”, (J. ZUMSTEIN, *Mateus, o teólogo*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1990, p. 19).

⁵¹ “Pasajes importantes del evangelio favorables a los gentiles nos hacen pensar en una comunidade formada también por éstos (8, 11-13; 21, 40-46; 28, 19-20)”, (S. C. ALDAY, *El Evangelio Según Mateo*, p. 30).

⁵² A rutura nos primeiros tempos pode ser apelidada de intermédia, ou seja, como lemos no Evangelho de Mateus o corte não foi imediato ou total, até porque não era fácil desligar de séculos de tradição para acolher o Evangelho (boa nova), ou esta novidade. Sobre isto, Salvador Carrillo Alday refere que “la comunidade de Mateo no intentaba «abandonar» el judaísmo, pero se comportaba como un grupo marginal e intermedio. Giraba en doble dirección

sente o cansaço, a fadiga, e perde algum vigor, que Mateus vai fazer transparecer no Evangelho com uma escrita e mensagem de alívio e ânimo para aqueles que estão cansados, quer seja pela situação com a comunidade judaica, quer seja pela necessidade de terem de voltar a ser itinerantes – pelo menos na deslocação da Palestina para a Síria, como parece ser aceite – quer seja por qualquer outro motivo (tenhamos como exemplo a nossa passagem de estudo Mt 11, 28)⁵³.

As dificuldades que vão surgindo podem ajudar-nos a compreender o Evangelho de Mateus não só à época, mas, acima de tudo, nos dias de hoje. Conseguimos perceber que é uma comunidade real e não uma qualquer comunidade edílica ou fictícia. É uma comunidade com alegrias e tristezas, mas que está unida. É uma comunidade que perante as dificuldades se poderia ter fechado. No entanto, abre-se aos gentios. Pelos vários dados de que dispomos, é uma comunidade que vai verdadeiramente acolher o Evangelho de Mateus, acima de tudo porque Mateus é o evangelista que mais se centra nos ensinamentos de Jesus Cristo, o que faz com que esta comunidade judeo-cristã realize o reino “conservando ante os seus olhos o ideal proposto por Jesus”⁵⁴.

2. Características literárias

Ao fazermos a leitura sócio-histórica do Evangelho de Mateus, estamos já, ainda que de forma implícita, a abordar a questão literária. Perceber o contexto destes escritos, o seu ‘possível’ autor, a comunidade a que se dirige ou a época em que foi escrito é já começar a ter presente que todas essas situações são condicionantes para a forma de escrita⁵⁵. Por outro lado,

(...) dentro del judaísmo (...) pero, por otra, se daban evidentes e importantes divergencias”, (S. C. ALDAY, *El Evangelio Según Mateo*, p. 31).

⁵³ Cf. J. ZUMSTEIN, *Mateus, o teólogo*, pp. 17-24.

⁵⁴ J. DHEILLY, *Diccionario Bíblico*, Herder, Barcelona, 1970, p. 780.

⁵⁵ É necessário ter presente que estas leituras nem sempre foram assim. O método da história das formas (*Formgeschichte*) em parte veio corrigir uma excessiva exegese crítico-literária. Nem sempre se pensou que existisse um ambiente vital (*Sitz im Leben*) que pudesse condicionar a percepção ou leitura dos Evangelhos. Nem

os aspetos literários irão ajudar a refletir todo esse ambiente. Como refere Josef Schmid, “a origem e a finalidade dos Evangelhos determina também a sua *forma literária*”⁵⁶. Os Evangelhos não são biografias de Jesus nem são descrições da sua personalidade, “o interesse histórico e biográfico fica relegado ante o interesse didático e religioso”⁵⁷. Isto é particularmente evidente em Mateus.

A riqueza da análise do Evangelho e da passagem em questão passa, de igual modo, por perceber todos esses aspetos. Por isso, será feita, primeiramente, uma abordagem a alguns aspetos literários e de seguida uma análise à estrutura do Evangelho.

O enquadrar da estrutura nas características literárias passa pela análise que é feita, ou seja, existem aspetos literários a determinar propostas de estrutura. Os aspetos sócio-históricos são, de igual modo, condicionantes de uma visão da estrutura, pois pode levar a estrutura a centrar-se mais em um aspeto em detrimento de outro. Pensar que existe uma primeira versão do Evangelho em hebraico, escrito pelo próprio Apóstolo Mateus é diferente de aceitar que o mesmo foi escrito em grego por um anónimo da comunidade de Mateus. São tradições literárias diferentes, são escritas diferentes, vão provocar diferentes leituras dos escritos.

2.1. Aspetos literários

Cada um dos evangelistas apresenta aspetos literários próprios. Mateus apresenta particularidades muito suas. A ligação às Escrituras e o centrar de todas as leituras das Escrituras em Jesus Cristo é algo que Mateus desenvolve com especial cuidado e perspicácia. António Couto designa esta ligação como um “exemplar sistema de encaixes”⁵⁸, apresentando alguns pontos onde tal se verifica:

sempre se pensou que os mesmos pudessem ter sido escritos por autores que não os Apóstolos, ou que tivessem uma tradição oral.

⁵⁶ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 12.

⁵⁷ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 12.

⁵⁸ A. COUTO, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, p. 12.

“os cinco discursos de Jesus que lembram os cinco livros de Moisés ou Pentateuco (...) Jesus no seguimento das grandes figuras das Escrituras recebidas (...) recurso às citações explícitas do «cumprimento» (...) casos de citações implícitas⁵⁹ (...) há ainda o cenário da morte-ressurreição de Jesus, que, neste Evangelho, pode ser lido como a «lenda de um furto» (27, 62-66; 28, 11-15), agraphando-se a Gn 3, ou como a «história de um dom» (28, 1-8.16-20), que constitui uma analepse da inteira escritura”⁶⁰.

Algo que podemos depreender é uma certa ideia de revelação e tradição, ou seja, o cumprimento das Escrituras em Jesus e a revelação de Jesus⁶¹. A ligação às Escrituras, assim como a própria ideia de ‘cumprimento’ molda a composição literária de Mateus. Por exemplo, “a *UBS Greek New Testament* lista cinquenta e quatro citações diretas do Antigo Testamento, em Mateus, e mais 262 ‘alusões e paralelos verbais’”⁶². Desde logo, podemos reter dois aspetos: a escrita e estrutura teve de ser elaborada tendo em conta a necessidade de utilização de todas estas formulas/termos do Antigo Testamento; os aspetos literários não poderiam diferir da escrita, ou seja, têm eles também de estar em concordância com uma tradição e com a ligação ao Antigo Testamento.

O Evangelho de Mateus está escrito em bom grego. O leitor não só reconhecerá a capacidade literária do escritor, como a “liberdade e soberania com que maneja o material oferecido pela tradição”⁶³. Apesar de estar escrito em bom grego⁶⁴ são identificados em Mateus aspetos de estilo semítico, como por exemplo o “emprego do paralelismo sinónimo e antitético (7, 24-27; 16, 25), a repetição de fórmulas e a estrutura estrófica (5, 3-10; 12, 22-32)”⁶⁵. R. T.

⁵⁹ António Couto, para melhor se exprimir das citações implícitas, faz referência a uma expressão de R. Meynet para este tipo de citações, são as “citações em branco”. Cf R. MEYNET, *Leggere la Bibbia. Un'introduzione all'esegesi*, EDB, Bolonha, 2004, p. 183.

⁶⁰ A. COUTO, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, pp. 12-13.

⁶¹ Revelação do Reino de Deus. Ponto fundamental da teologia de Mateus como veremos. Ainda que, em termos literários, central seja o ensinamento de Jesus, o mesmo remete para o anúncio do Reino.

⁶² R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 11. No seguimento desta mesma citação, o autor refere que estes são números conservadores, baseados apenas naquelas alusões que são largamente reconhecidas.

⁶³ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 12.

⁶⁴ “Pero el esfuerzo por escribir correctamente el griego se nota más en los relatos que en los discursos y sentencias, que con frecuencia reflejan una fuente aramea”, (J. L. MCKENZIE, “Evangelio Segun San Mateo”, p. 164.)

⁶⁵ J. L. MCKENZIE, “Evangelio Segun San Mateo”, p. 164.

France, apontando de igual modo estas características, vai ainda acrescentar que os “grupos simétricos das secções dos ensinamentos são feitos para uma fácil memorização”⁶⁶. São vários os recursos estilísticos que Mateus emprega no seu Evangelho⁶⁷.

Uma outra questão de relevo, que se pode encontrar neste Evangelho, prende-se com a composição. Tudo está interligado e nada no Evangelho existe sem que tenha sido colocado lá com intencionalidade. O Evangelho obedece a uma composição literária e não simplesmente cronológica, o material é utilizado para formar uma composição literária coerente e não uma simples narração. Este não é um método exclusivo de Mateus, não obstante Charles R. Erdman refira que Mateus tem um método único, não simplesmente pela não utilização de uma descrição cronológica, mas por “agrupar eventos similares ou ensinamentos que possam estar logicamente relacionados”⁶⁸, ou seja, falámos dos cinco grandes sumários dos ensinamentos de Cristo. O que isto nos revela é que Mateus não dá demasiado interesse à cronologia dos acontecimentos ou aos dados geográficos, apesar de conservar o “esquema histórico e geográfico de Marcos”⁶⁹.

Para Josef Schmid, “caraterística do primeiro evangelista é uma preferência por aplicações morais e resumos, assim como por repetições estereotipadas (...) gosta mais do estilo direto, às vezes introduz os seus textos por meio de uma pergunta e mostra uma tendência à generalização e à amplificação”⁷⁰.

Não deixa de ser relevante notar que existe quem apresente Mateus como um biógrafo. Contudo, feito o devido enquadramento do que é o biógrafo⁷¹, em especial do biógrafo enquadrado no tempo do escritor do Evangelho de Mateus, o autor da proposta de Mateus como

⁶⁶ Cf. R. T. FRANCE, *Matthew...*, p. 21.

⁶⁷ Por exemplo: inclusões (1, 23; 28, 20), paralelismos e quiasmos (7, 24-27; 10, 39; 13, 13-18; 18, 10-14), repetições de palavras (11, 20-12,45; 10, 2-42), versículos centrais e textos centrais (5, 17-20; 12, 46-50; 28, 16-20), repetições (6, 12-18), ordenações numéricas (1, 12-17; 6, 1-18; 23, 13-32) ou ainda as antecipações (2, 23-4,12)

⁶⁸ C. R. ERDMAN, *The Gospel of Matthew: An Exposition*, p. 17.

⁶⁹ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 41.

⁷⁰ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, pp. 42-43. As considerações apresentadas por este autor nesta citação estão devidamente justificadas com a remissão para as respetivas passagens no Evangelho de Mateus que, para este autor, justificam a sua afirmação.

⁷¹ Cf. C. S. KEENER, *The Gospel of Matthew: A Socio-Rhetorical Commentary*, Eerdmans, Grand Rapids, 2009, pp. 16-23.

biógrafo, Craig S. Keener vai afirmar que “Mateus não escreveu o seu Evangelho sem premeditação; ele foi um historiador-biógrafo e intérprete e não apenas um contador de histórias”⁷². Mesmo quando um autor o apresenta como biógrafo não deixa de ir ao encontro sobre o Mateus literário que estamos a traçar.

Compreender os aspetos literários permitirá perceber porque certa passagem tem determinada composição, porque está assim escrita ou porque um determinado termo é utilizado é fundamental para ler e enquadrar a passagem Mt 11, 25-30.

2.2. Estrutura

As propostas de estrutura são muitas e variadas. Se em Marcos e Lucas a questão da estrutura gera consenso entre os estudiosos⁷³, em Mateus o mesmo não acontece. Embora seja já um pouco aceite que existem três propostas de estruturas dominantes, o facto é que, em cada autor que apresenta a sua proposta de estrutura, é possível encontrar uma estrutura diferente. Torna-se, pois, extremamente exigente não só seleccionar uma estrutura como apresentar de forma abreviada as principais propostas de estrutura. Uma das fórmulas possíveis é a de olhar para uma estrutura geográfico-cronológica, estrutura baseada nos cinco livros e estruturas baseadas nas fórmulas de 1, 1; 4, 17 e 16, 21⁷⁴.

Uma estrutura baseada na questão geográfica, cronológica ou biográfica pode ela mesma estar fora do radar de aceitação dos investigadores contemporâneos. Isto justifica-se,

⁷² C. S. KEENER, *The Gospel of Matthew...*, p. 23.

⁷³ Cf. G. H. OLIVER, *Jesús Según San Mateo – Análisis Narrativo del Primer Evangelio*, EUNSA, Navarra, 2001, pp. 241-242.

⁷⁴ Fórmula seguida por R. A. MONASTERIO - A. R. CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, Verbo Divino, Navarra, 2012, pp. 266-270. Não só seguiremos esta referência para a apresentação destas estruturas, em corpo de texto e notas de rodapé, como seguiremos ainda a de Carreira das Neves. Cf. J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, pp. 355-365.

em grande medida, pelos aspetos que fomos referindo nas características literárias apresentadas⁷⁵.

A estrutura baseada nos cinco discursos é uma proposta de B. W. Bacon, ainda da primeira metade do século XX, onde considera que “Mt depende de Mc e Q mas faz uma estrutura totalmente diferente e própria”⁷⁶. O que esta estrutura pretende sublinhar é uma temática cristológica e toda a relação de Mateus com as Escrituras. “Jesus é o novo Moisés com os seus cinco discursos da nova Toráh (...), os cinco livros da nova Lei”⁷⁷. Tem ainda a distinta característica de o fim de cada um dos cinco livros terminar com a mesma fórmula⁷⁸.

Com uma análise atenta verificámos que esta estrutura condicionará a maior parte das propostas futuras de estrutura. Em relação a esta proposta, Joaquim Carreira das Neves aponta como defeito colocar o evangelho da infância como preâmbulo e o evangelho da paixão como epílogo. No entanto, aponta a grande vantagem de chamar a atenção para a parte doutrinal⁷⁹. Poderão variar em muitos aspetos, mas a referência aos cinco livros estará ela mais ou menos presente e referida⁸⁰.

Uma estrutura baseada nas fórmulas de 1, 1; 4, 17 e 16, 21 é uma proposta essencialmente de J. D. Kingsbury e D. R. Bauer, da segunda metade do século XX. Esta estrutura assenta essencialmente em duas referências que são elas temporais, ou seja a passagem 4, 17 (*A partir desse momento*) e de 16, 21 (*A partir desse momento*)⁸¹.

⁷⁵ Um exemplo desta estrutura é a proposta por W. C. Allen e L. W. Grensted: 1- Nascimento e Infância do Messias (1, 1 - 2, 23); 2- Preparação para o ministério (3, 1 - 4, 11); 3- Ministério público na Galileia (4, 12 - 15, 20); 4- Ministério nas vizinhanças da Galileia (15, 21 - 18- 35); 5- Últimos dias da vida do Messias (21, 1 - 28, 20)

⁷⁶ R. A. MONASTERIO - A. R. CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, p. 295.

⁷⁷ J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, p. 355.

⁷⁸ 7, 28: “Quando Jesus acabou de falar...”; 11, 1: “Quando Jesus acabou de dar estas instruções...”; 13, 53: “Depois de terminar estas parábolas...”; 19, 1: “Quando acabou de dizer estas palavras...”; 26, 1: “Tendo acabado todos estes discursos...”.

⁷⁹ Cf. J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, p. 356.

⁸⁰ A estrutura de B. W. Bacon: Abertura (1, 1 - 2, 23); Livro 1: doutrina sobre o discipulado (3, 1 - 7, 29); Livro 2: doutrina sobre o apostolado (8, 1 - 11, 1); Livro 3: doutrina sobre a revelação escondida (11, 2 - 13, 53); Livro 4: doutrina sobre a administração da Igreja (13, 54 - 19, 1a); Livro 5: doutrina sobre o julgamento (19, 1b - 26, 2); Epílogo (26, 3 - 28, 20).

⁸¹ A pessoa de Jesus Messias (1, 1 - 4, 16); A proclamação de Jesus Messias (4, 17 - 16, 20); O sofrimento, morte e ressurreição de Jesus Messias (16, 21 - 28, 20).

Estes três modelos vão sendo, em certo sentido, as referências para propostas de estruturas do Evangelho de Mateus. Contudo, como já referido, talvez não seja possível encontrar uma proposta de estrutura igual⁸². A de B. W. Bacon será a grande referência entre as propostas apresentadas. A divisão em cinco livros tem sido a referência, ainda que por vezes não seja explicitamente assumida.

Como referido, são inúmeras as propostas de estrutura⁸³. Contudo, cabe salientar uma outra estrutura que se poderá destacar, em certo sentido, pela sua originalidade, sendo “desenhada para fixar o pensamento sobre a Figura central do Evangelho como é apresentada na figura de um Rei”⁸⁴. É uma estrutura que se centra na figura de Jesus, como cumprimento das Escrituras e que anuncia um Reino sendo ele um Rei.

No essencial, ficamos com uma ideia de como está o estudo e, principalmente, a discussão sobre as propostas de estrutura do Evangelho de Mateus. A estrutura adotada⁸⁵ para este trabalho segue, no essencial, B. W. Bacon. Tem presente muitos dos aspetos já referidos e divide-se da seguinte forma:

- Narrativa da infância (1, 1-2, 23);
- A proclamação do Reino (3, 1 - 7, 29);
- Ministério e Missão na Galileia (8, 1 - 11, 1);
- A oposição de Israel (11, 2 - 13, 53);
- Jesus, o Reino e a Igreja (13, 54 - 18, 35);
- Ministério na Judeia e em Jerusalém (19, 1 - 25, 46);
- Paixão e ressurreição (26, 1 - 28, 20).

⁸² Esta ideia parte da leitura de várias propostas de estrutura que não cabe aqui apresenta-las todos. Ainda de referir que são apenas consideradas propostas de estrutura por investigadores reconhecidos do Evangelho de Mateus.

⁸³ Uma outra estrutura interessante é a apresentada por António Couto, com os cinco discursos de forma quiástica. Cf. A. COUTO, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, p. 19.

⁸⁴ C. R. ERDMAN, *The Gospel of Matthew: An Exposition*, p. 17 (consultar estrutura nas pp. 19-23).

⁸⁵ Esta é a estrutura apresentada na *Bíblia Sagrada (edição Pastoral)*, Paulus, Lisboa, 2012⁸, p. 1366.

3. Características teológicas

Uma terceira dimensão a ter em conta neste enquadramento diz respeito às características teológicas. Salientar, de forma breve, os aspetos mais importantes e pertinentes é mais um ponto de ajuda na compreensão deste Evangelho e da passagem em concreto, sabendo, contudo, que são muitas e variadas as “ideias desenvolvidas pelo Evangelho de Mateus”⁸⁶. A dificuldade maior é como apresentar uma teologia de Mateus que não seja simplista nem demasiado elaborada para o que se pretende. A solução passa por resumir as características teológicas de Mateus em três aspetos: a Cristologia e Judaísmo, o Reino dos Céus e a Igreja.

3.1. Cristologia e Judaísmo

Uma das questões fundamentais é saber quem é Jesus. A centralidade de Mateus parece, efetivamente, estar focada nesta resposta. Começar o Evangelho com a genealogia de Jesus pode indicar isso mesmo, Jesus Cristo é a centralidade do Evangelho e de toda a história. Jesus Cristo é o cumprimento das Escrituras. Mas este cumprimento não é o fim, senão a abertura para o Reino de Deus, ao qual ele mesmo faz o convite: “Vinde a mim” (Mt 11, 28).

A questão do cumprimento é fundamental na teologia de Mateus⁸⁷. Alguns autores colocam-na como uma questão separada, outros situam-na na Cristologia de Mateus. O importante é ter presente esta ideia, saber que está presente praticamente em todo o Evangelho. A fórmula ‘isto foi para que se cumprisse’ (ou outra semelhante), seguida de referência ao Antigo Testamento, está presente em nove situações diferentes⁸⁸. Os Escritos Sagrados do Novo Testamento não estão desligados dos Escritos Sagrados do Antigo Testamento, como aliás

⁸⁶ J. A. S. CORREIA, *Os Livros da Bíblia – Volume II: Novo Testamento*, Diário do Minho, Braga, 2011, p. 15.

⁸⁷ “«Fulfillment» for Matthew seems to operate at many levels, embracing much more of the pattern of OT history and language than merely its prophetic predictions”, (R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 12).

⁸⁸ São elas: 1, 22-23; 2, 15; 2, 17-18; 2, 23; 4, 14-16; 8, 17; 12, 17-21; 21, 4-5; 27, 9-10. Cf. R. T. FRANCE, *Matthew...*, pp. 38-39.

refere a Constituição Dogmática *Dei Verbum* “o Novo Testamento está latente no Antigo, e o Antigo está patente no Novo”⁸⁹. Mateus executa de forma primordial esta ligação. Nas diferentes características anteriores, fomos vendo que o mesmo é um Evangelho muito relacionado com o judaísmo. Reflete a situação da ‘sua’ comunidade e os problemas com a comunidade judaica da época. Todas as polémicas antijudaicas vão-no demonstrando. No entanto, Mateus quer universalizar a mensagem de Jesus Cristo e abrir a todos os povos (28, 16-20), quer apresentar um novo povo de Deus, que não é limitador, apenas requer a adesão a Cristo e à sua mensagem⁹⁰. O reconhecimento de Cristo é fulcral. Jesus indica as condições para o reconhecerem (Mt 11, 25).

A Cristologia de Mateus implica os muitos títulos de Jesus. R. T. France desenvolve quatro deles: Cristo, Filho do Homem, Rei e Filho de Deus. Segundo este autor, são os proeminentes neste Evangelho⁹¹.

Wolfgang Trilling, tendo como pano de fundo a promessa de salvação de Deus no Antigo Testamento e o cumprimento que é feito em Jesus, destaca os títulos de: profeta, mestre do povo, Servo de Deus, Filho de Deus⁹². Já Charles R. Erdman apresenta o retrato de Jesus tendo sempre como pano de fundo Jesus, o Rei dos judeus. Por isso, fala do Rei, Messias, o Rejeitado⁹³. Muitos outros autores trabalham os mesmos títulos de Jesus e apresentam-nos de formas diferentes. A título de exemplo, José António Pagola destaca, entre várias chaves de leitura que apresenta, “Jesus, o «Emanuel» anunciado por Isaías: «Deus connosco»”⁹⁴. Outro exemplo muito importante é o de “Jesus o Filho de Deus e Filho de David”⁹⁵. Aqui está não só o cumprimento do Antigo Testamento ou a afirmação da sua realeza, assim como afirmação de um dogma de fé importante, Jesus Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro homem. A identidade

⁸⁹ *Dei Verbum*, nº 16.

⁹⁰ Cf. ⁹⁰ R. A. MONASTERIO - A. R. CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, pp. 309-311.

⁹¹ Cf. R. T. FRANCE, *Matthew...*, pp. 41-48.

⁹² Cf. W. TRILLING, *El Evangelio Según San Mateo*, pp. 5-9.

⁹³ Cf. C. R. ERDMAN, *The Gospel of Matthew: An Exposition*, pp. 13-16.

⁹⁴ J. A. PAGOLA, *El Camino Abierto por Jesús: Mateo*, PPC, Madrid, 2010, p. 10.

⁹⁵ J. L. MCKENZIE, “Evangelio Segun San Mateo”, p. 168.

de Jesus é uma das questões maiores. No entanto, não se esgota nos títulos que são atribuídos, pois serão sempre escassos.

3.2. Reino dos Céus

O *Reino dos Céus* está bastante presente no Evangelho de Mateus. Fomos verificando que existem análises que são feitas com a questão do reino como pano de fundo, como é o caso de Charles R. Erdman. Esta é uma expressão que é utilizada pelo autor de forma intencional. De facto, “Mateus usa a expressão *Reino dos Céus* 31 vezes e apenas 4 vezes a expressão, comum a Marcos e Lucas, *Reino de Deus* (Mt 12, 28; 19, 24; 21, 31.43)”⁹⁶. De igual modo, fica presente a intencionalidade do autor em evitar a utilização da expressão ‘Reino de Deus’, isto porque “«Céus» é uma circunlocução para evitar dizer Deus”⁹⁷. As raízes e influências judaicas do autor do Evangelho de Mateus ficam mais uma vez expostas.

São já variadas as formas de tratar ou apelidar o Evangelho de Mateus. Porém, existem autores que o apelidam de “Evangelho do Reino”⁹⁸. Uma primeira razão para justificar esta denominação é o número de vezes que a palavra Reino surge: são mais de 50 vezes, se utilizarmos a contagem de António Couto⁹⁹. Apesar de serem dados importantes, importa olhar para a pertinência da utilização desta expressão. Não é já surpresa, na nossa análise, perceber através da teologia de Mateus, que a expressão liga o Antigo e o Novo Testamento, ou seja, voltamos a um ‘cumprimento’ das Escrituras e sua realização em Cristo. Curtis Mitch e Edward Sri assumem que “o reino dos céus é a divina perfeição do antigo reino de David (...) um novo e definitivo David”¹⁰⁰, Jesus Cristo.

⁹⁶ J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, p. 367.

⁹⁷ A. COUTO, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, p. 17.

⁹⁸ C. MITCH - E. SRI, *The Gospel of Matthew*, p. 23.

⁹⁹ Cf. A. COUTO, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, p. 17.

¹⁰⁰ C. MITCH - E. SRI, *The Gospel of Matthew*, p. 24.

Não obstante, deve chamar-se a debate o problema do *já* e *ainda não*, onde se pode questionar se já veio ou ainda está para vir¹⁰¹. Se por um lado temos Jesus a afirmar “Convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu” (Mt 4, 17), por outro podemos ver a expressão “O Reino do Céu é semelhante a...” (Mt 13, 31). Na primeira expressão deve ter-se em atenção que não é um acontecimento cronológico-histórico “porque o perfeito, na gramática grega, já indica uma ação começada no passado e continuada no presente”¹⁰². A segunda expressão, geralmente, introduz uma parábola, forma de Jesus falar de uma realidade que é difícil de captar pelo conhecimento humano. Daí que o Reino dos Céus (ou do Céu, dependente da tradução) é já uma realização em Cristo, mas ainda não conhecido na sua plenitude, ou seja, temos uma dimensão escatológica associada a esta temática pois, “para Mateus o importante é que Deus é soberano sobre tudo e que o seu governo irá um dia ser trazido a uma gloriosa consumação”¹⁰³.

Contudo, não há Reino sem Rei e “a ideia dominante em Mateus é de Jesus como Rei”¹⁰⁴, uma figura de Jesus pintada com cores de realeza. Esta ideia trespassa todo o seu Evangelho, desde a genealogia (Filho de David), passando pelo anúncio do reino, pelas parábolas do reino, pela entrada messiânica em Jerusalém, até à paixão (ante Pilatos), morte (título de Rei afixado na cruz) e ressurreição¹⁰⁵.

3.3. Igreja

Outra das coordenadas do Evangelho de Mateus é a questão da Igreja, a ponto de ser chamado o *Evangelho da Igreja*. Não só porque Mateus é o único nos Sinópticos a utilizar o termo *Igreja* (primeiro em Mt 16, 18 e depois duas vezes em Mt 18, 17) assim como por ser

¹⁰¹ Cf. J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, p. 370.

¹⁰² J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, p. 368.

¹⁰³ L. MORRIS, *The Gospel according to Matthew*, p. 8.

¹⁰⁴ W. BARCLAY, *The Gospel of Matthew: Vol. 1*, p. xxvi.

¹⁰⁵ “Basta reparar na simbólica do *tremor de terra* de 28,2 e compará-lo com o mesmo tremor de terra de 27, 51: a morte e a ressurreição formam uma endíades (*sic*) [N.A.: figura de expressão constituída pela justaposição de dois ‘substantivos’ unidos por uma conjunção] de abrangência humana e cósmica – a nova humanidade do Reino”. J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, p. 369.

uma obra em que “todas as partes discursivas deixam transparecer a vida da Igreja. Podemos descobrir os conflitos da comunidade e, até certo ponto, seus ministérios”¹⁰⁶. Mateus é o único Evangelho a “referir-se exclusivamente a esta comunidade eclesial”¹⁰⁷. Uma vez mais, o que encontramos nesta temática é o que poderemos encontrar transversalmente em todo o Evangelho de Mateus, nos mais variados sentidos, ou seja, Mateus é realmente um Evangelho que forma um bloco único e sólido, quanto à sua construção. Verifica-se isto em Mateus porque também neste ponto está a questão judaica, a questão do cumprimento, a novidade de Jesus, a centralidade de Jesus ou o reino de Deus. O que podemos identificar em Mateus, quando abordado pela questão da Igreja é que:

“é um evangelho judaico, mas é também um Evangelho da Igreja. O reino de Deus identifica-se claramente em Mt com a comunidade dos discípulos, comunidade que se identifica com o mesmo Jesus. Mt não tem a ideia paulina de corpo ou joanina da vida, mas Jesus está presente ali onde se reúnem dois ou três em seu nome”¹⁰⁸.

A Igreja de Mateus é uma Igreja de reunião, com um profundo sentido de comunidade, refletindo sobre as questões que estão presentes na comunidade, mas, acima de tudo, na mensagem de Cristo. A Igreja de Jesus Cristo só existe na reunião de dois ou três em seu nome (Cf. Mt 18, 20). Tudo o resto pode ajudar a formar comunidade, mas não é comunidade. Aliás, em certo sentido, a comunidade de Mateus teve de ser itinerante, como atrás vimos. Contudo, formou sempre Igreja no conceito de Mateus, em reunião, comunitária. Uma Igreja configurada com Cristo, com o reino de Deus. No entanto, este reino de Deus “não se identifica com a Igreja com uma identificação total. A plenitude do reino faz-se realidade apenas em um acontecimento escatológico”¹⁰⁹.

A Igreja de Mateus configura-se nessa realidade escatológica e comunitária. Identificação plena com a realidade de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

¹⁰⁶ R. A. MONASTERIO - A. R. CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, p. 318.

¹⁰⁷ C. MITCH - E. SRI, *The Gospel of Matthew*, p. 23.

¹⁰⁸ J. L. MCKENZIE, “Evangelio Segun San Mateo”, p. 169.

¹⁰⁹ J. L. MCKENZIE, “Evangelio Segun San Mateo”, p. 169.

Enquanto realidade comunitária, no Evangelho de Mateus, existe um “claro interesse na Igreja como uma organização”¹¹⁰. Nas duas passagens em que utiliza a expressão Igreja poderemos ver claramente isso. A Igreja é contruída sobre de Pedro, que afirma a divindade de Jesus Cristo, Filho de Deus (Cf. Mt 16, 16). Esta confissão de Pedro é uma confissão da Igreja, isto porque é sobre Pedro que é edificada a Igreja de Jesus Cristo (Cf. Mt 16, 18), logo toda a Igreja (comunidade) confessa a divindade de Jesus Cristo. Esta passagem está ainda ligada à comunidade por outro motivo, uma questão de organização e de coesão da própria comunidade onde Mateus escreve preencher um vazio “sentido pelas comunidades primitivas, sobre a autoridade que devia substituir Jesus Cristo”¹¹¹. Pedro é quem recebe um mandato direto de Jesus para governar a Igreja.

A segunda passagem (Mt 18, 17) é ainda mais concreta na aplicação da expressão Igreja enquanto comunidade, como refere R. T. France, “a referência não é para um único corpo universal mas para a ‘congregação’ local”¹¹². Nesta passagem, a apresentação à Igreja de quem peca não é para uma condenação severa senão para que seja possível ter sobre quem peca uma correção fraterna, para ter presente que as questões da comunidade devem ser resolvidas pela comunidade. Claro que depois existem outros problemas que podem surgir relacionados com isso. No entanto, subjacente em Mateus estava a ideia da organização comunitária. Para o bom funcionamento da comunidade as disputas eram para ser resolvidas pela Igreja. Isto mais que um pecado pessoal remete para um conflito entre elementos da comunidade e não tanto para conflitos interiores.

A Igreja de Mateus é a Igreja de Cristo, com os fundamentos cristológicos, não apenas escatológica, mas de igual modo como realidade terrena, comunitária. É uma Igreja que tem ainda presente os discípulos, a figura de Pedro, os conflitos com o judaísmo ou ainda os conflitos da própria comunidade¹¹³.

¹¹⁰ L. MORRIS, *The Gospel according to Matthew*, p. 4.

¹¹¹ J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, p. 378.

¹¹² R. T. FRANCE, *Matthew...*, p. 20.

¹¹³ Cf. R. A. MONASTERIO - A. R. CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, pp. 318-327.

Este foi um dos Evangelhos mais acolhidos pelas comunidades primitivas, ou ainda pelos padres da Igreja, por ter sido escrito, de uma forma mais vinculada, para a vida das comunidades, por ser orientador, porque para Mateus “interessa mais a ortopraxis e menos a ortodoxia”¹¹⁴, ou porque pode ser visto como “um livro de bolso para o ensinamento e administração da igreja (...) comparada a sua forma com Manual dos Discípulos de Qumrân”¹¹⁵.

¹¹⁴ J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, p. 380.

¹¹⁵ G. D. KILPATRICK, *The Origins of the Gospel according to St. Matthew*, Clarendon, Oxford, 1946, p. 70.

CAPÍTULO II

O *LOGION* DE MT 11, 25-30

II. O *Logion* de Mt 11, 25-30

Ao longo das páginas anteriores fomos aprofundando as questões mais relevantes do o Evangelho de Mateus que, fruto dessa análise, se poderão transpor para a passagem em questão. O objetivo não foi o de uma análise exaustiva dessas questões e respetivo debate, mas sim colocar em evidência os consensos que se foram alcançando, que são comumente aceites na discussão contemporânea sobre este Evangelho. Por outro lado, verificar que todas essas questões irão estar presentes, de forma implícita ou explícita, na análise posterior (teológica) de Mt 11, 25-30.

Neste ponto, acrescentaremos três aspetos ainda em falta ao nosso enquadramento: a apresentação do texto de Mateus em grego e uma proposta de tradução que irá acompanhar a análise ao texto, a questão da passagem em si e o seu enquadramento literário, as intertextualidades que são apontadas ao dito (as mais relevantes).

Não deixamos de ter presente que tipo de trabalho está a ser feito e o âmbito do mesmo, pois, “através da tradição consagrada e leitura repetida, as passagens bíblicas tornaram-se de tal forma incorporadas nas nossas mentes que geralmente falhámos a aplicar a elas as mesmas leis de raciocínio que aplicaríamos a outras matérias de leitura”¹¹⁶. Os textos, como chegaram até nós, são fruto de revisões, onde, para além de fazerem parte de uma tradição, são alvo de estudo académico que ao longo dos tempos se tem esforçado para os compreender. Portanto, não estamos a falar de algo que está definitivamente estudado e encerrado, mas, pelo contrário, de um trabalho permanente, que conta com contínuas revisões, em especial nos primeiros séculos¹¹⁷.

¹¹⁶ P. WINTER, “Matthew XI 27 and Luke X 22 from the First to the Fifth Century: Reflections on the Development of the Text”, in *Novum Testamentum* 1.2 (1956) p. 131 (acedido em 30 Dezembro 2015) [<http://www.jstor.org/stable/1560062>].

¹¹⁷ “Various motives guided the continuous revisions of the text; amongst them there was notably the tendency: a) to polish the grammatical and stylistic appearance of the text and to exclude uncouth Semitism which were offensive to the Greek ear; b) to harmonize the text of one gospel with that of another; c) to suppress readings, sometimes at the price of excluding whole verses, that were susceptible of giving opportunity for an interpretation not in agreement with communal policy (for instance, an exegesis which seemed to favor heretical views)”, (P. WINTER, “Matthew XI 27 and Luke X 22 from the First to the Fifth Century (...)”, p. 136).

A apresentação do texto grego e respetiva proposta de tradução ajudará, em primeiro lugar, na compreensão de muitas das questões que são colocadas a esta passagem. Não sendo essencialmente de índole teológica, serão levantadas no próximo capítulo, têm a ver com a passagem em si, aquilo que podemos retirar enquanto construção, enquadramento ou origem. Colocar no final do capítulo, embora que compreensível e aceitável, iria trazer algumas perdas de compreensão quer das questões quer das diversas argumentações.

Como já referido, a passagem é suscetível de levantar inúmeras questões. Tomemos, como exemplo, um apanhado (mais ou menos exaustivo) de muitas das questões que são feitas por Dale C. Allison, Jr:

“Levará 11:25-30, com o seu paralelo parcial em Lucas 10:21-22, de volta a Jesus no todo ou em parte? Referia-se Jesus a Ele mesmo como ‘o Filho’? O que se querará dizer exatamente com ‘apenas o Pai conhece o Filho’ e ‘apenas o Filho conhece o Pai’? Qual é o significado de πάντα em ‘tudo me foi entregue pelo Meu Pai’? Estão os nossos textos gregos atuais adulterados? Qual é o fundo [background] de Mat. 11:25-30 na história das religiões? Alguns pensaram isto profundamente semítico, outros claramente helenista, outros um produto de um ‘sincretismo Judeu Helenista’. De novo, terá a passagem sinóptica o seu fundo na tradição da Sabedoria [Wisdom]? Ou é melhor iluminado pelos pergaminhos do Mar Morto? Seria Mat. 11:25-30 uma unidade em Q? Ou talvez 11:25-30 seja da tradição especial de Mateus ou talvez da própria mão de Mateus? Ou talvez tenha um pouco dos dois? Ainda sujeito a debate tem sido a relação entre Mat. 11:25-30 e Eclesiástico 51. Pode-se pressupor uma dependência direta, ou os dois textos incorporam um esquema tradicional comum pertencente à ‘literatura mística filosófica do Oriente’?”¹¹⁸

Como podemos verificar, são inúmeras as questões. Poderíamos ainda acrescentar outras, como por exemplo a ligação com o quarto Evangelho. No essencial, estas são as questões mais relevantes. O objetivo não passa por responder a cada uma de forma particular ou exaustiva. Pretende-se sim, com uma análise mais geral, que cada uma das questões possa ser compreendida na visão geral de todo o trabalho.

¹¹⁸ D. C. ALLISON JR, “Two Notes on a Key Text: Matthew 11:25-30”, in *The Journal of Theological Studies, New Series* 39.2 (1988) pp. 477-478 (acedido em 7 Janeiro 2016) [<http://www.jstor.org/stable/23964211>].

1. Texto e tradução

Se o Evangelho de Mateus, ou mesmo esta passagem em concreto, tem gerado bastante discussão académica sobre os seus diferentes aspetos, o mesmo não acontece, à mesma escala, com a tradução do grego para o português¹¹⁹. Não existindo uma versão oficial da Conferência Episcopal Portuguesa, seguiremos a tradução da Difusora Bíblica¹²⁰, que usaremos no decurso deste trabalho. Esta tradução (e edição) está em total concordância com a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP). É uma tradução das mais utilizadas em Portugal, tornando-se mais familiar para o leitor.

Ainda que existam muito poucas discordâncias quanto às traduções (oficiais e aprovadas pela CEP) para português, trataremos de, apresentada a versão em grego e a sua correspondente tradução da Difusora Bíblica para português, apresentar outras alternativas de tradução para algumas palavras, sempre que a considerarmos relevante.

1.1. Texto

Assumimos a versão do texto em grego de E. Nestle e K. Aland, uma versão deveras conhecida e, de igual modo, trabalhada por grande parte dos autores por nós citados neste estudo:

“11.25 Ἐν ἐκείνῳ τῷ καιρῷ ἀποκριθεὶς ὁ Ἰησοῦς εἶπεν, Ἐξομολογούμαί σοι, πάτερ, κύριε τοῦ οὐρανοῦ καὶ τῆς γῆς, ὅτι ἔκρυψας ταῦτα ἀπὸ σοφῶν καὶ συνετῶν καὶ ἀπεκάλυψας αὐτὰ νηπίοις· 11.26 ναὶ ὁ πατήρ, ὅτι οὕτως εὐδοκία ἐγένετο ἔμπροσθέν σου.

¹¹⁹ O Evangelho de Mateus chegou até nós pela língua Grega. Verificámos que existe diferentes opiniões quanto à possibilidade da existência de um manuscrito em hebraico escrito pelo próprio Mateus. Registamos e apontámos as diferentes posições e argumentos. Mesmo que aceitando a sua existência não o temos de forma direta, só temos os relatos sobre a existência do mesmo. Contudo, só poderemos seguir o que existe e neste caso é o grego.

¹²⁰ *Bíblia Sagrada (Para o Terceiro Milénio da Encarnação)*, Difusora Bíblica, Lisboa, 2001³.

11.27 Πάντα μοι παρεδόθη ὑπὸ τοῦ πατρός μου, καὶ οὐδεὶς ἐπιγινώσκει τὸν υἱὸν εἰ μὴ ὁ πατήρ, οὐδὲ τὸν πατέρα τις ἐπιγινώσκει εἰ μὴ ὁ υἱὸς καὶ ὃ ἐὰν βούληται ὁ υἱὸς ἀποκαλύψαι.

11.28 Δεῦτε πρὸς με πάντες οἱ κοπιῶντες καὶ πεφορτισμένοι, καὶ γὰρ ἀναπαύσω ὑμᾶς.

11.29 ἄρατε τὸν ζυγὸν μου ἐφ' ὑμᾶς καὶ μάθετε ἀπ' ἐμοῦ, ὅτι πραῦς εἰμι καὶ ταπεινὸς τῇ καρδίᾳ, καὶ εὐρήσετε ἀνάπαυσιν ταῖς ψυχαῖς ὑμῶν. 11.30 ὁ γὰρ ζυγὸς μου χρηστὸς καὶ τὸ φορτίον μου ἐλαφρόν ἐστιν”¹²¹.

1.2. Tradução

“²⁵Naquela ocasião, Jesus tomou a palavra e disse: «Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos. ²⁶Sim, ó Pai, porque isso foi do teu agrado.

²⁷Tudo me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.»

²⁸«Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos. ²⁹Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. ³⁰Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.»”¹²².

Quanto ao texto em português - tendo já sido justificada a escolha desta tradução - deve ter-se presente que existem outras versões com diferenças assinaláveis na tradução. É o caso de uma edição da Paulus¹²³, com uma vertente mais pastoral que também está muito difundida em

¹²¹ E. NESTLE – K. ALAND, *Novum Testamentum Graece, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1995*²⁷, p. 28.

¹²² *Bíblia Sagrada (Para o Terceiro Milénio da Encarnação)*, p. 1585.

¹²³ “²⁵Naquele tempo, Jesus disse: «Eu Te louvo, Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. ²⁶Sim, Pai, porque assim foi do Teu agrado. ²⁷Meu Pai entregou-me tudo a mim. Ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho e aquele a quem o Filho O quiser revelar. ²⁸Vinde a Mim todos os que estais cansados de carregar o peso do vosso fardo e Eu vos darei descanso. ²⁹Carregai a minha carga e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de

Portugal. Ou ainda a versão do lecionário, que é lida no Décimo Quarto Domingo do Ano A¹²⁴ (esta passagem é lida, como Evangelho, em muitos outros momentos litúrgicos). Quanto às traduções, assumidas e referenciadas, são todas de vertente católica.

Uma tradução não pretende ser uma cópia fiel no sentido de traduzir palavra a palavra exatamente como apresentada. Carece de contexto, de interpretação na língua para a qual será traduzida. Existem particularidades, em especial linguísticas, mas também culturais, que não permitem que a tradução seja absolutamente *ipsis verbis* em relação ao original. Tenta-se sempre chegar o mais próximo possível e que, no essencial, a ideia seja aquela que está presente no texto.

A tradução assumida é uma das traduções possíveis. Tem algumas palavras e expressões que poderiam ser diferentes, quer seja pela tradução direta da palavra ou pelo enquadramento literário ou teológico.

1.3. Análise

Analisaremos agora algumas palavras que, pela sua relevância, nos ajudarão na compreensão teológica do próximo capítulo:

- a) Um dos primeiros casos é a palavra “καρπῶ”, substantivo que está no dativo masculino singular. Na tradução por nós assumida está como ‘ocasião’, outras

coração, e encontrareis descanso para as vossas vidas. ³⁰Porque a minha carga é suave e o meu fardo é leve»”. *Bíblia Sagrada (edição Pastoral)*, p. 1386.

¹²⁴ “Naquele tempo, Jesus exclamou: «Eu te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, Eu Te bendigo, porque assim foi do Teu agrado. Tudo me foi dado por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e a minha carga é leve»”. *Missal Quotidiano – Dominical e Ferial*, Paulus, Lisboa, 2014⁴, p. 1546.

traduções têm ‘tempo’. Uma das traduções possíveis seria ‘tempo conveniente’, ou ‘tempo favorável’. Remete para o tempo “*determinatum*”¹²⁵.

- b) A palavra imediatamente a seguir, no texto grego, também pode ter diferentes traduções, falámos de “ἀποκριθεὶς”. É um verbo no aoristo particípio passado, nominativo masculino singular. Temos traduzido por ‘tomou a palavra’. Em algumas traduções está simplesmente omissa. Uma tradução mais conveniente seria ‘respondeu’.
- c) A palavra “Ἐξομολογοῦμαι”, verbo no presente do indicativo da primeira pessoa do singular, que temos traduzida por ‘bendigo’, onde em conjunto com “σοι” temos ‘bendigo-Te’ ou ‘Te bendigo’, tem outras traduções possíveis como ‘confessar’ ou ‘reconhecer’. Max Zerwick, para além de apresentar estas mesmas traduções (em Latim *profiteor* e *agnosco*) acrescenta uma outra: “*celebro*”¹²⁶, ou seja, ‘festejar’, ‘celebrar’.
- d) É comum a tradução de “ἐκρυψας”, verbo no aoristo indicativo ativo da segunda pessoa singular, para ‘escondeste’. Esta palavra (κρυπτω) pode ainda querer dizer “ocultar, dissimular, proteger ou defender”¹²⁷. Daqui deriva a palavra portuguesa encriptar, uma forma de esconder algo que apenas é possível revelar a quem tiver a chave de descodificação, de descriptação.
- e) As duas palavras “σοφῶν (καὶ) συνετῶν” estão traduzidas por sábios e entendidos. São dois adjetivos, genitivo masculino plural. De notar que, por exemplo “σοφῶν” pode ser ainda traduzido quer para “prudente” ou ainda “engenhoso, astuto”¹²⁸, o que podem ser palavras entendidas em sentidos

¹²⁵ M. ZERWICK, *Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci*, Sumptibus Pontificii Instituti Biblici, Romae, 1984⁴, p. 27.

¹²⁶ M. ZERWICK, *Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci*, p. 27.

¹²⁷ I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, p. 534.

¹²⁸ I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, p. 523.

diferentes. Já a palavra “συνετῶν” pode ser ainda entendida por “inteligente”¹²⁹ ou ainda por “*prudens*”¹³⁰ (‘sensato’).

- f) A palavra “εὐδοκία”, um substantivo, nominativo feminino singular, está traduzida por ‘agrado’. Pode ainda ser traduzida para “*vontade, decreto*”¹³¹.
- g) “Πάντα”, adjetivo, nominativo neutro plural, está traduzido por ‘tudo’. Pode ser traduzida, embora aqui de forma mais literal, por ‘todas as coisas’.
- h) O verbo “ἐπιγινώσκει”, no presente do indicativo ativo, terceira pessoa singular, está traduzida por ‘conhece’¹³². Entre as possibilidades de tradução está ‘reconhecer’.
- i) Do v. 28 olhámos para três palavras: “κοπιῶντες” traduzida por *estais cansados*, “πεφορτισμένοι” traduzida por ‘oprimidos’ e “ἀναπαύσω” traduzida por ‘hei-de aliviar-vos’. “Κοπιῶντες (κοπιᾶω)”, verbo no particípio presente ativo, vocativo masculino plural, pode ainda ser traduzida por “*trabalhar, afadigar-se*”¹³³, ou ainda ‘cansadamente’ “*cum defatigatione*”¹³⁴. Esta palavra está relacionada com “κόπτω” que se pode traduzir por “*golpear, ferir, dar golpes no peito em sinal de dor*”¹³⁵, ou seja, poderíamos traduzir por ‘trabalhais arduamente’, embora seja difícil dar o sentido pleno na tradução que é a de um cansaço físico e psicológico. Outra ênfase necessária é que este cansaço é imposto, daí a palavra “πεφορτισμένοι”, verbo no particípio perfeito médio ou passivo, vocativo masculino plural, está traduzida por ‘oprimidos’, mas podemos traduzir por ‘estais sendo sobrecarregados’. Esta palavra de raiz

¹²⁹ I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, p. 555.

¹³⁰ M. ZERWICK, *Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci*, p. 27.

¹³¹ A palavra “ἐγένετο” (que está junto da palavra “εὐδοκία”), verbo no aoristo médio indicativo na terceira pessoa singular, na sua raiz “γίνομαι”, pode querer dizer “*fazer-se ser, nascer, pertencer a, ser de*”.

¹³² Outras traduções possíveis seriam “*aprender a conhecer, saber, reconhecer, ter relações íntimas com*”. I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, p. 114.

¹³³ I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, p. 328.

¹³⁴ M. ZERWICK, *Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci*, p. 28.

¹³⁵ I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, p. 329.

φορτίζω (carregar), está relacionada com φέρω que, entre outras, pode traduzir-se por “*levar em cima, levar em si, suportar, carregar com, levar a outra parte*”¹³⁶.

Já “ἀναπαύσω”, verbo no futuro do indicativo ativo, primeira pessoa do singular, que deriva de ἀνα-παύω que se pode traduzir por “*fazer cessar, fazer descansar*”¹³⁷ pode ter mais expressão se traduzida para ‘darei descanso’.

j) Do v. 29, a palavra “πραῦς”, adjetivo, nominativo masculino singular, que está traduzida por ‘manso’. Pode assumir diferentes traduções como “*doce, suave, indulgente*”¹³⁸. Por vezes, é assumida a tradução de ‘suave’ para esta palavra.

k) Por fim, do v. 30 a palavra χρηστὸς, adjetivo, nominativo masculino singular. A tradução recorrente para português é de ‘suave’. Esta palavra pode ainda ser traduzida para “*proveitoso, de boa qualidade, virtuoso, nobre, feliz, bom*”¹³⁹, “*bonus ad usum (bom uso)*”¹⁴⁰ ou ainda enquanto “palavra de grande amplitude e pode significar qualquer coisa desde ‘útil’ e ‘adequado’ como ‘bom’ e ‘dócil’ [amável, gentil]”¹⁴¹.

A passagem Mt 11, 25-30 tem muitas outras palavras que poderiam ser exploradas, enquanto tradução e sentido que delas podemos retirar e possível modificação das traduções portuguesas que nos são hoje apresentadas. Contudo, o âmbito deste trabalho não é essa análise exaustiva, mas sim apontar as palavras que vão gerando um pouco mais de debate tê-las presentes quando analisarmos a passagem. Embora tendo nós já assumido uma tradução bem conhecida e corrente em Portugal, fica a sugestão de possíveis modificações¹⁴².

¹³⁶ I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, p. 609.

¹³⁷ I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, p. 609.

¹³⁸ I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, p. 609.

¹³⁹ I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, p. 633.

¹⁴⁰ M. ZERWICK, *Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci*, p. 28.

¹⁴¹ J. NOLLAND, *The Gospel of Matthew*, Eerdmans, Grand Rapids, 2005, p. 478.

¹⁴² Uma possível tradução nossa: “²⁵Naquele tempo, Jesus respondeu e disse: «Dou-te graças, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. ²⁶Sim, ó Pai, porque assim foi da Tua vontade. ²⁷Tudo me foi entregue por meu Pai; ninguém reconhece o Pai senão o Filho,

2. Enquadramento literário

Com o enquadramento literário pretendemos começar a direcionar de forma gradual, mas cada vez mais vinculada, o foco da atenção para aquilo que é o objeto e natureza do nosso estudo.

2.1. Contexto amplo

O contexto amplo em que se insere Mt 11, 25-30 é matéria de diversas interpretações. Algumas são mais restritas, no seu enquadramento, outras mais alargadas. Já anteriormente verificámos diferentes possibilidades de estrutura do Evangelho¹⁴³ que orientam para diferentes enquadramentos. Não estamos a falar de mudança de sentido profundo do dito, ou mesmo daquilo que foi dito. Contudo, é necessário ter presente que a forma como enquadrámos a passagem, como delimitámos o contexto e, seguidamente, como delimitámos e dividimos a própria passagem vai proporcionar leituras diferentes¹⁴⁴.

Foi já apresentada uma estrutura, no primeiro capítulo, que poderíamos designar de estrutura macro, uma vez que representa todo o Evangelho de Mateus. Neste ponto, carece de ser apresentada uma estrutura que podemos designar por micro, ou seja, uma estrutura de enquadramento da passagem em análise, porque não podemos, de todo, expor todos os diferentes enquadramentos, apresentaremos o essencial para a compreensão da matéria em análise. Adelbert Denaux resume com grande mestria esta questão:

“Mateus preservou a ligação entre a ação de graças de Jesus ao Pai (11, 25-27) e as desgraças a cair nas cidades da Galileia (11, 21-24). Ele adiciona, de forma muito

como ninguém reconhece o Filho senão o Pai e aquele a quem o Filho o quiser revelar. ²⁸Vinde a mim todos aqueles que trabalhais arduamente e estais (sendo) sobrecarregados e eu vos darei descanso. ²⁹Tomai o meu jugo sobre vós e aprendei de mim porque sou suave e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito.

³⁰Pois o meu jugo é dócil e o meu fardo leve»”.

¹⁴³ Conferir capítulo anterior em: I.2.2 estrutura.

¹⁴⁴ Uma leitura diferente não significa, de todo, que seja melhor ou pior. Uma leitura diferente, se devidamente fundamentada, vai acrescentar valor ao trabalho realizado até então. Uma leitura diferente abre o leque das possibilidades de interpretação do dito, levando a uma maior abertura da interpretação.

apropriada, o convite de Jesus para tomar o seu jugo (11, 28-30), compondo assim uma nova unidade literária (11, 25-30). Contudo, ele coloca esta unidade num contexto diferente do de Lucas ou Q. Muitos académicos interpretam Mt 11, 25-30 em relação com ambos 11, 2-24 ou 11, 2 - 12,50. Celia Deutsch propôs uma terceira possibilidade: a secção 11, 2 – 13, 58. Mt 11, 2 - 13, 58 revela, por um lado, os motivos importantes da rejeição de Jesus pelos seus oponentes, por outro, o julgamento de Jesus desses oponentes. Mas, existe ainda, neste contexto amplo, um paralelo dinâmico que é igualmente importante para a nossa compreensão de 11, 25-30. Em 11, 1 – 13, 58 existem também temas de revelação e dissimulação, por um lado, e o testemunho de Jesus acerca daqueles que recebem as suas palavras e atos, por outro. Revelação e divulgação da identidade de Jesus são o contexto para o motivo de rejeição”¹⁴⁵.

Verificámos, de imediato, que existem três enquadramentos fundamentais para Mt 11, 25-30: apenas o capítulo 11; os capítulos 11 e 12; os capítulos 11, 12 e 13.

Um enquadramento apenas com o capítulo 11 pode ser importante, se tivermos presente a palavra ‘respondeu’ de 11, 25. Isto porque, de certa forma, coloca em relação direta 11, 25-30 com o restante capítulo 11, enquadrando-o no mesmo assunto. Contudo, não é suficiente para absorver todo o enquadramento necessário para a passagem.

Em todo o caso, a temática exposta no capítulo 11 não se esgota nesse capítulo. Daí que alguns académicos utilizem os capítulos 11 e 12 para balizarem em um contexto amplo Mt 11, 25-30. É o caso de Samuele Bacchiocchi que o divide os capítulos 11 e 12 em três partes: rejeição (11, 1-24) – revelação (11, 25 – 12, 13) – rejeição (12, 14 - 50)¹⁴⁶. No essencial, temos

¹⁴⁵ A. DENAUX, “The Q-Logion Mt 11,27 / Lk 10,22 and the Gospel of John”, *Studies in the Gospel of Luke: structure, language and Theology*, LIT, Berlin, 2010, pp. 120-121.

¹⁴⁶ Esta divisão é apresentada com mais detalhe no seu trabalho: Cf. S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30: Jesus’ Rest and the Sabbath”, in *Andrews University Seminary Studies* 22.3 (1984) pp. 289-316 (acedido em 10 Julho 2015) [http://www.auss.info/auss_publication_file.php?pub_id=697&jo].

toda a passagem centrada na revelação¹⁴⁷, contudo, “o tema da oposição precede e segue à passagem e é central em ambos os capítulos”¹⁴⁸, logo, estão interligados.

O enquadramento de Mt 11, 25-30 dentro dos dois capítulos seria dos mais aceites, sem grandes dificuldades. Porém, Celia Deutsch vai apresentar uma nova proposta que vai ser acolhida e considerada, onde afirma que “nenhum comentador, até à data, interpretou 11, 25-30 à luz de 11, 2 – 13, 58”¹⁴⁹. O grande contexto da passagem é apresentado como sendo a rejeição de Jesus, contudo, “devemos afirmar que o material é bem mais complexo. Retrata, ao invés, uma variedade de respostas ao ministério de Jesus do ensino e cura”¹⁵⁰. Se por um lado nos é relativamente simples aceitar um enquadramento com os capítulos 11 e 12, o mesmo não é, se acrescentarmos o capítulo 13. Porém, essa é a proposta com esta terceira alternativa. Para além dos temas apresentados para a justificação desta divisão¹⁵¹, “Mt 11, 2 – 13, 52 está ligado por declarações fórmula que no Evangelho de Mateus marcam a transição dos blocos do material discursivo para as secções narrativas: «quando Jesus acabou de dar estas instruções aos doze discípulos» [cf. 11, 1 e 13, 53] (...) é constituída por duas grandes subsecções: o material narrativo e dito [logia] de 11, 2-12, 50 e o discurso em parábolas de 13, 1-52. Toda a unidade é concluída por 13, 53-58”¹⁵².

A oposição de Jesus não se esgota com a revelação de 11, 25-30, assim como a revelação não acontece apenas nessa passagem. Se a alternativa de enquadramento com os capítulos 11 e 12 funciona, a terceira alternativa é um contributo que traz valor acrescentado, pois os temas

¹⁴⁷ “Estes capítulos 11-12 são evidentemente uma composição teológica de Mateus: algumas repetições de passagens anteriores permitem-lhe assinalar como vai crescendo o drama. Algumas correspondências internas vão organizando estes textos em torno dum eixo central: o grito jubiloso de Jesus. Este grito que costuma designar-se como o «hino de júbilo» (11,25-30), constitui o coração desta secção e dá-lhe sentido”. AA. VV., *Para ler o Evangelho segundo S. Mateus*, Difusora Bíblica, Lisboa, 2004², pp. 35-36.

¹⁴⁸ S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30...”, p. 290.

¹⁴⁹ C. DEUTSCH, *Hidden Wisdom and the Easy Yoke: Wisdom, Torah and Discipleship in Matthew 11.25-30*, JSOT, Sheffield, 1987, p. 22.

¹⁵⁰ C. DEUTSCH, “Wisdom in Matthew: Transformation of a Symbol”, in *Novum Testamentum* 32.1 (1990) p. 32 (acedido em 7 Janeiro 2016) [<http://www.jstor.org/stable/1560675>].

¹⁵¹ Conferir, neste mesmo ponto, a citação em destaque de Adelbert Denaux

¹⁵² C. DEUTSCH, *Hidden Wisdom and the Easy Yoke...*, p. 22.

da revelação e rejeição continuam pelo capítulo 13. Esta é uma atualização importante, pois coloca em evidência Mt 11, 25-30 e, em certo sentido, a sua centralidade.

2.2. Contexto próximo

Ao longo das páginas anteriores, fomos atestando de uma certa complexidade na abordagem a esta temática. É uma passagem que suscita grande interesse a todos os níveis, particularmente a nível académico. O desafio passa por, de uma forma simples, decodificada e resumida, apresentar a variedade de interpretações e conclusões dos trabalhos que, muitas das vezes, se apresentam com especificidades de detalhe importantes para o quadro geral. Certamente que, neste breve contexto, teremos todos esses detalhes em palimpsesto, apresentando apenas os traços gerais.

O que é relevante trazer à discussão são alguns aspetos inerentes à análise do texto em si. São várias as análises que nos dão conta da discussão académica em torno do Evangelho e da passagem sobre os mais variados pontos de vista¹⁵³, muitas das discussões já explanadas anteriormente. É um texto que tem uma pluralidade de leituras e análises, que tem prendido a atenção dos investigadores, intrigando-os em vários pontos de vista como “a sua unidade, a sua forma, a sua relação com a literatura comparativa, a sua Sabedoria Cristológica”¹⁵⁴. Esta passagem chega a ser apontada como contendo “talvez os mais importantes versos nos Evangelhos Sinóticos”¹⁵⁵.

¹⁵³ Algumas obras de relevo estão escritas em Alemão, língua não dominada neste trabalho. Tomámos conhecimento do seu pensamento através de outros autores que, com o cruzamento de diferentes leituras, chegámos à ideia principal: Cf. E. NORDEN, *Agnostos Theos; Untersuchungen Zur Formgeschichte Religiöser Rede*, B. G. Teubner, Berlin, 1913; Cf. T. AVERDSON, *Das Mysterium Christi: eine Studie zu Mt 11.25-30*, Alfred Lorentz, Leipzig, 1937; Cf. J. WEISS, “Das Logion Mt. 11, 25-30”, in *Neutestamentliche Studien für Georg Heinrich zum 70. Geburtstag*, Heinrich, Leipzig, 1914, pp. 120-129; Cf. E. MEYER, *Ursprung und Anfänge des Christentums, Vol. 1*, J. G. Cotta, Berlin, 1921; M. DIBELIUS, *Die Formgeschichte des Evangeliums*, Mohr, Tübingen, 1919.

¹⁵⁴ C. DEUTSCH, *Hidden Wisdom and the Easy Yoke...*, p. 13.

¹⁵⁵ A. M. HUNTER, “Crux Criticorum – Matt. 11:5-30 – A Re-appraisal”, in *NTS* 8 (1962) p. 241.

Um dos pontos da questão tem a ver com o paralelo que é encontrado em Lucas, isto porque na tradição de Mateus “o dito”¹⁵⁶ nos vv. 28-30 segue a ação de graças ao Pai (vv. 25-27) e está relacionado com isso, enquanto o Evangelho de Lucas (10, 21-22) contém a «ação de graças ao Pai» mas não o nosso dito”¹⁵⁷, ou seja, apenas os vv. 25-27 têm paralelo com Lucas 10, 21-22. A questão é imediatamente colocada: por que Lucas não coloca o dito como Mateus? Existem diferentes tentativas de justificação. Uma delas aponta para a omissão deliberada por parte de Lucas, dado que “estava evidentemente ansioso para ligar a passagem com o incidente do regresso dos discípulos”¹⁵⁸. Esta teoria fez escola durante algum tempo, com investigadores como E. Norden e M. Dibelius a sustentarem que “Mt 11, 28-30 pertencia originalmente a Q mas foi omitido por Lc”¹⁵⁹. A grande argumentação prendia-se no paralelo com Eclesiástico, 51. Porém, entre outros problemas, “o suporte principal da tese de Norden de um esquema litúrgico de três-estrofes evidente em Eclo, 51 e 11, 25-30 foi colocado em questão com a descoberta de 11QPs^a Sirac que mostra (...) que Eclo, 51 não era uma unidade original”¹⁶⁰. Assim, Mt 11, 25-30 não deriva apenas de uma fonte, mas de uma outra que pode ser considerada de fonte M (de Mateus). Não há motivos para que Lucas tenha omitido qualquer parte do dito se ele estivesse presente na fonte Q, Mt 11, 28-30 procede de um fundo especial. É provável, por razões de conteúdo, que o próprio Mateus o tenha agregado a vv 25-27. Contêm mateismos, em particular o v 29b, quem sabe Mateus não criou esta parte textual ligada ao contexto por palavras chave”¹⁶¹.

Um outro aspeto assinalável é a forma de interpretar esta passagem. Os seus principais intérpretes dividem-se em duas classes principais: “aqueles que têm tentado explicar a

¹⁵⁶ Assumimos a palavra original para melhor compreensão do Leitor. *Logion*, do grego λογιον, “coleções de palavras de Jesus que desempenharam um certo papel na composição dos Evangelhos” J. DHEILLY, *Diccionario Biblico*, p. 736.

¹⁵⁷ H. D. BETZ, “The Logion of the Easy Yoke and of Rest (Matt 11:28-30)”, in *Journal of Biblical Literature* 86.1 (1967) p. 10 (acedido em 14 Junho 2015) [<http://www.jstor.org/stable/3263240>].

¹⁵⁸ E. F. SCOTT, “An Exegetical Study of Matt. 11:25-30”, in *The Biblical World* 35.3 (1910) p. 187 (acedido em 30 Dezembro 2015) [<http://www.jstor.org/stable/3141467>].

¹⁵⁹ J. S. KLOPPENBORG, “Wisdom Christology in Q”, in *Laval Théologique et Philosophique* 34.2 (1978) p. 134 (acedido em 14 Junho 2015) [<http://id.erudit.org/iderudit/705665ar>].

¹⁶⁰ J. S. KLOPPENBORG, “Wisdom Christology in Q”, p. 134.

¹⁶¹ U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, Sígueme, Salamanca, 2001, p. 269.

passagem somente à luz do Antigo Testamento, e, por outro lado, aqueles que têm traçado um padrão comum, em última análise derivando da *theosophy* [sabedoria de Deus] oriental, que emerge em Eclesiásticos 51”¹⁶². Uma e outra classe parecem querer colocar a compreensão da passagem à luz do Gnosticismo Helenista¹⁶³. Na investigação atual, com a cada vez mais especificação das análises, o número de divisões é já superior¹⁶⁴.

Uma questão fulcral, que se relaciona de forma muito direta com o nosso terceiro capítulo, é a divisão do texto. Por um lado, aponta-se uma unidade literária onde “E. Norden, M. Rist e T. Arvedson, figuras iniciais do debate, [todos] aceitam a unidade do texto, argumentando com base do material paralelo na literatura dos gentios e da judaica helenista”¹⁶⁵, por outro, “Bultmann, Betz e Suggs contestando tal visão, acreditando que a passagem é composta de dois, possivelmente três, ditos”¹⁶⁶. A matéria é muito semelhante à questão das fontes. Aliás, é esta relação das matérias entre si que acrescenta um pouco mais de complexidade.

As duas formas de divisão do texto não estão erradas, no sentido em que se sustentam. O debate é longo e envolve muitos outros autores para além dos já referenciados, ainda mais que as variáveis de todas estas questões são inúmeras, dariam para um trabalho independente. Para este trabalho importará reter que “será conveniente tomar [as passagens] separadamente, enquanto temos presente na nossa mente que elas formam um todo harmonioso”¹⁶⁷, uma “unidade coerente”¹⁶⁸, ou seja, reter que este não é um texto unitário - o que é já resultado seguro da investigação - contêm três ditos, mas já não se compreendem sem estarem relacionados.

¹⁶² W. D. DAVIES, “‘Knowledge’ in the Dead Sea Scrolls and Matthew 11:25-30”, in *The Harvard Theological Review* 46.3 (1953) p. 113 (acedido em 6 Maio 2015) [<http://www.jstor.org/stable/1508443>].

¹⁶³ Cf. W. D. DAVIES, “‘Knowledge’ in the Dead Sea Scrolls and Matthew 11:25-30”, p. 113.

¹⁶⁴ Verificámos isso, por exemplo, quando abordámos as intertextualidades (Cf. II.3).

¹⁶⁵ C. DEUTSCH, *Hidden Wisdom and the Easy Yoke*..., p. 13.

¹⁶⁶ C. DEUTSCH, *Hidden Wisdom and the Easy Yoke*..., p. 13. Sobre esta temática conferir ainda: R. BULTMANN, *The History of the Synoptic Tradition*, Harper & Row, New York, 1963; M. J. SUGGS, *Wisdom, Christology and Law in Matthew's Gospel*, Harvard UP, Cambridge, 1970.

¹⁶⁷ E. F. SCOTT, “An Exegetical Study of Matt. 11:25-30”, p. 187.

¹⁶⁸ S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30...”, p. 291.

Com uma divisão seguindo estritamente as fontes de Mt 11, 25-30, seria mais lógico que se fizesse uma divisão em dois ditos. No entanto, tendo em mente aquilo que já foi aceite anteriormente (formam um todo unitário), a divisão terá de ser em três ditos. São várias as leituras e comentários bíblicos que dividem o texto em três partes: (1) vv. 25-26, (2) v. 27, (3) vv. 28-30. Mais concretamente, nos vv. 25-26, temos uma doxologia ao estilo do Saltério, “sobretudo ao estilo dos hinos de Qumran”; no v. 27, “um *logion* peculiar que tem o paralelo mais próximo no evangelho de João”; por fim, nos vv. 28-30 a chamada do salvador que tem “o seu paralelo mais próximo dos convites judaicos à sabedoria”¹⁶⁹. De um outro ponto de vista, temos na primeira divisão uma ação de graças da revelação, que é dada aos humildes; na segunda, uma apresentação da relação do Filho com o Pai e uma revelação do Filho, nessa relação única; na terceira, o convite ao descanso, o jugo suave¹⁷⁰.

As divisões apresentadas introduzem a abordagem às três temáticas que nos propomos analisar: a revelação aos humildes, a relação Pai-Filho e o convite de Jesus para o jugo suave. O enquadramento das questões principais é, de igual modo, suficiente para irmos sendo introduzidos a estas temáticas.

3. Intertextualidades

Algo que vamos já tendo presente, na nossa leitura, é a complexidade da passagem, a par da sua pertinência e atração, ou seja, tem chamado a si muitas das investigações e análises bíblicas. É sempre positivo, contudo, aumenta a dificuldade pois surgem, de igual modo, inúmeras propostas. É necessário ir fazendo uma seleção e ficar apenas com o essencial para a abordagem. É o que se passa neste ponto. Diversos investigadores têm apresentado inúmeras

¹⁶⁹ U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, pp. 270-271.

¹⁷⁰ Cf. S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30...”, p. 291.

propostas de relações textuais, ou melhor, intertextualidades¹⁷¹. Seleccionaremos apenas três: o paralelo com Eclesiástico 51¹⁷², com Lc 10, 21-22 e com o Evangelho de João.

3.1. Eclesiástico 51

O paralelo de Mt 11, 25-30 com Eclesiástico 51 terá sido primeiramente avançado por David Friedrich Strauss. Contudo, é Eduard Norden que, colocando questões à argumentação de Strauss, vai confirmar esse paralelo e avançar com o mesmo esquema de divisão de Mt 11, 25-30, ou seja, vai dividir a passagem em três, tal como em Eclo 51¹⁷³. Esta divisão faz escola e é suportada por muitos outros autores. A divisão seria algo como¹⁷⁴:

Louvor ou Graças a Deus	Mt 11, 25-26	Eclo 51, 1-12
Receção da <i>gnosis</i> [<i>Sophia</i>] (conhecimento)	Mt 11, 27	Eclo 51, 13,22
Convite à humanidade	Mt 11, 28-30	Eclo 51, 23-30

Para além das temáticas se encaixarem bastante bem a linguagem utilizada, é também muito semelhante. Não seria descabido pensarmos em Eclo 51 como fonte de Mt 11, 25-30, onde, para além das coincidências verbais, correspondia a uma das características de Mateus, o conhecimento das Escrituras. Este paralelo foi inicialmente muito bem aceite e não eram levantadas grandes dúvidas que o colocassem em questão¹⁷⁵.

Não obstante a aceitação inicial, a proposta foi depois questionada, em especial com o surgimento dos documentos de Qumran (11QPs^a Sirac), como já referido anteriormente. No essencial, podemos resumir em quatro as questões levantadas. A primeira prende-se com a unidade de Eclo 51. Já verificarmos não ser uma unidade literária. Assim, a tese de Eduard Norden onde “ambos Mateus e Eclesiástico eram dependentes de um esquema literário

¹⁷¹ Conferir autores já citados como W. D. Davies, D. C. Allison Jr., ou J. S. Kloppenborg.

¹⁷² É também conhecido como livro Ben Sira.

¹⁷³ Cf. H. D. BETZ, “The Logion of the Easy Yoke and of Rest (Matt 11:28-30)”, p. 11.

¹⁷⁴ Conferir tabela em M. RIST, “Is Matt. 11:25-30 a Primitive Baptismal Hymn?”, in *The Journal of Religion*, 15.1 (1935) p. 66 (acedido em 30 Dezembro 2015) [<http://www.jstor.org/stable/1195817>].

¹⁷⁵ Cf. E. F. SCOTT, “An Exegetical Study of Matt. 11:25-30”, p. 190.

tripartido já existente”¹⁷⁶ cai por terra, não só pela descoberta de Qumran como através do “Evangelho de Tomé (dito 90) é agora sabido que o dito por trás de 11, 28-30 circulava independente de 11, 25-27”¹⁷⁷. A segunda questão prende-se com a omissão Lc 10, 21-22 da parte apresentada em Mt 11, 28-30. Se o dito forma um todo unitário, por que não está em Lucas? Não colhe a ideia do contexto imediato de Lucas, ou seja, na pressa de apresentar o regresso dos setenta (Lc 10, 17-20). A terceira questão prende-se com o facto de Jesus não terminar o dito em Mt 11, 25-30 da mesma forma que Eclo 51, ou seja, com o convite à *sophia*. Por fim, a quarta questão prende-se com Mt 11, 28-29 e Eclo 51, 23-27, onde são mais os contrastes que as semelhanças¹⁷⁸.

Mt 11, 25-30 não será uma reprodução quase literária de Eclo 51. Contudo, não é descabido, pelas inúmeras semelhanças, que possa ter servido de modelo, ainda que não único, para o dito de Mateus.

3.2. Lucas 10, 21-22

Já fomos verificando anteriormente que existe uma parte de Lucas que tem paralelo com o dito em estudo. Também podemos já reter que ambos partilham da mesma fonte, ou seja a fonte Q, onde “a introdução é redaccional em ambos os Evangelhos, pois só cabe supor que em Q os *logia* teriam igualmente uma introdução”¹⁷⁹. Para além de Lucas omitir Mt 11, 28-30, que já foi abordada nas páginas anteriores, temos apenas ligeiras diferenças entre os dois textos, essencialmente uma diferente colocação ou utilização da ordem da fonte Q e diferenças textuais.

¹⁷⁶ S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30...”, p. 312.

¹⁷⁷ J. S. KLOPPENBORG, “Wisdom Christology in Q”, p. 134.

¹⁷⁸ Cf. S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30...”, p. 312.

¹⁷⁹ U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, p. 270.

Quanto às diferenças dos ditos da fonte Q, Lucas é tido como o autor que utiliza a ordem original dos ditos da fonte Q¹⁸⁰. O dito utilizado tem um contexto mais amplo, tanto em Lucas como em Mateus, que é a missão dos discípulos¹⁸¹:

Mt 8, 19-22	Lc 9, 57-60
Mt 9, 37-38; 10, 7-16	Lc 10, 2-12
Mt 11, 21-23	Lc 10, 13-15
Mt 10, 40	Lc 10, 16
Mt 11, 25-27	Lc 10, 21-22
Mt 13, 16-17	Lc 10, 23b,24

Ao olharmos para a tabela, rapidamente verificámos que o contexto do dito é muito mais compacto em Lucas, ao passo que Mateus cria um contexto mais amplo, como aliás já tínhamos verificado no contexto próximo de Mateus. Outra conclusão imediata é que Lucas volta a utilizar a fonte Q imediatamente a seguir a 10, 21-22. Por seu lado, Mateus após 11, 25-30 apenas volta a utilizar a fonte Q no capítulo 13. Podemos concluir que Lucas ficou mais ligado à fonte Q que Mateus, o que vai de encontro aos aspetos literários de Mateus¹⁸².

As diferenças textuais fazem já parte de uma análise comparativa exaustiva dos dois ditos, uma vez que existe um amplo acordo, como verificámos, da partilha da fonte Q por ambos os evangelistas. Apesar dessas várias diferenças¹⁸³, consideradas como significantes em termos textuais¹⁸⁴, não afetam o paralelo entre as duas e, essencialmente, o grande contexto das mesmas que é a revelação do Pai (Lc 10, 21; Mt 11, 25-26) e a revelação através do Filho (Lc 10, 22; Mt 11, 27)¹⁸⁵.

No essencial, Mateus e Lucas estão muito próximos quanto à mensagem que querem transmitir com o dito. O contexto, como ambos o apresentam, é ligeiramente diferente. Lucas não coloca o dito presente em Mt 11, 28-30, mas não quer dizer que o omitisse, uma vez que

¹⁸⁰ Cf. A. DENAUX, “The Q-Logion Mt 11,27...”, p. 118.

¹⁸¹ Conferir tabela em A. DENAUX, “The Q-Logion Mt 11,27...”, p. 118.

¹⁸² Ver capítulo anterior I.2 Características Literárias.

¹⁸³ Cf. C. DEUTSCH, “Wisdom in Matthew...”, p. 36.

¹⁸⁴ Cf. P. WINTER, “Matthew XI 27 and Luke X 22 from the First to the Fifth Century...”, p. 127.

¹⁸⁵ Cf. A. DENAUX, “The Q-Logion Mt 11,27...”, pp. 118-122.

no presente é aceite, pela comunidade académica, que Mt 11, 28-30 provém de uma tradição independente “e foi ali introduzida por Mateus”¹⁸⁶. Com o acrescento deste dito M, toda a passagem ganha mais relevo e expressão, até no contexto em que se insere, de igual modo, “harmoniza com o AT e com a tradição da pessoa e ensinamentos de Jesus”¹⁸⁷.

3.3. Evangelho de João

A relação do Evangelho de João, aqui em específico com Mt 11, 25-30, tem sido fonte de muita discussão entre os académicos, em parte por existir uma tradição que vai separando os Evangelhos Sinóticos do Evangelho de João. Com uma referência breve ou longa, quase todos os estudiosos deste dito olham para esta relação. Para além da discussão, as posições relativas à aceitação deste paralelo vão-se alterando ao longo dos tempos entre uma não aceitação, uma aceitação com reservas e uma aceitação com propostas de identificação claras de paralelo entre a passagem em questão e algumas passagens de João que identificaremos. As dúvidas trespasam todo o século XX, aliás, como as afirmações. Contudo, começa a ser mais aceite uma identificação mais abrangente.

Podemos observar que o problema para a aceitação deste paralelo pode estar muito ligado com a questão principal do próprio dito, ou seja, ainda antes de se resolverem os problemas de Mt 11, 25-30 já se estavam a acrescentar outros. Isto é o que se depreende ao lermos Ernest F. Scott: “os versos, que pareciam estar isolados na tradição sinótica e foram descartados por muitos críticos como uma interpolação joanina, podem agora ser relacionados com um ensinamento de Jesus como um todo”¹⁸⁸. Depreende-se que, no início do século XX, já estava presente a questão joanina, contudo, questões do próprio dito estavam mais latentes e, acima de tudo, ainda por serem resolvidas. Por meados do mesmo século, chegou a ser negada

¹⁸⁶ H. D. BETZ, “The Logion of the Easy Yoke and of Rest (Matt 11:28-30)”, p. 19.

¹⁸⁷ S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30...”, p. 316.

¹⁸⁸ E. F. SCOTT, “An Exegetical Study of Matt. 11:25-30”, p. 186.

a relação. W. D. Davies referia que o dito de Mateus estava a ser muitas vezes “erradamente considerado como uma espécie de afloramento joanino nos Sinóticos”¹⁸⁹.

Uma das posições referidas é a da aceitação, ainda que com algumas reservas. Por exemplo, Celia Deutsch diz que “alguns tem falado da ‘qualidade joanina’ de 11, 27 por causa deste uso absoluto dos títulos e a referência ao mútuo conhecimento entre o Pai e o Filho (...) contudo, uma avaliação próxima torna esta identificação ténue”¹⁹⁰. Também Ulrich Luz afirma que “o v. 27 é um *logion* peculiar que tem os seus paralelos mais próximos em João”¹⁹¹. Não obstante, utiliza propositadamente o termo *peculiar* para exprimir que existem alguns problemas¹⁹².

Ainda que, com algumas posições e problemas, começa a ser reconhecido que “a perícope, em particular o versículo 27, tem um toque joanino”¹⁹³. Uma das questões prende-se com uma certa ausência de fundo semítico, que pode ser resolvida se aceitarmos que o v. 27 “tem contatos não apenas com uma tradição de um Judeu-apocalítico Filho do Homem, mas também com um contexto religioso mais amplo do qual o Filho joanino e o Anthropos [Homem] Hermético faziam parte”¹⁹⁴.

O trabalho mais exaustivo e elaborado – e dos mais recentes – relativo a esta matéria, será o de Adelbert Denaux. Para este autor existe um claro paralelo entre Mt 11, 27 e João. Esta ligação está assente em quatro temas principais: a Cristologia joanina; a transmissão do poder divino ao Filho; o conhecimento mútuo e exclusivo do Pai e do Filho; por fim, Jesus como único revelador¹⁹⁵. No essencial, interessa-nos identificar os paralelos imediatos apontados:

¹⁸⁹ W. D. DAVIES, “‘Knowledge’ in the Dead Sea Scrolls and Matthew 11:25-30”, p. 136.

¹⁹⁰ C. DEUTSCH, *Hidden Wisdom and the Easy Yoke...*, p. 38. Nesta referência podemos ainda encontrar os argumentos para esta avaliação: não tem paralelo em mais lado nenhum, a linguagem não é particularmente joanina e nenhum dos paralelos em João se sustentam isoladamente.

¹⁹¹ U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, Sígueme, p. 271.

¹⁹² As peculiaridades que apresenta (cf. nota anterior) são essencialmente três: não aparece no Evangelho de João nenhum paralelo a todo o dito, a utilização de uma linguagem semítica não é inequívoca e Jesus apenas falou do Filho tão pouco do conhecimento mútuo e exclusivo de Pai-Filho.

¹⁹³ M. RIST, “Is Matt. 11:25-30 a Primitive Baptismal Hymn?”, p. 74.

¹⁹⁴ J. S. KLOPPENBORG, “Wisdom Christology in Q”, p. 141.

¹⁹⁵ Cf. A. DENAUX, “The Q-Logion Mt 11,27...”, p. 126.

Mt 11, 27bc “e ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho”	Jo 10, 15 “assim como o Pai me conhece e Eu conheço o Pai
Mt 11, 27d “e aquele a quem o Filho o quiser revelar”	Jo 10, 14 “(Eu sou o bom pastor;) conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me”

Se o paralelo Mt 11, 27bc consegue apresentar uma correspondência mais evidente com Jo 10,15, o mesmo torna-se mais difícil com Mt 11, 2d e Jo 10,14. O autor tem consciência dessa mesma dificuldade. Contudo, o que é colocado em destaque é que a relação, e o conhecimento (revelação) da relação Pai e Filho, não é possível sem a revelação pelo Filho, logo, “o conhecimento mútuo entre o Pastor e a ovelha é, no que diz respeito à ovelha, o fruto de um trabalho revelador do Pastor”¹⁹⁶. Assim, em João, pelo trabalho revelador do Filho conhece-se a relação mútua do Pai com o Filho, daí o paralelo entre as passagens bem como a ordem inversa.

Os paralelos apresentados entre o dito em estudo e o Evangelho de João não se esgotam nestas referências. Um outro exemplo seria o paralelo do v. 27 com Jo 15, 14-15¹⁹⁷, ou ainda muitos outros¹⁹⁸.

Estas intertextualidades são apenas algumas das muitas que poderiam ser apresentadas. Contudo, com estas selecionadas estamos melhor preparados para abordar as questões teológicas do capítulo seguinte.

¹⁹⁶ A. DENAUX, “The Q-Logion Mt 11,27...”, p. 131. Para os dados da tabela foi utilizada esta mesma fonte.

¹⁹⁷ Cf. D. C. ALLISON JR, “Two Notes on a Key Text: Matthew 11:25-30”, p. 481.

¹⁹⁸ A. Denaux tem um anexo com a recolha das propostas de diferentes autores para o paralelo de Mt 11, 25-30 e o Evangelho de João. Cf. A. DENAUX, “The Q-Logion Mt 11,27...”, pp. 142-147.

CAPÍTULO III
A TEOLOGGIA DE MT 11, 25-30

III. A Teologia de Mt 11, 25-30

Ao longo dos capítulos anteriores fomos traçando um caminho para chegarmos até este ponto: a análise e compreensão da teologia de Mateus, na passagem 11, 25-30, e a sua atualidade. O processo desenvolvido até aqui foi necessário para compreender esta parte, assim como esta parte é que vai, de igual modo, trazer sentido ao apresentado até aqui. O importante é que, com todo o contexto, podemos agora ter um outro olhar sobre esta passagem de Mateus, assim como descodificar o texto em si e afirmações de diferentes investigadores sobre a mesma.

Ainda que já exista uma certa capacidade para perceber o porquê deste dito ter sido apelidada de “joia dos evangelhos sinópticos”¹⁹⁹, ao desenvolvermos esta parte a afirmação fará ainda mais sentido. Contudo, são vários os autores a adjetivarem²⁰⁰ esta secção, o que por um lado demonstra o interesse que a mesma consegue cativar sobre si mesma e por outro o encanto que ela demonstra transmitir a quem a estuda. É vista como sendo uma secção “notável em muitos aspetos”²⁰¹, “uma das pérolas mais valiosas de todo o Evangelho”²⁰², também porque a mesma apresenta uma “chave para compreender posturas positivas e negativas ante a Sua revelação”²⁰³. Logo, isto é importante para perceber uma das questões centrais - já por nós apresentada anteriormente - de saber quem é Jesus Cristo, o que faz desta passagem um “notável ensinamento cristológico do evangelho”²⁰⁴.

Qualquer passagem, seja do Antigo ou do Novo Testamento, apresenta grande densidade nos seus escritos. As leituras tornam-se assim mais complexas e todo o trabalho de interpretação é bem mais exigente. De certa forma, os aspetos mais técnicos, que fomos vendo

¹⁹⁹ AA. VV., *Sagrada Biblia: Comentario*, EUNSA-Universidad de Navarra, Pamplona, 2010, p. 1000.

²⁰⁰ Excessiva adjetivação pode induzir a uma leitura negativa do trabalho de investigação. Aqui a adjetivação visa criar ênfase, não sendo excessivamente utilizada pelos diferentes autores, busca dar importância que o dito revela em todo o seu contexto e para quem o estuda.

²⁰¹ J. LEAL – S. D. PARAMO – J. ALONSO, *La Sagrada Escritura: Nuevo Testamento – Texto y comentario por profesores de la Compañía de Jesús*, BAC, Madrid, 1964, p. 128.

²⁰² S. C. ALDAY, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 168. A citação apresentada é uma das conclusões do estudo do autor. Para ele, fruto desta interpretação, estas seriam palavras autênticas de Jesus, não sendo nem da comunidade nem dos redatores deste Evangelho. Problemática que já abordamos anteriormente. Cf. S. C. ALDAY, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 169.

²⁰³ A. R. CARMONA, *Evangelio de Mateo*, Desclée De Brouwer, Bilbao, 2006, p. 121.

²⁰⁴ R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 441.

até agora, ainda que refletindo essa exigência, podem ser facilmente apresentados pois existem métodos que vão facilitando esse processo. No entanto, ao olharmos para a teologia, ainda que utilizemos de igual forma as ferramentas técnicas já disponíveis para facilitar a abordagem, deparamo-nos sempre com uma dificuldade: é necessário colocar uma lente que a técnica não utiliza, a da fé. Colocar esta lente não retira rigor nem coloca em causa um trabalho académico de investigação. Não obstante, só com as lentes da técnica não será possível compreender, de todo, a passagem que estamos a abordar. Deve sublinhar-se esta questão, em especial nesta passagem, porque quando Jesus dá graças ao Pai “porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11, 25), está claramente a inverter toda a lógica que, na altura, era dada como adquirida e que hoje não é muito diferente.

A complexidade²⁰⁵ adensa-se quando percebemos que, embora revelado aos pequeninos, este conhecimento é para todos, com as palavras “tudo” (Mt 11, 27) e “todos” (Mt 11, 28) – que exploraremos em detalhe mais à frente - a dar-nos já essa ideia. Desde logo, verificámos que existe uma revelação que é feita, a sabedoria ou o conhecimento de algo²⁰⁶. Estes são dois termos que fazem parte de um esquema que se vai desenvolvendo nesta secção, o esconder e o revelar, o conhecimento que é ignorância e a ignorância que se transforma em conhecimento (ou talvez seja melhor referir abertura para o conhecimento), uma sabedoria que nada revela e uma revelação que é a sabedoria. Desta forma, Daniel J. Harrington aponta que esta secção, que pode assumir uma estrutura quiástica, juntando a fonte Q (Mt 11, 25-27) e M (Mt 11, 28-30), é uma resposta sobre a sabedoria, que é Jesus Cristo o Filho de Deus²⁰⁷. Hans Dieter Betz aponta no mesmo sentido, ou seja, olha para a secção como um processo de

²⁰⁵ Podemos ver como um dos exemplos da complexidade a análise de Adelbert Denaux. Quando, apontando a Mt 11, 25-26, refere que contém elementos semíticos, a sua perspectiva é puramente teológica, mas difere dos ditos tradicionais quanto ao conteúdo e recetores da revelação. Cf. A. DENAUX, “The Q-Logion Mt 11,27...”, p. 121.

²⁰⁶ Falamos de sabedoria e conhecimento judaicos que são essencialmente fruto da reflexão, da experiência de vida e da instrução. Cf. J. DHEILLY, *Diccionario Bíblico*, pp. 253-254 (conhecimento) e pp. 1094-1098 (sabedoria).

²⁰⁷ Cf. D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, Liturgical Press, Minnesota, 2007, p. 170.

revelação da sabedoria de Deus, exclusiva e universal, para os oprimidos, mas que acaba por ser de Deus para todos²⁰⁸.

No processo de revelação está presente uma relação, de conhecimento ímpar, um momento de intimidade entre Jesus e o Pai²⁰⁹. Aqui toca o ponto culminante da paternidade de Deus. Qualquer interpretação que tenha a lente da fé, mas não só, nunca poderá alcançar este ponto culminante. Isto é fulcral. Quando diz a primeira vez a palavra ‘Pai’, nesta secção, é já a 32ª vez que Mateus a utiliza. Só nesta secção usa-a cinco vezes²¹⁰. Ao todo são 64 as vezes que ela aparece no Evangelho²¹¹.

Podemos ainda juntar uma outra questão, a da criação. A apresentação do “«Pai, Senhor do Céu e da Terra» não ocorre em mais nenhum lugar em Mateus”²¹², embora se relacione com expressões como ‘Pai no Céu’ ou ‘Pai do Céu’ que podemos encontrar noutros pontos. A expressão aponta para uma totalidade que vai estar sempre presente nessa passagem, ou seja, a totalidade do Criador, na criação, na revelação, na relação e no acolhimento. O que é dado a conhecer é a totalidade. Esta totalidade, em especial na relação do Filho com o Pai, chegou a ser colocada em causa. Para os Arianos, se Cristo dá graças ao Pai então é menos que o Pai. A tradição Apostólica foi respondendo que nada impede que o Filho, consubstancial ao Pai, dê graças ao Pai. Aliás, só o Filho pode assim dar graças ao Pai, porque o conhece na Sua totalidade. Só a natureza Divina da Trindade se conhece a si mesma²¹³. Só o Filho pode assim falar, porque só Ele conhece o Pai da forma como já referimos anteriormente. O Pai é “fonte de autoridade de Jesus”²¹⁴, que revela autoridade na interpretação da lei, assim como no convite. Desta forma, a verdadeira resposta ao convite de Jesus encontra-se em Mt 11, 25-30, com a tomada do jugo de Jesus.

²⁰⁸ Cf. H. D. BETZ, “The Logion of the Easy Yoke and of Rest (Matt 11:28-30)”, p. 22.

²⁰⁹ Cf. B. BYRNE, *Lifting the Burden: Reading Matthew's Gospel in the Church Today*, Liturgical Press, Minnesota, 2004, p. 94.

²¹⁰ Cf. M. GALIZZI, *Evangelio según Mateo: Comentario exegético-espiritual*, San Pablo, Madrid, 2005, p. 231.

²¹¹ Cf. L. MORRIS, *The Gospel according to Matthew*, p. 291.

²¹² C. DEUTSCH, *Hidden Wisdom and the Easy Yoke...*, p. 27.

²¹³ Cf. M. SIMONETTI, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia...*, p. 307.

²¹⁴ R. E. OBACH – A. KIRK, *A Commentary on The Gospel of Matthew*, Paulist Press, New York, 1978, p. 135.

As questões anteriores são todas de índole teológica. Apresentam a necessidade de colocar uma grelha interpretativa que não se limite à observação fatual, precisa da lente da fé, que não desprovida de sentido, pertinência da análise e grelha teórica teológica.

Os detalhes são inúmeros, assim como as leituras. É necessário esquematizar e criar uma linha de pensamento e apresentação. Esta linha é a que tem vindo a ser desenhada nos capítulos anteriores, ou seja, seguiremos os três pontos essenciais e dentro deles desenvolveremos as questões mais pertinentes para a nossa análise. Estamos a falar de uma divisão que segue a própria divisão aceite desta passagem: a revelação aos humildes (Mt 11, 25-26); a relação Pai-Filho (Mt 11, 27); o convite de Jesus para o jugo suave (Mt 11, 28-30). Esta divisão é suportada por muitos fatores já anteriormente apresentados. No entanto, aquilo que começa a ser mais evidente é a homogeneidade da mensagem presente no dito. O que vamos atestar nos pontos seguintes é da sobriedade e densidade teológicas, ainda que a mensagem seja de grande simplicidade, a fim de que o alcance seja universal e possa ser por todos apreendido.

1. A revelação aos humildes

Os vv. 25-26 apresentam o início de uma oração de Jesus. O enquadramento da passagem já está feito. Agora é necessário olhar para o que é dito e ir um pouco mais além do que as palavras dizem, perceber que sabedoria é essa de que fala Jesus e todo o inverter da lógica humana, olhar para o tipo de passagem que temos, perceber que revelação é esta e porque é feita aos humildes. Temos de ter especial cuidado pois, como verificaremos, Jesus desconstrói toda a lógica humana, e, apenas com essa lógica, podemos não perceber o sentido do que está escrito.

1.1. Para além das palavras

No segundo capítulo foi feita uma análise morfológica e sintática a algumas palavras desta passagem. Aqui pretende-se ir mais além, enquadrar as palavras e a sua importância para a passagem, bem como na ligação das diferentes ideias. Para além do sentido que lhe é próprio, que podemos retirar de qualquer dicionário, estas palavras carregam em si muito mais, revelam muito mais. Daí que seja necessário olhar teologicamente para elas.

Primeiramente, mais do que uma palavra temos a expressão naquela ocasião $\epsilon\upsilon\kappa\epsilon\acute{\iota}\nu\omega\ \tau\hat{\omega}\ \kappa\alpha\iota\rho\omega$. Esta expressão, para além das diferentes traduções possíveis, já exploradas, acaba por fazer a ligação ao precedente, também porque é depois seguida da palavra ‘disse’, que curiosamente é uma resposta de Jesus à não resposta do povo da Galileia²¹⁵. Esta expressão pode ser vista com um sentido vago e geral²¹⁶. Se, em vez de traduzirmos por ‘ocasião’, a traduzirmos para ‘tempo’, indo à sua raiz grega, verificámos isso mesmo, pois não é ocasião ou tempo específico, cronológico, mas o tempo de Jesus, o tempo da revelação da sabedoria, do Pai e da Sua relação com Ele e do convite. Em rigor, deveríamos assumir a tradução da palavra seguinte ἀποκριθεὶς para ‘respondeu’ (como vimos anteriormente), ao invés de ‘tomou a palavra’. O tempo verbal não o permite, mas poderíamos ajustar a palavra a um gerúndio e ficaria ‘respondendo’. Este é um ponto importante em que a palavra deve estar bem traduzida. Está não só relacionada com a expressão anterior ‘naquele tempo’ como também com a palavra seguinte ‘disse’, pois “a fórmula semítica «respondeu e disse» (quando não existe um discurso precedente para «respondeu») é usada para marcar um significante novo pronunciamento”²¹⁷.

De igual modo, John Nolland dá relevo às duas expressões, “ambas «naquele tempo» e «em resposta» ligam vv. 25-27 com o material precedente, indicando que continua uma linha

²¹⁵ Cf. R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 443.

²¹⁶ Cf. J. LEAL – S. D. PARAMO – J. ALONSO, *La Sagrada Escritura...*, pp. 128-129.

²¹⁷ R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 439.

de pensamento”²¹⁸. Nesta questão, Daniel J. Harrington dá ênfase à expressão ‘naquele tempo’ referindo que a mesma frase “ocorre em Mateus 12:1 e 14:1 (...). Isto liga Mateus 11:25-30 com o que estava precedente em Mateus 11:1-24 (...), embora o material envolvente seja a rejeição de Jesus, esta perícopa enfatiza a dignidade positiva de Jesus”²¹⁹.

Assumindo esta palavra, mais próxima do original, colocámos Jesus a dar uma resposta. Porém, um problema surge: não existe questão nenhuma na secção anterior. O termo pode ser ambíguo no original²²⁰. Contudo, toda esta secção é uma resposta à rejeição da sua palavra, identificando quem o rejeitou e apontando o caminho para o seguir: tomando o seu jugo suave.

Após estas palavras inicia-se, em concreto, a oração de Jesus. Começa por bendizer o Pai com a expressão Ἐξομολογοῦμαί σοι, traduzida por ‘bendigo-te’. É uma tradução que se enquadra no ‘dar graças’, outra tradução possível. Adão Salgado refere que “dois documentos, isto é, o chamado Evangelho dos Hebreus e o chamado Evangelho dos Nazarenos em vez da palavra grega *exomologoumai* (*confiteor*, dou graças), tem o verbo *eucaristho*, cujo significado é quase o mesmo”²²¹. Para Harrington, este verbo, no contexto da oração “pode ser traduzido para «dar graças», «louvar» ou «confessar». O equivalente hebreu aparece frequentemente nos Salmos de Ação de Graças de Qumram (*Hodayot*) como uma introdução ao recital do que Deus fez pelo orador (ver 1QH 7:26-27; 10:14; 11:3-4; 11:15). A oração é uma proclamação pública de louvor e graças pelo que Deus fez”²²². Esta é uma identificação clara de Mateus como descrito no primeiro capítulo.

Talvez a melhor tradução fosse ‘dou-te graças’, uma vez que se enquadra na palavra utilizada e se coloca perante a ideia do autor do Evangelho de S. Mateus. Seja qual for a fórmula usada, já vimos que isso provocou dúvidas, por exemplo entre os Arianos: se reza ao Pai não é como Ele.

²¹⁸ J. NOLLAND, *The Gospel of Matthew*, p. 470.

²¹⁹ D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 166.

²²⁰ Cf. M. TUYA, *Biblia Comentada: Evangelios – Texto de la Nacar-Colunga, Profesores de Salamanca*, BAC, Madrid, 1964, p. 271.

²²¹ A. SALGADO, *Comentários Bíblicos*, Congregação da Divina Providência e Sagrada Família, Braga, 2009, p. 484.

²²² D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 166.

Jesus bendiz o Pai, confessa, “a confissão é louvor e glorificação”, “nem sempre significa penitência, senão também ação de graças como lemos frequentemente nos salmos”²²³. Jesus reza ao Pai, ensina a rezar, fá-lo para agradecer. Obviamente que se refere ao que está a seguir, esconder as coisas aos sábios e inteligentes e revelar aos humildes. Ao rezar desta forma, mostra já a intimidade única com o Pai.

Verificámos anteriormente que, em Mateus, a expressão ‘Senhor do Céu e da Terra’ apenas aparece nesta passagem. É uma expressão para indicar o Pai como Criador. Entendemos céu e terra enquanto cosmos, todo o universo, não apenas deste mundo, mas de tudo²²⁴. O Pai é o Deus Criador do Céu e da Terra de Gn 1, 1. É o Deus de que fala Isaías, quando recomenda para que “Israel no exílio saiba que YHWH, o criador do céu e da terra, que o redime (Is 40, 12-31; 42, 5) e o tira para que seja testemunho de Deus ante as nações (43, 8-13)”²²⁵. Jesus vai revelando o Pai e prepara já o anúncio da relação única e autêntica do Pai com o Filho, assim como da totalidade da revelação.

Uma das questões frequentes é saber quem são os sábios e entendidos de que Jesus fala. Temos já presente que Jesus toma a palavra para responder. Contudo, não existe uma questão que Lhe esteja a ser colocada diretamente. Sabemos que responde a quem rejeitou a sua palavra, os sábios e entendidos. É por isso que lhes está vedada a revelação do Pai, a quem o Filho dá graças. No entanto, as duas palavras são muito semelhantes e podem levar a erros de interpretação. Daniel J. Harrington diz que “a frase refere-se claramente aos escribas e fariseus que rejeitaram Jesus. Mas, dado o contexto (Mateus 11-13), (...) pode ainda incluir outros (como, por exemplo, os habitantes das cidades impenitentes em Mateus 11:20-24)”²²⁶. Para Nolland, “ser sábio e inteligente não é negativo aqui; assim como não é nós compreendermos que todos os sábios e inteligentes estão excluídos do conhecimento”²²⁷.

²²³ JERÓNIMO, *Comentario al Evangelio de Mateo*, Ciudad Nueva, Madrid, 1999, p. 119.

²²⁴ Cf. L. MORRIS, *The Gospel according to Matthew*, p. 292.

²²⁵ W. R. FARMER (Dir.), *Comentario Bíblico Internacional: Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*, Verbo Divino, Navarra, 2000, p. 1175.

²²⁶ D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 167.

²²⁷ J. NOLLAND, *The Gospel of Matthew*, p. 471.

Relativamente a esta passagem, Adão Salgado acrescenta que “a velha versão siríaca e S. Hilário omitem as palavras *Kai sunetón* (*prudentibus*, aos prudentes)”²²⁸, o que não deixa de ser uma opção muito válida, uma vez que se pode estar a repetir a mesma ideia, a não ser que o raciocínio de Daniel J. Harrington esteja certo e daí a necessidade de dois adjetivos.

A referência às Escrituras parece ser clara. Tomando as palavras no contexto hebraico, “o «sábio» (*hakam*) é o que possui sabedoria, e o «prudente» [inteligente] (*‘arum*) é o que possui a habilidade de saber guiar-se nos negócios da vida”²²⁹. Não é estranha esta leitura, pois Mateus (conhecedor das Escrituras) deixa claro que, nesta oração de Jesus, as mesmas estão presentes (cf. Dt 1, 13-15; Dn 1, 4; Dn 2, 20-23; Pr 16, 21). Pode parecer bastante significativo o “contraste com Dn 2, 20-23, uma doxologia de Daniel dando graças a Deus por conceder a sua sabedoria aos sábios”²³⁰, porém, não existe uma condenação da sabedoria e inteligência. “Ele está longe de condenar o poder intelectual”²³¹, ou seja, “«sábio» e «inteligente» em si não são termos pejorativos”²³². Não há, pois, uma condenação dos termos, mas da perversão na sua utilização. Simon Legasse resume com grande mestria esta questão ao afirmar que “Jesus designa um só e mesmo grupo, oposto a uma só categoria: os «simples»”²³³.

Torna-se, assim, necessário identificar quem são os humildes aos quais Jesus se revela. A nossa tradução usa o termo ‘pequeninos’, no entanto, “esta última versão não tem aqui sentido, porque a noção oposta não é a de adulto, mas a de sábio, [assim] a palavra grega (*népios*) significa, em primeiro lugar, «menino», mas permite também o sentido figurado de homem pouco inteligente e pouco experimentado”²³⁴. A ideia é a de simplicidade, podemos mesmo dizer de ignorância, “que culturalmente poderiam não ser mais que crianças”²³⁵. A expressão pode ser forte, mas não é pejorativa. A questão dos ‘pequenos’ está já presente, por

²²⁸ A. SALGADO, *Comentários Bíblicos*, p. 484.

²²⁹ M. TUYA, *Bíblia Comentada: Evangelios – Texto de la Nácar-Colunga, Porfessores de Salamanca*, p. 272.

²³⁰ U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, p. 279.

²³¹ W. BARCLAY, *The Gospel of Matthew: Vol. 2 Revised Edition*, Westminster Press, Philadelphia, 1975, p. 14.

²³² R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 444.

²³³ S. LEGASSE, “O Hino de Júbilo (11,25-30)”, in *Para ler o Evangelho segundo S. Mateus*, Difusora Bíblica, Lisboa, 2004², p. 38.

²³⁴ S. LEGASSE, “O Hino de Júbilo (11,25-30)”, p. 38.

²³⁵ Cf. M. TUYA, *Bíblia Comentada: Evangelios – Texto de la Nácar-Colunga, Porfessores de Salamanca*, p. 272.

exemplo em Is 28, 9²³⁶. Os simples, os humildes, são os “pequenos em malícia, e não em juízo”²³⁷, aqueles que estão “libertos dos falsos preconceitos e estão abertos à nova luz que agora lhes é revelada [que] não é produto de alguma lei natural; foi a vontade do Pai”²³⁸. Notámos já a complexidade, o paradoxo e o desafio que estas palavras suscitaram, quando foram ditas. Mas também na atualidade, uma vez que podemos possuir toda a instrução, debitar nestas folhas todas as teorias e demonstrar todo o conhecimento académico/teológico que seremos sempre desafiados à receção da sabedoria. Como resume Josef Schmid:

“decreto divino é que os «sábios e inteligentes», isto é, os eruditos que possuem uma formação teológica completa, não reconheçam a revelação que Jesus trouxe, enquanto que os «humildes», os desprezados como simples, desprovidos de toda a classe de instrução teológica, a compreendam”²³⁹.

Fica presente a questão da lente da fé, da abertura necessária para a Boa Nova que nos é apresentada, que extravasa os nossos padrões de conhecimento. Isto não é um hino à ignorância, longe disso, não é condenada a sabedoria ou o entendimento, algo que se deve possuir, contudo a sua configuração deve ser com a sabedoria de Deus, sabedoria maior, plena, única. Ainda hoje nos debatemos com a questão do conhecimento e o desafio de nos tornarmos humildes para podermos aprender.

1.2. A sabedoria

A revelação que está a ser feita, aos pequeninos, é de sabedoria. No entanto, os sábios e os entendidos, os que deveriam possuir a sabedoria e o conhecimento, não a compreendem, não se lhes é dada a conhecer, não se lhes é revelado. Tudo isto desafia a nossa compreensão, até

²³⁶ Cf. W. R. FARMER (Dir.), *Comentario Bíblico Internacional...*, p. 1175.

²³⁷ H. De POITIERS, *Comentario al Evangelio de Mateo*, BAC, Madrid, 2010, p. 145.

²³⁸ R. T. FRANCE, *Matthew...*, pp. 198-199.

²³⁹ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, Herder, Barcelona, 1967, p. 285.

mesmo a nossa inteligência. Podemos até nos questionarmos da necessidade do estudo, da aprendizagem. Jesus não nega essa necessidade, não diz para que os sábios e entendidos deixem de estudar, de conhecer, não interpela nunca à ignorância. O que está em causa é uma sabedoria que desafia os padrões humanos de conhecimento, Jesus que revela uma sabedoria divina²⁴⁰. Daí que é necessário, a todo aquele que quiser compreender esta revelação, tornar-se pequeno, humilde. Como já vimos, o tornarmo-nos pequeninos é uma disposição para apreender e não uma submissão à ignorância, é um acolher da sabedoria personificada de Jesus²⁴¹.

Esta é uma sabedoria única e exclusiva que apenas Jesus Cristo pode revelar. Se a sabedoria for a dos sábios e entendidos, então estamos com um panorama diferente, onde “não só a «sabedoria» não é um pressuposto necessário para o conhecimento da revelação, senão um obstáculo para o conhecimento dos caminhos de Deus”²⁴². Depreendemos que a sabedoria divina é totalmente diferente da sabedoria humana, e que a segunda pode ser um problema para a captação da primeira, assim como para perceber que “a mensagem de Jesus não se pode captar por via do entendimento e sabedoria, senão que se dá a conhecer por uma revelação”²⁴³. A revelação pressupõe uma predisposição que os humildes possuem, pois eles não confiam na sua sabedoria, não se estimam como sábios e entendidos, mas confiam na sabedoria de Deus²⁴⁴.

A tentação de um conhecimento, de uma sabedoria desprovida da graça de Deus, é um problema que vem do princípio, está presente no livro dos Génesis. Coloca o ser humano perante a audácia de um conhecimento pleno, um conhecimento que, nas palavras tentadoras da serpente, “abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus” (Gn 3, 5). A busca por esta árvore da vida, árvore do conhecimento²⁴⁵, é uma busca por uma imortalidade desligada de Deus. O conhecimento proposto pela serpente é mortal pois está desligado de Deus, é finito, do mundo.

²⁴⁰ Cf. R. E. BROWN - J. A. FITZMYER - R. E. MURPHY, *The New Jerome Biblical Commentary*, Prentice Hall, New Jersey, 1990, p. 653.

²⁴¹ Cf. M. GALIZZI, *Evangelio según Mateo*..., p. 232.

²⁴² J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, Herder, p. 285.

²⁴³ R. E. BROWN - J. A. FITZMYER - R. E. MURPHY, *Comentario Bíblico «San Jeronimo»*, Cristiandad, Madrid, 1972, p. 216.

²⁴⁴ Cf. AA. VV., *Sagrada Biblia: Comentario*, p. 1000.

²⁴⁵ “Esta es la eterna tentación del espíritu humano desde el momento en que el tentador insinuó a Eva que se les abrirían los ojos y serían semejantes a Dios, so comieren del árbol del conocimiento... Así pues. Dios sólo puede

A sabedoria não se configura simplesmente com o conhecimento mundano. Na tradição judaica a sabedoria está associada à Torá e ao estudo intenso, a sua revelação é dada a uns poucos²⁴⁶. Esta não é a lógica da revelação de Jesus, Ele revela aos pequeninos. Contudo, os sábios e entendidos não são excluídos, mas só entendem se se fizerem humildes. É necessária uma abertura maior que apenas o conhecimento mundano, “a sabedoria mundana não basta para conhecer os mistérios e segredos de Deus”²⁴⁷.

A revelação é universal, requer uma predisposição para a acolher, deve ainda essa revelação ser comunicada e partilhada, pois, ocultar a graça de Deus é causa de condenação.

1.3. Oração de Jesus

A revelação aos humildes, que é feita nesta passagem, está inserida numa oração de Jesus, como aliás já verificamos. Um dos primeiros passos passa por perceber que tipo de oração é esta. No essencial, esta é identificada como uma oração “típica judaica, bem conhecida dos *Hinos de Ação de Graças* de Qumran e outros escritos da viragem da era”²⁴⁸. É recorrentemente assinalado o tom fortemente hebraico da oração²⁴⁹. Esta é uma oração de Jesus, considerada mesmo como “uma das poucas orações de Jesus que o evangelho nos transmite de maneira textual”²⁵⁰.

É uma oração dirigida ao Pai, “louvando e glorificando a sua admirável providência e dando graças”²⁵¹ - verificámos já que dá graças por ter escondido estas coisas aos sábios e entendidos e as ter revelado aos pequeninos. Jesus dirige-se ao Pai de forma particular e pouco ou nada comum: “para um individuo dirigir-se a Deus simplesmente com «Pai»

contar com los sencillos que se decubren y creen con llaneza. Qué singular trastorno del orden!” (W. TRILLING, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 257).

²⁴⁶ Cf. U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, p. 280.

²⁴⁷ J. LEAL – S. D. PARAMO – J. ALONSO, *La Sagrada Escritura...*, p. 129.

²⁴⁸ D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 169.

²⁴⁹ Cf. R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 444.

²⁵⁰ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 285.

²⁵¹ J. LEAL – S. D. PARAMO – J. ALONSO, *La Sagrada Escritura...*, p. 129.

(presumivelmente na forma Aramaica *Abba*, Marcos 14: 36) é, tão longe quanto os registos vão, sem precedentes”²⁵². Esta forma sem precedentes de alguém se dirigir a Deus é já reveladora do que Jesus pretende transmitir, da sua relação com Deus Pai. É possível sentir os traços de uma relação única, de grande elevação, onde faz sobressair “a soberania absoluta do amor de Deus”²⁵³. Jesus “exulta de gozo”²⁵⁴ com o Pai, agradece-lhe por ter revelado aos pequeninos, mas também porque isso foi do Seu agrado, porque assim lhe pareceu bem.

Podemos imaginar a alegria e gozo com que Jesus fazia esta oração ao Pai, não nosso Pai, ou Pai nosso, simplesmente Pai. É possível sentir a intimidade da oração, como que entrando na Trindade Imanente. Raras vezes isso acontece. Mais comum é ouvir Jesus a ensinar a rezar²⁵⁵.

Já verificámos, anteriormente, o contexto em que Jesus faz esta oração. Face a uma rejeição, Jesus aproveita para agradecer a Deus, para dar graças ao Pai, “Senhor do céu e da terra, ter-se encarnado como escravo”²⁵⁶. Parece incongruente, agradecer por um falhanço? Não, pelo contrário, agradece pelo sucesso da revelação, a mesma que foi dirigida aos humildes²⁵⁷. Agradece porque assim foi do agrado do Pai e, na sua relação íntima com o Pai, também foi do agrado de Jesus.

Uma vez mais Jesus desconstrói modelos pré-concebidos, aponta para lá de uma compreensão humana. Continua, ainda hoje, a desafiar os nossos modelos de compreensão, até para quem faz oração: saber a quem se reza, pelo que se reza, para que se reza. Jesus continua a ter de ensinar a rezar.

²⁵² R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 444.

²⁵³ U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, p. 277.

²⁵⁴ JERÓNIMO, *Comentario al Evangelio de Mateo*, p. 119.

²⁵⁵ Veja-se a oração do Pai Nosso. Lucas apresenta esta oração de uma forma abreviada (Lc 11, 1-4). É precisamente Mateus que apresenta a oração do Pai Nosso como a rezamos hoje em dia (Mt 6, 7-13).

²⁵⁶ M. SIMONETTI, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia: Evangelio Según San Mateo (1-13)*, p. 307.

²⁵⁷ Cf. B. BYRNE, *Lifting the Burden...*, p. 94.

1.4. A revelação

Percebemos que Jesus agradece ao Pai pela revelação aos pequeninos. Sente-se o gozo, a alegria de Jesus quando agradece ao Pai, por muitas das razões que já fomos vendo, mas também porque ‘assim foi do Seu agrado’²⁵⁸. Esta é a vontade de Deus, “porque isso foi do teu agrado” (Mt 11, 26), mas de Deus que é Pai, que implica o Filho Jesus Cristo (Mt 11, 27), Ele que faz o convite a todos em necessidade (Mt 11, 28-30), logo Jesus Cristo é o único mediador e revelador de Deus, pela autoridade que recebeu do Pai²⁵⁹.

Se há uma revelação, então tem de se perceber o que é revelado. Na sequência da oração, assim como desta passagem, identificámos de imediato a revelação de Deus Pai e da relação do Pai com Jesus Cristo, o Filho.

Descobrimos ainda a revelação de um jugo suave e de uma carga leve, que dá descanso, ao contrário do que era oferecido pelos sábios e entendidos, ou seja, os escribas e fariseus. Podemos entender ainda que “o conteúdo da revelação – em particular se o dito for autêntico – era que os eventos escatológicos estavam já a acontecer na igreja”²⁶⁰.

Por um lado, esta revelação coaduna-se com aquele que é o objeto da revelação que se prende com “«os mistérios do Reino do Céu», o desígnio da salvação eternamente concebido por Deus, revelado em Jesus Cristo e agora pregado pelos missionários cristãos, a «Boa Nova» comunicada aos crentes e estendida a «todas as nações»”²⁶¹. Por outro lado, parece enfrentar um sistema de revelação que vinha do Antigo Testamento, como podemos ver no livro de Daniel que dá graças ao Senhor porque “dá sabedoria aos sábios e ciência aos inteligentes” (Cf. Dn 2, 20-23). Parece, pois, inegável que “Jesus enfrenta uma ampla corrente de pensamento apocalíptico, essénio e rabínico”. Esta revelação de Jesus é mais do que qualquer revelação

²⁵⁸ Cf. B. BYRNE, *Lifting the Burden...*, p. 95.

²⁵⁹ Cf. R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 445.

²⁶⁰ J. S. KLOPPENBORG, “Wisdom Christology in Q”, p. 139.

²⁶¹ S. LEGASSE, “O Hino de Júbilo (11, 25-30)”, p. 39.

profética, é uma revelação do próprio Deus, pelo Seu Filho Jesus Cristo, é uma revelação “distintivamente cristã”²⁶².

Temos de ter presente que Jesus, pela sua relação íntima com o Pai, é o único revelador. Já não precisamos de muito mais para perceber que esta revelação foi dada a conhecer aos pequeninos, isto porque os pequeninos, os simples “são os únicos que estão a responder”²⁶³. Embora esteja aqui presente esta revelação aos pequeninos, ela pretende ser abrangente, daí que o convite do jugo suave seja para todos. No entanto, a condição para acolher esta revelação é ser como um dos pequenos (Cf. Mt 18, 3; 19, 14), pois o Pai “é aquele que se inclina aos pequenos, que se deleita na pequenez e ama os simples, que defende os pobres, os oprimidos, que sente o grito do sofrimento. E quando estes pequenos o buscam, Ele se revela”²⁶⁴.

Esta é uma revelação divina que vem pela fé, contra o orgulho da sabedoria das escolas²⁶⁵, que “supera os níveis de conhecimento natural do homem”²⁶⁶. É Deus que oferece a Sua revelação, que a oferece aos seus prediletos, os pequeninos. Jesus confirma a revelação divina afirmando “Sim, ó Pai” (Mt 11, 26). É um ‘Sim’ que “reafirma aquilo que foi dito”²⁶⁷ como também a relação com o Pai e o seu convite. Este sim é uma profunda adesão do Filho ao Pai, demonstrativo do amor recíproco, como tão bem o afirma o Catecismo da Igreja Católica:

“o seu estremecimento – «Sim Pai!» – revela o íntimo do seu coração, a sua adesão ao «beneplácito» do Pai, como um eco do «Fiat» da sua Mãe aquando da sua concepção e como prelúdio do que Ele próprio dirá ao Pai na sua agonia. Toda a oração de Jesus está nesta adesão amorosa do seu coração de homem ao «mistério da vontade» do Pai”²⁶⁸.

²⁶² D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 169.

²⁶³ A. R. CARMONA, *Evangelio de Mateo*, p. 121.

²⁶⁴ M. GALIZZI, *Evangelio según Mateo...*, p. 232.

²⁶⁵ Cf. J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 285.

²⁶⁶ S. C. ALDAY, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 165.

²⁶⁷ L. MORRIS, *The Gospel according to Matthew*, p. 293.

²⁶⁸ CATECISMO IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, 2603.

Perceber esta adesão recíproca de Pai e Filho, enquanto humildes, pequeninos, é receber toda a revelação, receber e compreender a sabedoria de Deus, entrar na intimidade da oração com Deus, como Jesus o faz nesta passagem.

2. A relação Pai-Filho

O v. 27 desta passagem de Mateus desafia-nos na sua compreensão. Aqui, não estamos apenas com a problemática de ter de jogar com as lentes da ciência e as da fé, mas de, com todas as ferramentas disponíveis, podermos retirar a melhor compreensão possível da ideia do autor e do seu alcance teológico.

Se Mt 11, 25-30 é uma passagem muito apreciada por quem a estudou – e não só, também por quem a lê – o v. 27, em concreto, é tido como sendo de “uma riqueza teológica muito grande”²⁶⁹, em especial pelo caráter da relação apresentado e pelo conhecimento que lá está exposto, como veremos mais à frente. São vários os autores que assim pensam, chegando a afirmar que esta passagem é a pérola das palavras de Jesus, tido também como um pedaço caído do céu de João²⁷⁰. Aliás, como tivemos a oportunidade de verificar, quando abordámos as intertextualidades, a relação desta passagem com o Evangelho de João é surpreendente. Porém, neste versículo sê-lo-á com muito mais propriedade, pois é muito forte o “sabor a quarto Evangelho”²⁷¹. Como refere Juan Leal, “só esta secção e ainda só este versículo bastam para demonstrar que o Jesus que é descrito no quarto evangelho é o mesmo dos sinópticos e que a divindade de Cristo foi já reconhecida e professada desde o começo do cristianismo”²⁷².

A divindade de Cristo verifica-se na relação com o Pai, assim como o Pai só pode ser conhecido pelo Filho, “sem Jesus não é pensável a divindade de Deus. Sem o Pai, não há

²⁶⁹ M. TUYA, *Bíblia Comentada: Evangelhos – Texto de la Nacar-Colunga, Profesores de Salamanca*, p. 272.

²⁷⁰ Cf. J. LEAL – S. D. PARAMO – J. ALONSO, *La Sagrada Escritura...*, p. 129.

²⁷¹ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 286.

²⁷² J. LEAL – S. D. PARAMO – J. ALONSO, *La Sagrada Escritura...*, p. 129.

nenhum caminho que leve a Jesus”²⁷³. Com a demonstração desta relação ficam justificadas as declarações confiantes (vv. 25-26) de Jesus sobre a vontade de Deus²⁷⁴. O que verificámos é uma experiência absoluta de Pai-Filho, típica do Evangelho de João. Em João atravessa praticamente todo o Evangelho. Em Mateus está presente apenas nesta passagem, concretamente no v. 27. Existem outras passagens em Mateus, mas não da forma explícita como esta.

Este versículo coloca-nos perante duas questões essenciais a serem trabalhadas: a do conhecimento e a da relação única com o Pai, que é também revelação do Pai e de Si mesmo. Assim, Jesus teria consciência da Sua própria pessoa, uma consciência sobre-humana²⁷⁵. Sendo este um dos ditos mais explícitos de Cristo²⁷⁶, encontrámos nele uma grande concentração cristológica²⁷⁷, eclesiológica e trinitária²⁷⁸. Temos de o ver exatamente como um concentrado. Não iremos ver explicitamente todo o seu alcance cristológico, eclesiológico ou trinitário. Veremos enquanto estudo da relação existente: primeiramente com os versículos anteriores (vv. 25-26) e posteriores (vv. 28-30); com todo o Evangelho de Mateus e na relação com os restantes Evangelhos; com os restantes textos da Bíblia Sagrada. Temos de ter sempre presente a forma como nos é dada a conhecer esta revelação de Cristo, a necessidade de colocar as lentes da fé, assim como observar a tensão existente do já e do ainda não, do Deus que se revela e esconde. Contudo, pelo menos a afirmação relacional de Deus Pai com o Filho é bem explícita nesta passagem. A existir a dúvida, será sempre pela ausência das lentes da fé, da insistência na

²⁷³ U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, p. 290.

²⁷⁴ Cf. R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 445.

²⁷⁵ Cf. J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 286.

²⁷⁶ Sobre isto vejamos, por exemplo, o que afirma o Catecismo da Igreja Católica nos parágrafos 2603 e 2604: “os evangelistas retiveram duas orações mais explícitas de Cristo durante o seu ministério. E ambas começam por uma acção de graças. Na primeira (Cf. Mt 11, 25-27 e Lc 10, 21-22), Jesus louva o Pai, reconhece-O e bendi-Lo por ter escondido os mistérios do Reino aos que se julgavam sábios e os ter revelado aos «pequeninos» (os pobres das bem-aventuranças) (...) a segunda oração é referida por São João (Cf. Jo 11, 41-42), antes da ressurreição de Lázaro. A acção de graças precede o acontecimento: «Pai, Eu Te dou graças por Me teres escutado», o que implica que o Pai atende sempre o que Lhe pede”. CATECISMO IGREJA CATÓLICA, 2603-2604.

²⁷⁷ Cf. A. DENAUX, “The Q-Logion Mt 11,27...”, p. 122.

²⁷⁸ Cf. U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, p. 281.

sabedoria puramente humana. Esse salto de fé foi no passado, é no presente e continuará a ser no futuro uma decisão pessoal, integrada na comunidade. O convite é feito a todos (11, 28-30).

No essencial, três são os pontos marcantes do v. 27.

O primeiro passa pela afirmação de “tudo me foi entregue por meu Pai”, onde se pode observar o tipo de relação, assim como a universalidade da afirmação.

No segundo ponto, verificámos a afirmação de Jesus que diz que “ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho”. Colocámos em relevo, neste segundo ponto, quatro elementos: primeiro, a ênfase no conhecimento, tema já recorrente nas escrituras, este teria de ser um outro conhecimento, mais profundo; segundo, um conhecimento que é transcendente, reservado ao Pai e Filho, que apenas é conhecido por revelação pelo único que pode revelar, Jesus Cristo; terceiro, Jesus o Messias, Filho de Deus é um ensinamento que só poderia ser revelado por Cristo, numa filiação que não pode ser metafórica ou adotiva, mas uma filiação transcendente, única, verdadeiramente divina; quarto, as semelhanças apresentadas com o Evangelho de João, como já explorado.

No terceiro ponto, a parte final do versículo, “e aquele a quem o Filho o quiser revelar”, a constatação de que o Filho enviado pelo Pai pode revelar, ou seja, é Ele quem traz a revelação, daí o valor universal e instrumental da humanidade de Cristo²⁷⁹.

2.1. Que conhecimento é este?

Uma das palavras caracterizadoras do v. 27 é “ἐπιγινώσκει”. Como já visto, está traduzida por ‘conhece’. Pode ser traduzida por ‘reconhecer’, termo utilizado, por exemplo, por R. T. France, referindo que “o verbo composto ἐπιγινώσκω pode ser utilizado como sinónimo com γινώσκω «conhece» e é frequentemente traduzido assim”²⁸⁰. Contudo, quando colocado

²⁷⁹ Cf. M. TUYA, *Bíblia Comentada: Evangelhos – Texto de la Nácar-Colunga, Profesores de Salamanca*, pp. 272-275.

²⁸⁰ R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 440.

em paralelo com o termo utilizado por Lucas (10, 22), a palavra assume um significado mais específico de ‘reconhecer’²⁸¹. Adão Salgado refere que “em vez de *epighilriôstei* [sic] (*novit*, conhece) alguns Padres, como Justino, Orígenes e Eusébio, têm *egno*; e alguns códices como o C (de Paris) e o 71 têm *ghinoskei*. O sentido não muda”²⁸².

Para além das diferenças que encontramos neste grego, podemos inferir que alguns padres estariam mais suscetíveis de seguir uma linha de ligação com o paralelo de Lucas (10, 22), daí utilizarem a palavra sem o prefixo, o que, segundo R. T. France, levaria a que a tradução mais correta fosse ‘reconhece’. Daniel J. Harrington alerta para um certo erro na utilização do aoristo *egno*. Para ele, essa utilização sugere que “antes do filho ninguém conhecia Deus. O uso do presente *epignoskei* previne essa má compreensão e é pelo menos consistente com o pensamento de Mateus”²⁸³.

A questão não é simplesmente do ‘conhecer’ ou ‘reconhecer’ pois qualquer uma tradução pode estar adequada, a questão passa pelo tempo verbal, compreender o dito no presente e o seu sentido, caso contrário está-se a cair no erro apontado²⁸⁴. A questão passa, de igual modo, por não colocar este ‘conhecer’ ou ‘reconhecer’ como exclusivo, ou seja, que a relação seja tal que não haja espaço para que mais alguém possa ‘conhecer’ essa relação, quer dizer, o propósito aqui é sublinhar “a natureza da relação entre o Pai e o Filho do qual o Filho é capaz de tornar o Pai conhecido”²⁸⁵. Pelo filho *reconhecemos* e Pai e no Pai o Filho.

No sentido semítico do termo²⁸⁶, conhecer outra pessoa “inclui uma profunda intimidade e aprovação”²⁸⁷. Só o Filho tem este conhecimento do Pai. Também só o Pai assim conhece o

²⁸¹ Cf. R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 440.

²⁸² A. SALGADO, *Comentários Bíblicos*, p. 484.

²⁸³ D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 167.

²⁸⁴ Relativamente a este ‘conhecer’, ou ao seu enquadramento em todo o v. 27, existem muitas outras questões, e até mesmo traduções, que poderiam ser apontadas: “há ainda alguns códices, como o de Patmos e o de Munchen e vários Padres como S. Justino, Eusébio, etc., que invertem a ordem do seguinte modo: ninguém conhece o filho senão o Pai e ninguém conhece, etc. Taciano e o códice 12933 em lugar de «conhece o filho» tem por extenso: «ninguém conhece quem seja o filho»” (A. SALGADO, *Comentários Bíblicos*, pp. 484-485).

²⁸⁵ J. NOLLAND, *The Gospel of Matthew*, p. 473.

²⁸⁶ Walter Kasper refere que “in the semitic language, to say that father and son know each other was a common idiom” (W. KASPER, *Jesus The Christ*, t & t clark, London, 2011, p. 97). A diferença está na natureza da relação.

²⁸⁷ B. BYRNE, *Lifting the Burden...*, p. 95.

Filho. Este conhecimento é mútuo. Este é um conhecimento *ad intra*, que acontece na relação, “no conhecimento mútuo de um e outro está a mesma substancia”²⁸⁸. Não implicando diretamente o Espírito Santo, é já uma manifestação da trindade imanente. O conhecimento em si é a relação das três pessoas da Santíssima Trindade que partilham a mesma natureza, que compõem o único Deus. Jesus é o que revela o Pai, que abre à relação com o Pai, na Trindade económica. O conhecimento está na Trindade Divina, só pode ser adquirido por revelação do Filho. Jesus fecha um debate judaico sobre o que é a sabedoria e onde está, ou seja, mostra que todo o conhecimento e entendimento está em Deus.

Com Jesus, Deus dá-se a conhecer plenamente, aquilo que estava anteriormente latente torna-se patente, é o centro de toda a revelação, de toda a mensagem, dos textos do Antigo e Novo Testamento²⁸⁹. Jesus chama a si o conhecimento verdadeiro do Pai. Apresenta-se como o único que conhece o Pai, um conhecimento que mostra o Pai, Senhor do Céu e da Terra (v. 26). Este é o conhecimento primordial. Se anteriormente Jesus dava graças ao Pai por esconder ‘estas coisas’ aos sábios e entendidos, agora revela plenamente.

O que é escondido e revelado são o Pai e o Filho. A plenitude dessa revelação está no ‘tudo’, este tudo que está ligado à revelação criadora aos pequeninos (v. 25), logo este tudo é universal, cósmico, desde sempre. O ‘tudo’ que, por um lado, aponta para o que está antes em Mateus “isso inclui os milagres e o seu papel na dimensão presente do reino”²⁹⁰, por outro, remete para o que se segue, “tem a ver com a filiação de Jesus e a autoridade que daí advém”²⁹¹. Este ‘tudo’ ou ‘todas as coisas’ pode representar a totalidade em Cristo, demonstrando toda a intimidade da relação do Pai com o Filho²⁹², imensurável, uma relação íntima, na plenitude do

²⁸⁸ H. De POITIERS, *Comentario al Evangelio de Mateo*, p. 145.

²⁸⁹ “Foi por isso que Deus, inspirador e autor dos livros dos dois Testamentos, dispôs tão sabiamente as coisas, que o Novo Testamento está latente no Antigo, e o Antigo está patente no Novo (2). Pois, apesar de Cristo ter alicerçado à nova Aliança no seu sangue (cfr. Lc. 22,20; 1 Cor. 11,25), os livros do Antigo Testamento, ao serem integralmente assumidos na pregação evangélica (3) adquirem e manifestam a sua plena significação no Novo Testamento (cfr. Mt. 5,17; Lc. 24,27; Rom. 16, 25-26; 2 Cor. 3, 1416), que por sua vez iluminam e explicam”. *Dei Verbum*, 16.

²⁹⁰ D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 167.

²⁹¹ D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 167.

²⁹² Cf. J. NOLLAND, *The Gospel of Matthew*, pp. 471-472.

amor divino que é revelado. A plenitude da revelação passa de igual modo pela sabedoria, que exige uma postura humilde para ser revelada. Só Deus sabe e conhece onde habita a sabedoria, só a sabedoria conhece Deus, só a sabedoria pode revelar Deus.

2.2. Relação única

Todos os seres humanos experienciam uma relação pai e filho²⁹³. Nem sempre ela é vivida, fruto de inúmeros fatores sociais, económicos ou outros. Mas, para existir vida, ela tem de acontecer. O pai só se torna pai quando existe o filho, o que por outro lado é verdade que o filho só o é quando existe o pai. Podemos assim afirmar que ambos nascem dependentes um do outro. Esta dependência não é limitadora, não implica um acorrentar do outro, mas, se descoberta na liberdade do amor, é libertadora. Pode falhar a vivência e a qualidade da relação, mas a relação nunca falhará porque uma vez estabelecida é para sempre. Implica uma realidade ontológica, não é uma relação estabelecida por decretos humanos. Podem ter existido falhas no momento pré-relação, mas uma vez relação é relação.

Enquanto humanos, limitados na nossa compreensão, necessitámos de conceitos para podermos abarcar a realidade. As realidades puramente imanentes vão sendo conhecidas e traduzidas para a nossa compreensão. Cada vez conhecemos mais do que nos rodeia, somos capazes de descrever e perceber o funcionamento das coisas. Contudo, não podemos ‘coisificar’ o ser humano. O ser humano é aberto ao transcendente. Somos fruto da criação de Deus (Gn 1, 1-31; 2, 1-4). No entanto, falar de Deus não é possível só com as lentes da ciência, é preciso colocar as da fé. São estas que nos ajudam a abrir a uma relação única que Jesus revela, uma relação entre Deus e Jesus que “é tão estreita que as únicas palavras adequadas para ela são Pai

²⁹³ Utilizamos os termos pai e filho para falar desta relação porque é a que estamos a abordar da nossa passagem. Contudo, esta expressão inclui todas as relações paternas e maternas, ou seja, pai-filho, pai-filha, mãe-filho ou mãe-filha. Podem ainda ser vistos na sua ordem inversa, como filho-pai. O foco não está nessa questão, mas na necessidade primordial dessa relação para a mesma existir.

e Filho”²⁹⁴, relação existente desde sempre, como encontramos no prólogo do evangelista João (cf. Jo 1, 1-5). Não temos muitos outros conceitos para abordarmos a relação de Deus Pai com Jesus Cristo Filho.

Na compreensão da relação humana pai e filho vamo-nos aproximando da relação que encontramos entre Deus e Jesus. No entanto, devemos ter presente a “extraordinária e peculiar relação de pai e filho: a dualidade «pai» e «filho» designa uma relação especial, estreita e singular”²⁹⁵. Esta relação, como nos é dada no v. 27, aponta ainda para a igualdade absoluta do filho com o Pai, uma igualdade ontológica, o Pai e o Filho iguais em dignidade, numa relação recíproca, “igual em amplitude, plenitude e profundidade”²⁹⁶. Estes são contributos importantes para a Cristologia.

Jesus é igual ao Pai, tudo conhece do Pai, é o único que o pode revelar, assim como o Filho é exclusiva revelação do Pai. Sabendo que a plenitude de tudo, toda a sabedoria, está em Deus Pai, e sendo Jesus Cristo o Filho de Deus, na sua igualdade ontológica, na reciprocidade das relações, estamos perante uma relação absolutamente única. A afirmar esta relação absolutamente única está a revelação que nos é feita por Jesus, ou seja, “Jesus é a exclusiva revelação do Pai”²⁹⁷. Esta exclusividade é expressa pelo próprio Jesus, textualmente neste v. 27, assim como em outras passagens (cf. Mt 28, 18; Jo 10, 15). É ainda expressa em outros momentos por Deus, por exemplo no episódio da transfiguração de Jesus (cf. Mt 17, 5; Mc 9, 7; Lc 9, 35) ou no batismo (cf. Mt 3, 17; Mc 1, 11; Lc 3, 22). Embora existam sinais desta relação em várias passagens, esta em concreto (v. 27) é tida como a “primeira vez que nos inteiramos desta profunda relação entre Deus e Jesus”²⁹⁸, ou como refere R. T. France, “este verso [v. 27] apresenta-se como a declaração mais explícita da relação de Jesus com o Pai do

²⁹⁴ D. J. HARRINGTON, “Mateus”, p. 12.

²⁹⁵ U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, p. 283.

²⁹⁶ J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 287.

²⁹⁷ R. E. BROWN - J. A. FITZMYER - R. E. MURPHY, *The New Jerome Biblical Commentary*, p. 653.

²⁹⁸ W. TRILLING, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 258.

que em qualquer outro Evangelho Sinóptico”²⁹⁹, ou seja, uma declaração explícita da filiação divina.

Esta relação está expressa em muitos outros títulos. Os diferentes títulos de Jesus vão atestando da relação única. Um dos títulos é o de Filho de Deus. Jesus afirma a sua filiação divina, dirige-se a Deus como Pai, o que requer um grão de conhecimento de si mesmo ímpar e de relação plena. A afirmação feita no v. 26 (dirige-se a Deus como Pai) é explicada neste v. 27, onde este “conhecimento mutuo exclusivo do Pai e do Filho tem o efeito de os colocar numa categoria afastada dos outros seres conscientes”³⁰⁰. Não podemos esquecer que Jesus está a responder aos escribas e fariseus. Esta afirmação de Jesus “contradiz diretamente a pretensão dos judeus que creem ter a revelação completa de Deus na lei e nos Profetas”³⁰¹, logo, estamos perante uma demonstração de Jesus de si mesmo e da relação única com o Pai, que tudo conhece com o Pai, que só ele é capaz de revelar o Pai. Assim, toda a sabedoria e o conhecimento de Jesus, Filho de Deus, extravasam o homem reto do Judaísmo tardio ou a tradição helénica³⁰². A afirmação é vista, por vários autores, como proclamação messiânica³⁰³. Contudo, Jesus é mais que Messias³⁰⁴, é o único revelador, é o Filho de Deus.

Olhar para Jesus como o verdadeiro Filho de Deus só é possível com as lentes da fé, só assim se reconhece Jesus como Cristo, ou seja, o Filho de Deus e não simplesmente um Jesus humano que passou pela história há dois milénios. Fica cada vez mais evidente o reivindicar absoluto³⁰⁵ de Jesus como Filho de Deus, embora exista quem diga que Jesus não poderia ter feito tal reivindicação³⁰⁶. A cada vez mais certa autenticidade do dito, como sendo verdadeiramente de Jesus, vai-nos colocando perante um reconhecimento da “auto

²⁹⁹ R. T. FRANCE, *Matthew...*, p. 199.

³⁰⁰ R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, pp. 445-446.

³⁰¹ R. E. BROWN - J. A. FITZMYER - R. E. MURPHY, *Comentario Biblico «San Jeronimo»*, p. 217.

³⁰² Cf. J. S. KLOPPENBORG, “Wisdom Christology in Q”, p. 145.

³⁰³ Cf. S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30...”, p. 293.

³⁰⁴ Cf. J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 287.

³⁰⁵ O Filho absoluto e o Pai absoluto é tipicamente Joanino, daí que, como verificámos na intertextualidade, a ligação ao Evangelho de São João seja muitíssimo forte.

³⁰⁶ Cf. S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30...”, p. 292.

compreensão de Jesus como Filho absoluto do Pai absoluto”³⁰⁷, e assim só o Filho pode revelar o Pai.

Esta é uma relação que é vista como sendo mística, em parte pelo “tom místico da passagem [que] indica que Jesus tem algum tipo de condição divina”, mas, acima de tudo porque se deve entender (a passagem) no sentido em que o Pai dá e o Filho recebe. “De outra forma, se o quisermos entender de acordo com a nossa fragilidade: quando começa a ter o que recebeu, começa o não ter o que deu”³⁰⁸, isto porque ficará focado simplesmente no que recebeu. Para ter o que deu terá de ter a abertura ao dar e receber místico. Uma vez mais fica patente a necessidade das lentes da fé.

Não nos é possível compreender esta relação sem fé. Aceitar esta relação pertence à fé, assim como aceitar a revelação. É Jesus o único revelador desta relação, Ele é o sujeito definitivo da revelação de Deus, nos seus ditos, nas suas obras, na sua morte e ressurreição. Jesus Filho revela Deus Pai e a Sua relação única. Revela como Deus atua, com sabedoria, e como Jesus Cristo é a sabedoria, fruto da relação íntima com o Pai. A cruz pode ser fonte de questionamento sobre toda esta revelação e relação. Contudo, a ressurreição funciona como chave para a abertura à compreensão de toda a vida de Jesus até à cruz. Embora seja possível apresentar vários sinais da ressurreição, como o túmulo aberto da manhã de páscoa, ela requer sempre um ato de fé³⁰⁹.

Esse vai ser o convite que Jesus faz nos versículos seguintes (vv. 28-30), um jugo e um fardo que está para além do que qualquer humano possa oferecer.

³⁰⁷ R. E. BROWN - J. A. FITZMYER - R. E. MURPHY, *The New Jerome Biblical Commentary*, p. 653.

³⁰⁸ JERÓNIMO, *Comentario al Evangelio de Mateo*, p. 120.

³⁰⁹ Cf. J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, pp. 289-295.

3. O jugo suave e o fardo leve

Depois de Jesus ter dado graças ao Pai pela revelação aos pequeninos, depois de Ele mesmo ter revelado a relação única e exclusiva com o Pai, assumindo a condição de Filho de Deus, agora vai fazer um convite. Este é um convite à aprendizagem, à Sua sabedoria, que é a de Deus, e a tomar o seu jugo e o seu fardo, que é suave e leve. O convite é feito a todos os que se queiram aproximar de Jesus, isto porque é Jesus, o Filho de Deus, que faz o convite para algo que só Ele, igual a Deus Pai, pode oferecer.

A universalidade do convite não exclui que Jesus continue a privilegiar aqueles que o tem acompanhado nesta passagem de Mateus, assim como em todo o Evangelho, ou seja, com os marginalizados³¹⁰. As condições necessárias para aceitar este chamamento de Jesus estão no convite – mais concretamente os cansados e oprimidos - mas também nos versículos anteriores (vv. 25-27). Como já fomos verificando anteriormente, e veremos ainda com mais detalhe de seguida, Jesus dirige-se a pessoas e situações concretas. Contudo, o convite continua a ressoar e a fazer todo o sentido nos dias de hoje.

Devido à falta de paralelo dos vv. 28-30 com qualquer outro texto dos Evangelhos, poder-se-ia dizer que estaria desligado da ação de graças dos versículos anteriores. Não obstante a historicidade assim o indicar, a continuação de Jesus com os marginalizados é um ponto de ligação extremamente forte³¹¹. Estes versículos 28-30 são uma construção simétrica, com duas exortações (“vinde a mim” v. 28; “aprendei de mim” v. 29) e duas promessas (“hei-de aliviar-vos” v. 28; “encontrareis descanso” v.29)³¹². São muito equivalentes entre si. É uma passagem que recorda Eclo 51, 23-27, com o convite do mestre da sabedoria a ir a ele e tomar o jugo da sabedoria³¹³.

³¹⁰ Celia Deutsch, numa perspetiva mais abrangente, refere que Jesus chama todos aqueles ‘que ainda não são seus discípulos’. Cf. C. DEUTSCH, *Hidden Wisdom and the Easy Yoke...*, p. 42.

³¹¹ A questão da unidade do dito já foi discutida em I.2.2 Estrutura e em II.2.2 Contexto próximo.

³¹² Cf. C. DEUTSCH, *Hidden Wisdom and the Easy Yoke...*, p. 42.

³¹³ Cf. J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 295.

Este convite de Cristo apenas está presente em Mateus. A linguagem utilizada seria perceptível por todos à época, uma vez que encontrámos conotações messiânicas, redigidas em linguagem sapiencial. Já no Antigo Testamento e na literatura judaica tardia o “tempo messiânico é idealizado como um tempo de descanso, paz e prosperidade”³¹⁴. Torna-se assim bastante provável que existisse essa conotação messiânica³¹⁵.

Mateus consegue desenvolver neste dito uma combinação da graça e parénese. A doutrina de Jesus não é abstrata, a experiência religiosa produz efeitos. O que Jesus diz faz. É performativo. O seu convite, a sua graça tem consequências: o alívio, o descanso. São todos estes pequenos pontos que nos indicam da ligação que o dito vai tendo nos seus diferentes versículos.

3.1. O convite

Ao lermos o versículo 28, ficamos, quase de imediato, a saber para quem se dirige este convite. Em grande medida, ele dirige-se a quem está a ler esta passagem, pois, quem não se sentiu já cansado e oprimido pelas inúmeras situações da vida? Se ao invés de traduzirmos a expressão grega *κοπιῶντες καὶ πεφορτισμένοι* por ‘cansados’ e ‘oprimidos’ (palavras utilizadas no nosso texto bíblico) as traduzirmos por ‘trabalhais arduamente e estais sendo sobrecarregados’ podemos ter uma carga e simbolismo mais condizentes com o tempo contemporâneo, assim como uma ainda maior apropriação do convite e identificação com o mesmo. Pode, de igual modo, dar uma imagem mais forte de injustiça e que a mesma lhes está a ser imposta por alguém.

Contudo, no contexto em que foram ditas estas palavras, tenta-se identificar a quem é feita a referência, que nas palavras de John Nolland são “aqueles em favor dos quais o Filho

³¹⁴ S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30...”, p. 296.

³¹⁵ Enquadra-se perfeitamente no perfil do evangelista Mateus que traçamos anteriormente.

exercita a escolha identificada em v. 27 – uma espécie de prioridade aos pobres”³¹⁶, ao que Daniel J. Harrington acrescenta que “o convite de Jesus é endereçado àqueles que continuam fora do círculo dos seus discípulos (...) é uma chamada a deixar para trás os ensinamentos judaicos e seguirem Jesus”³¹⁷. Temos assim um convite ao discipulado.

Em última análise, pegando numa visão mais restrita e biblista, o convite é feito aos “cansados e sobrecarregados de Is 40, 28-31 (...) com os inúmeros requisitos dos fariseus para serem admitidos no reino”³¹⁸, ou seja, “os judeus penando sob as «cargas pesadas» que os seus chefes lhe impuseram”³¹⁹, o estrito cumprimento da lei, “a carga da religião (...) do povo explorado”³²⁰. Assim concebida, esta abordagem pode parecer limitadora no alcance do convite de Jesus. Com o método dedutivo, ficamos perante o convite apenas a um grupo específico, os judeus. Porem, utilizando o método indutivo, podemos chegar a um resultado mais conforme com o convite feito, a universalidade do convite de Jesus, a verdadeira aplicação da palavra ΠΑΝΤΕΣ ‘todos’.

São variadas as formas de descrever este convite, de o catalogar. Quando Jesus diz “Vinde a mim, todos” (v. 28) está a universalizar o convite. Só Ele tem este alcance universal porque só a Ele, na Sua relação íntima com Deus Pai, “tudo” (v. 27) foi entregue. A estrutura do dito está bem balanceada e quer colocar-nos perante esta universalidade:

“o convite ao «vinde a mim» é um importante contrabalançar ao dito em v. 27 em que o conhecimento de Deus está apenas aberto aqueles a quem o Filho O «quiser» revelar. Essa vontade está aqui demonstrada não para ser restritiva, mas ilimitada, o convite sendo feito para todos”³²¹.

O convite de Jesus é à sabedoria, revelada a quem se tornar pequenino. Esta sabedoria é a Sabedoria de Deus, o conhecimento de Deus, que é possível tomar parte pelo Seu Filho,

³¹⁶ J. NOLLAND, *The Gospel of Matthew*, p. 476.

³¹⁷ D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 167.

³¹⁸ W. R. FARMER (Dir.), *Comentario Bíblico Internacional...*, p. 1176.

³¹⁹ S. LEGASSE, “O Hino de Júbilo (11,25-30)”, p. 39.

³²⁰ U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, p. 299.

³²¹ R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 448.

único revelador³²² do Pai porque é da mesma natureza e substância. Não é possível existir qualquer confusão sobre para quem os convidados se devem dirigir. Aqui podemos ter alguma polémica, em especial de Jesus com os fariseus e escribas – aliás, Jesus continua a responder-lhes. O convite “«vinde a mim» implica «e não a eles»”³²³, desta forma Jesus está em clara oposição aos fariseus e escribas³²⁴, com a sua doutrina, com as suas exigências, com as cargas pesadas que impõem.

Jesus, neste convite, às duas exortações associa duas promessas. Na tradução bíblica portuguesa que adotámos, temos duas traduções diferentes para as promessas de Jesus. Na primeira, temos “hei-de aliviar-vos” (v. 28) e na segunda, “encontrareis descanso” (v. 29). O sentido original não é muito diferente de uma ou outra palavra. No essencial quer-se destacar a promessa de descanso. Ambas as traduções apontam para um tempo futuro. Contudo, o verbo (do v. 28 ἀναπαύσω) no futuro³²⁵ não quer indicar uma ação que apenas virá a acontecer num futuro longínquo, mas “é parte do seguimento de Jesus, ensinando no presente”³²⁶, ou seja, é um futuro que se pode realizar no imediato, por outro lado, é já a vivência do reino, “a chegada ao cumprimento da vida no reino”³²⁷. É uma promessa já realizada e que se perpetua.

Para chegar à promessa do descanso, feita neste convite, é necessário aquilo que foi sendo dito nos vv. 25-27 e algo mais que é referido nos vv. 28-30: aprender de Jesus Cristo e

³²² Este convite à participação na natureza divina está explorado na Constituição Dogmática *Dei Verbum*: “Aproveu a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef. 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cfr. Ef. 2, 18; 2 Pe. 1, 4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1, 15; 1 Tim. 1, 17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15, 14-15) e convive com eles (cfr. Bar. 3, 38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta «economia» da revelação realiza-se por meio de acções e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação”. *Dei Verbum*, 2.

³²³ B. BYRNE, *Lifting the Burden...*, p. 96.

³²⁴ Fariseus e escribas porque são aqueles a quem Jesus está a responder. Podemos colocar Jesus em oposição a todos que não estão configurados com Ele, que não estão configurados com a sabedoria divina, com Deus. Com todos os que não se tornam pequeninos e não reconhecem que Jesus Cristo é o Filho de Deus.

³²⁵ Assim como a palavra do v. 29 ἀνάπαυσιν

³²⁶ D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 168.

³²⁷ B. BYRNE, *Lifting the Burden...*, p. 96.

tomar o Seu jugo. A resposta a este convite tem de ser livre, filial e por amor, à imagem da relação de Jesus Cristo com Deus Pai³²⁸.

3.2. Aprende de mim

Esta é uma das condições para poder usufruir da promessa de Jesus, o descanso³²⁹. O sentido do descanso é o mesmo que o verificado na promessa da primeira exortação (v. 28). Fomos já introduzindo que este descanso teria sido compreendido à luz do Antigo Testamento, pelo que seria interpretado como um descanso sabático. Porém, este descanso sabático estava configurado com a era messiânica caracterizada pela abundância material, a justiça social, a harmonia entre pessoas e animais, a luz refulgente, a paz e descanso.

Jesus vai introduzir uma nova realidade e uma diferença significativa na Lei. Ele vai oferecer aquilo que a Lei vinha prometendo, ou seja, aquilo que os judeus buscavam, com jugos difíceis e fardos pesados, é agora prometido por Jesus de forma suave e leve. Oferece o verdadeiro descanso messiânico e sabático³³⁰. Esta é a aprendizagem de Jesus, porque é manso e humilde de coração, porque é Filho de Deus e revela o que conhece do Pai, e o que conhece é tudo, porque privilegia os cansados e oprimidos, os pequeninos, todos os frágeis, não deixando de ser para todos o quiserem acolher.

A mansidão e a humildade³³¹ aprendem-se de Jesus. A humildade é condição para se reconhecer ignorante e estar apto para a aprendizagem. Ser manso não quer dizer que se é submisso. Na tradução portuguesa³³² que assumimos, a palavra ‘suave’ aparece para traduzir uma outra palavra do v. 30 (χρηστὸς). Talvez por uma diferenciação de palavras a tradução

³²⁸ Cf. A. R. CARMONA, *Evangelio de Mateo*, p. 122.

³²⁹ Este é, por exemplo, o descanso de uma pausa, junto de um oásis após caminhar no deserto ou o descanso da tradição bíblica, com Deus a ‘descansar’ ao sétimo dia. Cf. B. BYRNE, *Lifting the Burden...*, p. 96.

³³⁰ Cf. S. BACCHIOCCHI, “Matthew 11:28-30...”, pp. 298-303.

³³¹ “Manso e humilde de coração” é uma expressão que serve de elogio nas bem-aventuranças (cf. Mt 5, 5). Cf. AA. VV., *Sagrada Biblia: Comentario*, p. 1000.

³³² *πραῦς* está traduzido por suave, mas poderia ter inúmeras outras traduções, entre as quais humilde.

para ‘manso’ foi assumida aqui para depois existir uma diferenciação com a outra palavra que vem mais à frente e assim conseguir uma ligação mais fácil com ‘jugo’ ficando ‘jugo suave’ (v. 30). Contudo, esta é tida como uma palavra de difícil tradução:

“pode simplesmente descrever a pessoa cuja as circunstancia são humildes (...). Contudo, na discussão do grego ético, o $\pi\rho\alpha\upsilon\varsigma$ é aquele que manifesta uma bem-regulada mestria da sua raiva (...). A descrição de Moisés como muito humilde ($\pi\rho\alpha\upsilon\varsigma$) mais do que qualquer um à face da terra identifica-o como alguém que estava livre da vaidade [presunção] daqueles que estão focados no seu próprio interesse (...), o interesse de Mateus em Jesus como $\pi\rho\alpha\upsilon\varsigma$ é refletido no seu uso da citação de cumprimento em Mt. 21, 4-5 de Zc. 9, 9 com a identificação do próximo rei como $\pi\rho\alpha\upsilon\varsigma$ ”³³³.

O objetivo desta palavra é que transmita “uma intensa relação com Jesus (...) uma atração pessoal e um convite a entrar no intercâmbio do amor (...), no amor do Pai”³³⁴. Esta é uma aprendizagem absolutamente necessária, seguir Jesus, entrar em relação com Ele, numa entrega plena a Deus.

O “aprendei de mim” (v. 29) pretende colocar a ênfase no ensino de Jesus. Parece uma constatação demasiado óbvia. No entanto, este aprender de Jesus é um aprender no amor, é um aprender de Jesus que, sendo Mestre, se torna como os pequenos, pobre, simples, manso e humilde de coração, que oferece a sua sabedoria³³⁵.

Jesus exorta, não a uma sabedoria qualquer, mas à sabedoria divina. Não nos é estranho esta exortação e esta sabedoria, como não era estranha à comunidade de Mateus, “para eles o dito Q (Mt 11, 25-27) e o dito M (Mt 11, 28-30) ter-lhes-ia fornecido a sua resposta «judaico-cristã»: a sabedoria é a pessoa do «Filho» e o seu ensinamento; a sabedoria é para ser encontrada na «escola» de Jesus”³³⁶.

³³³ J. NOLLAND, *The Gospel of Matthew*, p. 477.

³³⁴ B. BYRNE, *Lifting the Burden...*, p. 97.

³³⁵ Cf. M. GALIZZI, *Evangelio según Mateo...*, p. 233.

³³⁶ D. J. HARRINGTON, *The Gospel of Matthew*, p. 170.

Aprender de Jesus faz parte do convite que Ele faz e não é uma simples adesão. Encontrarão descanso, mas é necessário uma abertura e preparação para a adesão. Jesus traça um caminho que vai da descoberta da verdade ao encontro do descanso. Contudo, é necessário suportar o jugo que Jesus tem para oferecer, o Seu jugo, o jugo da sabedoria, que uma vez colocado se aprende de Jesus Cristo a ser manso e humilde de coração, a encontrar descanso para as almas³³⁷.

3.3. Jugo suave

Temos vindo a explorar a revelação de Jesus aplicando, com especial ênfase as lentes da fé, não descurando o rigor académico da análise. Não raras vezes tomámos os textos do Evangelhos como desligados da realidade, com leituras puramente transcendentais. Melhor, olhámos para a realidade concreta de muitas passagens, mas a tendência é para explorar uma cena fora de uma realidade que teve um tempo, que se passou num lugar e num espaço. Isto acontece de forma especial quando se aborda a teologia associada ao que se está a analisar. Jesus não deixava de ser realista e utilizar muitos exemplos concretos da vida quotidiana das pessoas que o ouviam. Ao abordar esta passagem, James Martin faz uma leitura que se trona pertinente. Ele refere que Jesus era um *tektôn*,

“na época de Jesus, só os *tektôn* mais talentosos eram capazes de construir um bom jugo para bois (perfeitamente à medida da parilha de bois, de modo a não os ferir ou incomodar). Quando Jesus disse «o meu jugo é suave e o meu fardo é leve», será que as pessoas do seu tempo, que sabiam o que era um jugo fácil, sorriam para consigo, dizendo: «Sim, Ele fazia jugos realmente bons»? ”³³⁸.

É uma leitura pertinente a que faz James Martin. Quem ouvia Jesus poderia não estar a fazer leituras que, após séculos e milénios de estudo, são feitas. É uma leitura válida sobre como

³³⁷ Cf. R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, pp. 447-449.

³³⁸ J. MARTIN, *Jesus, Um Encontro Passo a Passo*, Paulinas, Prior Velho, 2015, p. 109.

terão reagido os ouvintes ao que Jesus dizia sobre o jugo. Não obstante, a leitura poderia ser ligeiramente diferente e ainda mais pessoal, uma vez que naquele tempo o jugo para os animais era diferente do jugo para os humanos, “o jugo dos animais, que juntava dois animais para puxar um arado ou um carro, deve ser distinguido do jugo humano, que é usado por uma pessoa para distribuir o peso da carga ao longo dos ombros”³³⁹. Desta forma, torna-se ainda mais provável que os ouvintes tenham relacionado as palavras de Jesus com esse jugo. Não quer dizer que não tenham depois alcançado a leitura pretendida por Jesus, uma vez que o contexto do dito orienta nesse sentido.

O jugo que cada um transporta, como imagem³⁴⁰ para o peso que lhes é imposto, e o jugo que Jesus apresenta parecem coincidir: suave, à medida de cada um, com uma carga leve, para o descanso do espírito e não para serem ainda mais sobrecarregados. O jugo seria algo pessoal. O jugo identificaria o seu dono, como uma marca identitária. Assim, quando Jesus manda tomar o Seu jugo “significa o compromisso de cada um a um modo de vida único que marca a identidade de cada um”³⁴¹. Ou seja, tomando o único e mesmo jugo de Jesus cada um não perde a sua identidade, pelo contrário assume a sua identidade única na configuração com Jesus Cristo. Tomar o jugo de Cristo é uma submissão ao Reino de Deus, à sabedoria, ao descanso messiânico³⁴². Não é uma submissão pesada, mas leve e suave, de descanso.

O jugo (ζυγός) de Cristo é “o seu ensinamento, a sua doutrina, a sua lei, a sua vida”³⁴³. É um aprender de Jesus Cristo, liberta o Homem. É um jugo que requer o amor ao próximo, que desprende das riquezas³⁴⁴, que exige a mansidão e a humildade, que apela a tornarmo-nos

³³⁹ R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 449.

³⁴⁰ “La imagen del «yugo» es bíblica y estaba difundida en el judaísmo, prioritariamente en sentido profano: se habla del yugo del dominio extranjero, de la esclavitud, del destino o del «yugo humano» etc. Paralelamente se formó un uso lingüístico religioso: el libro del Eclesiástico habla del «yugo de la sabiduría» (Eclo 6, 24; 51, 26). Cuando Eclo 24 identifica la sabiduría con la *torá*, se refiere al «yugo de la Ley» o de la *torá*, una expresión judía corriente. También son afines las expresiones «yugo de Dios» (Jer 2, 20; 5, 5; Hen esl 34, 1s) o «yugo de la soberanía de Dios», (U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, p. 293).

³⁴¹ H. W. BASSER – M. B. COHEN, *The Gospel of Matthew and Judaic Traditions: a Relevance-based commentary*, BRILL, Boston, 2015, p. 281.

³⁴² Cf. R. E. BROWN - J. A. FITZMYER - R. E. MURPHY, *Comentario Bíblico «San Jeronimo»*, p. 217.

³⁴³ M. TUYA, *Biblia Comentada: Evangelios – Texto de la Nácar-Colunga, Porfessores de Salamanca*, p. 276.

³⁴⁴ Cf. U. LUZ, *El Evangelio Según San Mateo II*, p. 301.

pequeninos. Em nada ficámos diminuídos com este jugo, pelo contrário, eleva-nos à descoberta da Sabedoria de Deus. O jugo de Cristo não é o jugo da lei antiga. No jugo de Cristo “contámos com as mais abundantes graças que se nos comunicam, principalmente pelos sacramentos, senão também porque está fundada não no temor, como a antiga [lei], mas no amor, e porque para os sacrifícios que exige vai à frente com o seu exemplo o mesmo Cristo”³⁴⁵. O jugo de Cristo é toda a vivência cristã, é tudo aquilo que Jesus Cristo foi ensinando, que podemos ver, em certo sentido, condensado nesta passagem de Mateus (11, 25-30).

Jesus, quando falou sobre o jugo, poderia ter sido entendido, num primeiro momento, como um *tektōn*, que falava dos jugos que fazia enquanto carpinteiro. Desta forma terá mais rapidamente sido entendido na sua mensagem. A imagem inicial ajudou a passar a mensagem a quem o ouvia. Quem ouvia entendeu que a lógica deste jugo era diferente, estava invertida, não era um jugo inquietante, desajustado, com uma carga pesada. Pelo contrário, era um jugo ajustado, à medida, leve, que suportava e não oprimia. O jugo é um descanso, por Cristo até Deus. É um repouso em Deus.

Uma das características do Evangelho de Mateus é ser o Evangelho da Igreja, orientado para a comunidade. Esta passagem, tida como uma das mais explícitas de Jesus³⁴⁶, é orientadora para a comunidade de Mateus, como deve agir, como deve viver a fé, que jugo carregar, que jugo colocar aos outros: é sempre o jugo de Cristo, como salienta Wolfgang Trilling, “nossa fé nunca pode se converter numa carga esmagadora, num jugo que nos cause feridas com a fricção (...). O jugo de Jesus nunca é uma fonte de diminuição de consolo e de suave serenidade”³⁴⁷. Esta linguagem não está desfasada do mundo contemporâneo, bem pelo contrário, há necessidade de refontalização, de voltar a perceber que jugo é este de Cristo, que carga é esta, que linguagem é esta que nos acolhe, a todos, nas nossas fragilidades, que não esquece os mais

³⁴⁵ J. LEAL – S. D. PARAMO – J. ALONSO, *La Sagrada Escritura...*, p. 131.

³⁴⁶ Cf. CATECISMO IGREJA CATÓLICA, 2603-2604.

³⁴⁷ W. TRILLING, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 261.

frágeis, que dá serenidade, que abre para a vida, para Deus. Consolo e serenidade foram necessários no tempo de Jesus e continuam a ser hoje.

Existe uma questão que deve ser aqui trabalhada, pois é recorrentemente colocada por quem analisa este texto. Parece existir em paradoxo entre jugo e descanso. Como pode este jugo ser suave após o sermão da montanha?³⁴⁸ Por um lado pela compreensão da palavra ‘suave’ no v. 30. Esta tradução relaciona-se perfeitamente com ‘jugo’ (com a qual a palavra se relaciona no texto). Não quer dizer que exista aqui um sentido literal de colocar o jugo, porque não há, até porque para além destes significados “geralmente acarreta o sentido de ‘bom para as outras pessoas’, de ‘atencioso’, ‘dócil’”³⁴⁹, logo o jugo é figurativo de uma relação e de como é essa relação, por isso, a tradução de *χρηστὸς* deve traduzir isso mesmo, ajudar a compreender que jugo é esse, “jugo que é *χρηστὸς* como o tipo de fardo que deve ser imposto por um dono que é dócil”³⁵⁰. Desta forma, verificámos que a diferença está no Senhor que servimos. Carga leve não é incompatível com autoridade, quando essa autoridade é a de Deus³⁵¹. A revelação aos humildes (vv. 25-26), assim como a relação do Filho com o Pai (v. 27), podem ser demonstrativos disso mesmo. O sermão da montanha pode ser visto como antítese desta passagem, ajuda na compreensão dos postulados morais de Jesus³⁵². É aos pequeninos que está a ser feita a revelação. Estes são os que estão a responder à interpelação de Jesus, os que sofrem, que são marginalizados. Por isso compreendem o sermão da montanha, assim como buscam este jugo de Jesus, porque não é um Senhor impiedoso, imperial, mas um Senhor que acolhe com afeto.

O jugo de Jesus é suave, adequa-se às necessidades de cada um, é descanso restaurador. O jugo não é um peso, uma carga porque não é literal, mas configura-se com o Senhor, diz do Senhor, revela o Senhor e como Ele é. Conseguimos assim verificar uma unidade de todo o

³⁴⁸ Cf. B. BYRNE, *Lifting the Burden...*, p. 97.

³⁴⁹ R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 440.

³⁵⁰ J. NOLLAND, *The Gospel of Matthew*, p. 478.

³⁵¹ Cf. R. T. FRANCE, *The Gospel of Matthew*, p. 450.

³⁵² Cf. J. SCHMID, *El Evangelio Según San Mateo*, p. 297.

texto: busca revelar Deus, dizer que Jesus é Seu Filho, que é igual ao Pai, que se revela aos frágeis, os pequeninos, a quem se tornar pequeno. Desta forma poderá conhecer a promessa de descanso, quando colocar o jugo de Jesus, um jugo que diz de quem o coloca, um jugo que diz de Deus, um Deus que dá descanso ao espírito, um Deus que é amor.

Conclusão

Ao longo das páginas anteriores, fomos percorrendo um percurso que partiu de uma visão macro, o Evangelho de Mateus, até alcançarmos uma visão micro, a passagem que nos propusemos estudar Mt 11, 25-30. Com este percurso, foi possível identificar várias questões do Evangelho de Mateus, como as diferentes características socio-históricas, literárias e teológicas de todo o Evangelho. Foi ainda possível focarmo-nos na análise do texto em si, os enquadramentos literários e centramo-nos em três intertextualidades. Desta forma, ficou mais fácil perceber a teologia subjacente ao texto em estudo, espelhada em três pontos concretos: a revelação aos humildes; a relação Pai-Filho; o jugo suave e o fardo leve.

A passagem de Mt 11, 25-30 tem um enquadramento literário específico. De um ponto de vista amplo, enquadra-se entre duas rejeições, ou seja, temos rejeição – revelação - rejeição. O centro da passagem é a revelação. No contexto próximo temos Jesus que responde. É uma passagem que tem uma fonte Q (Mt 11, 25-27), partilhada por Lc 10, 21-22, e uma fonte M (Mt 11, 28,30), ou seja, exclusiva de Mateus. É lida, em especial, à luz do Antigo Testamento ou derivando da *theosophy* [sabedoria de Deus]. É muito forte a possibilidade de ser um dito unitário, o que ajuda na compreensão da divisão do dito em três partes, assim como a análise das três partes, em separado, ajuda na compreensão do dito como unitário.

São inúmeras as intertextualidades que podemos encontrar nesta passagem. No entanto três são as mais fortes: o Eclo 51, com influência na interpretação como sabedoria; Lc 10, 21-22, enquanto partilhado pela fonte Q; o Evangelho de João, talvez das mais surpreendentes intertextualidades.

O Evangelho de Mateus tem particularidades muito próprias. É apelidado de Evangelho da Igreja, principalmente pela sua preocupação com a comunidade. Foi um Evangelho muito influente para os primeiros cristãos, assim como para a patrística. No nosso estudo, verificámos

que continua a ser muito importante para os dias de hoje, em termos de estudo, da pastoral e da leitura pessoal.

Mateus escreve, essencialmente, a pensar na sua comunidade, uma comunidade de judeo-cristãos e gentios, uma comunidade itinerante, daí ser uma comunidade com alguma fadiga e cansaço, bem presente em Mateus quando escreve este Evangelho. Esta é uma comunidade real e não idílica ou fictícia, que tem problemas, que precisa de os resolver para continuar como comunidade, que precisa de orientações concretas. Mateus irá dar essas indicações.

Jesus Cristo é claramente o centro da mensagem do Evangelho de Mateus. Este evangelista é profundamente Cristológico. Jesus Cristo é o cumprimento das Escrituras e a Boa Nova. Não obstante a linguagem semítica, e ser apelidado de Evangelho Judaizante, a mensagem é para todos. Existe uma universalização da mensagem de Cristo por parte de Mateus. A comunidade também contava com os gentios.

Como Evangelho da Igreja, reflete a vida da Igreja, Igreja de reunião, com profundo sentido de comunidade. Reflete a mesma em que Mateus se insere e para a qual escreve. Aponta que a vivência nela é em Igreja, na ligação como os outros membros e com Cristo.

A análise teológica trouxe respostas e uma melhor compreensão do dito. Uma das questões passou por perceber a universalidade do Evangelho. É um pouco complexo. Se Jesus agradece ao Pai o facto de ter escondido ‘estas coisas’ aos sábios e entendidos e as ter revelado aos pequeninos, como pode ser universal? A resposta passa pela sabedoria de Deus, a abertura à fé. O convite que é feito à para todos, mas exige humildade para o acolher, daí a revelação aos pequeninos.

Esta revelação exige uma certa ignorância, mas não que seja ignorante, ou seja, a abertura para a aprendizagem. Daí que a mensagem chegue mais rápido aos pequeninos. Nesta ignorância, nesta abertura, predisposição para a aprendizagem acolhe-se a sabedoria e o

conhecimento de Deus, mais que toda a sabedoria humana. Os pequeninos são os que estão a abrir-se à fé, a responder ao convite.

Quem responder dessa forma vai receber a sabedoria, que vem de Deus. Não é, contudo, um ato simples, exige o esforço e a vontade de cada um para responder. É necessário o estudo e o conhecimento, que Jesus valoriza. A diferença está na forma de acolher a sabedoria divina. O conhecimento sem Deus não é sabedoria. A verdadeira sabedoria está configurada com Deus. O conhecimento sem Deus leva à morte, pois é um conhecimento fechado.

Jesus agradece, dá graças, em oração, ao Pai por ter sido assim. Esta é uma forma sem precedentes de Jesus se dirigir a Deus. Revela uma relação única. A revelação que é feita é a de Deus Pai e da Sua relação única e exclusiva com o Filho, único capaz de mostrar Deus Pai, pois é como ele. A revelação da fé apresenta-se contra o orgulho da sabedoria humana.

A relação Pai-Filho que é apresentada nesta passagem é especial, não só pelo carácter da relação em si, mas também pela relação que existe com o Evangelho de João. É um dito que se poderia designar tipicamente joanino. No entanto, este Evangelho é mais antigo que o de João. Este versículo, em concreto, está também espelhado em Lucas, por isso, é da fonte Q. A diferença está na globalidade do dito, que sendo de Mateus, encaixa perfeitamente no Evangelho de João. Esta relação única vem dizer-nos que só com Jesus Cristo é pensável a divindade de Deus.

A racionalidade atual está muito configurada com o conhecimento. Jesus aponta também para o conhecimento. Contudo, vai inverter toda a lógica humana: não são os sábios e entendidos que têm o conhecimento, mas todo aquele que se configurar com Cristo, pois o conhecimento de Cristo é o de Deus Pai, que é a sabedoria divina. É o Filho que revela esse conhecimento. Não obstante, este conhecimento não é fechado, caso contrário cairia no erro apontado pelo próprio Jesus aos sábios e entendidos. Este conhecimento é aberto e partilhado com todos, daí ser verdadeiro conhecimento. Assim deve estar configurado o conhecimento humano. Este pode ser um dos grandes desafios atuais, pois o sentido no reconhecimento do

conhecimento parece ser o inverso. Ter o verdadeiro conhecimento implica aceitar, reconhecer esta relação de Pai e Filho, implica fé. Os sinais físicos existem, mas se o conhecimento for fechado não alcança esta relação, é preciso um ato de fé, são necessárias as lentes da fé.

Com a aceitação da relação, de forma humilde, é depois possível acolher o jugo suave de Cristo. Este convite apenas aparece em Mateus.

O convite é feito a todos, é universal. No entanto, é necessária esta predisposição. Existem privilegiados. Isto pode chocar na contemporaneidade, porém, os privilegiados de Cristo são os cansados e oprimidos, os que mais sofrem, os marginalizados, os indigentes. Este convite ressoa nos dias de hoje, continua a fazer sentido. É um convite à vida eterna, a viver em Deus, a tomar sobre si um jugo de descanso e não de opressão. A resposta é este convite que tem de ser livre. Isto faz-nos levantar algumas questões – o trabalho científico também passa por apresentar novas questões a serem trabalhadas. De entre outras possíveis, foram-se colocando as seguintes: temos, atualmente, liberdade para responder, para pensar Deus, para o reconhecer? Temos liberdade para pensar a verdade? O Que poderá condicionar a nossa liberdade?

O convite que é feito por Jesus é o de aprender n'Ele. Esta é a oferta do verdadeiro descanso. O aprender em Cristo é responder no amor, uma das conclusões centrais do nosso trabalho. Esta é a verdadeira forma de sabedoria. Mateus vai orientando todos os aspetos para Cristo, para a relação única e exclusiva com Deus Pai, para o verdadeiro conhecimento de Deus, para este aprender, por Cristo, no amor que é a relação Pai-Filho (pelo Espírito Santo). Este é o jugo suave, o verdadeiro descanso.

Esta passagem tem muito a dar à contemporaneidade, na necessidade de reconfigurar todo este conhecimento, a verdadeira sabedoria que é aprender no amor. Serão estas palavras vagas e simples para o mundo atual focado na técnica? Olhando Mateus, com ênfase na passagem estudada, demonstra que não. A resposta de Jesus, nesta passagem, é a essa técnica.

Salvo as devidas diferenças temporais, a evolução dos tempos, o mundo de então identifica-se com o atual.

Este dito aponta questões à contemporaneidade, na sua globalidade. Contudo, levanta-as, em particular, à vida da Igreja atual. O Evangelho foi sendo construído a pensar na comunidade, na formação e organização da Igreja, com grandes necessidades pastorais. Era necessário acolher quem andava cansado e oprimido, fatigado. Esta passagem é exemplo claro disso. Pegando na reflexão deste trabalho, dever-se-á questionar: não deve a Igreja repensar as suas opções pastorais e verificar se estão configuradas com as palavras de Cristo aqui expressas? Não deverá questionar-se que tipo de jugo está a oferecer? Que jugo coloca a si mesma? Os modelos eclesiais são para apresentar o jugo suave de Cristo, dar descanso, ou para que todos se sintam mais fatigados? A linguagem teológica está adaptada para falar aos humildes, aqueles que respondem ao convite de Cristo? Como está a ser lida, apresentada e vivida a Palavra de Deus? Fundamentalmente, dever-se-á questionar, como o Papa Francisco tem feito insistentemente, se está a Igreja na contemporaneidade a acolher os simples, os humildes, os necessitados, se está a ir às periferias, a cumprir o Evangelho. De igual modo, levantar a questão de como os está a acolher, se os estás a acolher. Esta é uma passagem de grande pertinência crítica que levanta questões essenciais à vida da Igreja. Não obstante, igualmente apresenta modelos de ação e formas de resposta. O centro e modelo de toda a ação da Igreja é Cristo, na sua relação única com o Pai, na proposta de acolher a sua sabedoria e responder no amor.

Podemos concluir que esta passagem tem grande relevância para a contemporaneidade, em especial para a vida da Igreja. Não apenas pelo facto de ser Palavra de Deus, mas porque continua a dar resposta a problemas concretos da vida das sociedades atuais, da vida de cada um, da vida da Igreja. Continua a verificar-se os mesmos problemas, como as desigualdades e indiferenças, povos cansados e oprimidos. O convite continua a fazer sentido, assim como a dificuldade em aceitar o convite, reconhecer o Pai no Filho e obter descanso prometido. De

igual modo, a ênfase na técnica, na sabedoria e conhecimento humano tem dificultado o conhecimento pleno e verdadeiro, apontado anteriormente. Em parte, a nossa hipótese inicial está negada, pois, não é tanto um problema da linguagem atual, que tem dificuldades na compreensão da linguagem de Mateus sobre a revelação, ou que não perceba a relação do Pai-Filho e a imagem do jugo, mas são problemas que já se verificavam no tempo de Jesus, refletidos na própria comunidade de Mateus. A resposta foi, é e será sempre Cristo.

Bibliografia

Fontes primárias

Bíblia Sagrada (edição Pastoral), Paulus, Lisboa, 2012⁸.

Bíblia Sagrada (Para o Terceiro Milénio da Encarnação), Difusora Bíblica, Lisboa, 2001³.

BENTO XVI, “Audiência Geral”, Sítio Vaticano, 30 Agosto 2006 (acedido em 12 Outubro 2015) [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060830.html].

CATECISMO IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, 2603.

CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Dogmatica De Divina Revelatione *Dei Verbum*, (18 Novembris 1965), in *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966) pp. 817-836, tradução oficial Santa Sé (Acedido em 12 Outubro 2015) [http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html]

Missal Quotidiano – Dominical e Ferial, Paulus, Lisboa, 2014⁴.

NESTLE, Eberhard – Kurt ALAND, *Novum Testamentum Graece, Deutsche Bibelgesellschaft*, Stuttgart, 1995²⁷.

Fontes secundárias

AA. VV., *Comentario al Nuevo Testamento*, La Casa de la Biblia, Navarra, 1995.

AA. VV., *Obras Completas de San Agustín – XVIII Escritos Bíblicos (2.º)*, Bac, Madrid, 2003.

AA. VV., *Para ler o Evangelho segundo S. Mateus*, Difusora Bíblica, Lisboa, 2004².

AA. VV., *Sagrada Biblia: Comentario*, EUNSA-Universidad de Navarra, Pamplona, 2010.

ALDAY, Salvador Carrillo, *El Evangelio Según Mateo*, Verbo Divino, Navarra, 2010.

ALLISON JR, Dale C., “Two Notes on a Key Text: Matthew 11:25-30”, in *The Journal of Theological Studies, New Series* 39.2 (1988) pp. 477-485 (acedido em 7 Janeiro 2016) [<http://www.jstor.org/stable/23964211>].

AUNE, David E., ed., *The Gospel of Matthew in Current Study*, William B. Eerdmans, Michigan, 2001.

AVERDSON, Tomas, *Das Mysterium Christi: eine Studie zu Mt 11.25-30*, Alfred Lorentz, Leipzig, 1937.

BACCHIOCCHI, Samuele, “Matthew 11:28-30: Jesus’ Rest and the Sabbath”, in *Andrews University Seminary Studies* 22.3 (1984) pp. 289-316 (acedido em 10 Julho 2015) [http://www.auss.info/auss_publication_file.php?pub_id=697&jc].

BARCLAY, William, *The Gospel of Matthew: Vol. 1*, Westminster Press, Philadelphia, 1958.

BARCLAY, William, *The Gospel of Matthew: Vol. 2 Revised Edition*, Westminster Press, Philadelphia, 1975.

BASSER, Herbert W. – Marsha B. Cohen, *The Gospel of Matthew and Judaic Traditions: a Relevance-based Commentary*, BRILL, Boston, 2015.

BETZ, Hans Dieter, “The Logion of the Easy Yoke and of Rest (Matt 11:28-30)”, in *Journal of Biblical Literature* 86.1 (1967) pp. 10-24 (acedido em 14 Junho 2015) [<http://www.jstor.org/stable/3263240>].

BROWN, Jeannine K., *Matthew: Teach The Text, Commentary Series*, Baker Books, Michigan, 2015.

BROWN, Raymond E. - Joseph A. FITZMYER - Roland E. MURPHY, *Comentario Bíblico «San Jerónimo»*, Cristiandad, Madrid, 1972.

BROWN, Raymond E. - Joseph A. FITZMYER - Roland E. MURPHY, *The New Jerome Biblical Commentary*, Prentice Hall, New Jersey, 1990.

BULTMANN, Rudolf, *The History of the Synoptic Tradition*, Harper & Row, New York, 1963.

BYRNE, Brendan, *Lifting the Burden: Reading Matthew’s Gospel in the Church Today*, Liturgical Press, Minnesota, 2004.

CAZEAUX, Jacques, *L’évangile selon Matthieu: Jérusalem, entre Bethléem et la Galilée*, Éditions Du Cerf, Paris, 2009.

CLARKE, Howard, *The Gospel of Matthew And Its Readers: A Historical Introduction to the First Gospel*, Indiana University Press, Indianapolis, 2003.

CARMONA, Antonio Rodriguez, *Evangelio de Mateo*, Desclée De Brouwer, Bilbao, 2006.

CORREIA, João Alberto Sousa, *Os Livros da Bíblia – Volume II: Novo Testamento*, Diário do Minho, Braga, 2011.

COUTO, António, *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus*, Paulus, Lisboa, 2014.

DAVIES, W. D., “‘Knowledge’ in the Dead Sea Scrolls and Matthew 11:25-30”, in *The Harvard Theological Review* 46.3 (1953) pp. 113-139 (acedido em 6 Maio 2015) [<http://www.jstor.org/stable/1508443>].

DENAUX, Adelbert, “The Q-Logion Mt 11,27 / Lk 10,22 and the Gospel of John”, *Studies in the Gospel of Luke: structure, language and Theology*, LIT, Berlin, 2010.

DEUTSCH, Celia, *Hidden Wisdom and the Easy Yoke: Wisdom, Torah and Discipleship in Matthew 11.25-30*, JSOT, Sheffield, 1987.

DEUTSCH, Celia, “Wisdom in Matthew: Transformation of a Symbol”, in *Novum Testamentum* 32.1 (1990) pp. 13-47 (acedido em 7 Janeiro 2016) [<http://www.jstor.org/stable/1560675>].

DHEILLY, J., *Diccionario Bíblico*, Herder, Barcelona, 1970.

DIBELIUS, Martin, *Die Formgeschichte des Evangeliums*, Mohr, Tübingen, 1919.

DURAND, Alfred, *Évangile selon Saint Matthieu*. Beauchesne et ses fils, Paris, 1924.

ERDMAN, Charles R., *The Gospel of Matthew: An Exposition*, Baker Book House, Grand Rapids, 1983.

FARMER, William R. (Dir.), *Comentario Bíblico Internacional: Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*, Verbo Divino, Navarra, 2000.

FRANCE, R. T., *Matthew: Tyndale New Testament Commentaries*, Inter-Varsity Press, Michigan, 1997.

FRANCE, R. T., *The Gospel of Matthew*, Eerdmans, Grand Rapids, 2007.

FREYNE, S., “The Galilean Jesus and a Contemporary Christology”, in *Theological Studies* 70 (2009), pp. 281-297.

GALIZZI, Mario, *Evangelio según Mateo: Comentario exegético-espiritual*, San Pablo, Madrid, 2005.

HARRINGTON, Daniel J., “Mateus”, in Diane BERGANT - Robert J. KARRIS, *Comentário Bíblico III: Evangelhos e Atos, Cartas, Apocalipse*, Loyola, São Paulo, 2001.

HARRINGTON, Daniel J., *The Gospel of Matthew*, Liturgical Press, Minnesota, 2007.

HUNTER, Archibald M., “Crux Criticorum – Matt. 11:5-30 – A Re-appraisal”, in *NTS* 8 (1962) pp. 241-249.

JERÓNIMO, *Comentario al Evangelio de Mateo*, Ciudad Nueva, Madrid, 1999.

JERÓNIMO, *San Jerónimo: Obras Completas*, BAC, Madrid, 2002.

KASPER, Walter, *Jesus The Christ*, t & t clark, London, 2011.

KEENER, Craig S., *The Gospel of Matthew: A Socio-Rhetorical Commentary*, Eerdmans, Grand Rapids, 2009.

KILPATRICK, George Dunbar, *The Origins of the Gospel according to St. Matthew*, Clarendon, Oxford, 1946.

KLOPPENBORG, John S., “Wisdom Christology in Q”, in *Laval Théologique et Philosophique* 34.2 (1978) pp. 129-147 (acedido em 14 Junho 2015) [<http://id.erudit.org/iderudit/705665ar>].

LEAL, Juan – Severiano Del PARAMO – Jose ALONSO, *La Sagrada Escritura: Nuevo Testamento – Texto y comentario por profesores de la Compañía de Jesús*, BAC, Madrid, 1964.

LEGASSE, Simon, “O Hino de Júbilo (11,25-30)”, in *Para ler o Evangelho segundo S. Mateus*, Difusora Bíblica, Lisboa, 2004².

LUZ, Ulrich, *Studies in Matthew*, Eerdmans, Grand Rapids, 2005.

LUZ, Ulrich, *El Evangelio Según San Mateo II*, Sígueme, Salamanca, 2001.

MARTIN, James, *Jesus: Um Encontro Passo a Passo*, Paulinas, Prior Velho, 2015.

MCKENZIE, John L., *Dictionary of the Bible*, The Bruce Publishing Company, Milwaukee, 1965.

MCKENZIE, John L., “Evangelio Segun San Mateo”, in R. E. BROWN - J. A. FITZMYER - R. E. MURPHY, *Comentario Bíblico «San Jeronimo»*, Cristiandad, Madrid, 1972.

MEIER, John P., *Matthew*, Liturgical Press, Minnesota, 1990.

MEYER, Eduard, *Ursprung und Anfänge des Christentums, Vol. I*, J. G. Cotta, Berlin, 1921.

MEYNET, Roland, *Leggere la Bibbia. Un'introduzione all'esegesi*, EDB, Bolonha, 2004.

MITCH, Curtis - Edward SRI, *The Gospel of Matthew*, Baker Academic, Grand Rapids, 2010.

MONASTERIO, Rafael AGUIRRE - Antonio Rodriguez CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, Verbo Divino, Navarra, 2012.

MORRIS, Leon, *The Gospel according to Matthew*, Eerdmans, Grand Rapids, 1992.

NEVES, Joaquim Carreira das, *Evangelhos Sinópticos*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2002.

NOLLAND, John., *The Gospel of Matthew*, Eerdmans, Grand Rapids, 2005.

NORDEN, Eduard, *Agnostos Theos; Untersuchungen Zur Formengeschichte Religiöser Rede*, B. G. Teubner, Berlin.

OBACH, Robert E. – Albert KIRK, *A Commentary on The Gospel of Matthew*, Paulist Press, New York, 1978.

OLIVER, Gloria Heras, *Jesús Según San Mateo – Análisis Narrativo del Primer Evangelio*, EUNSA, Navarra, 2001.

PAGOLA, José Antonio, *El Camino Abierto por Jesús: Mateo*, PPC, Madrid, 2010.

PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria A. I., Braga, 1998⁸.

POITIERS, Hilario De, *Comentario al Evangelio de Mateo*, BAC, Madrid, 2010.

- QUESNEL, Michel, *Jésus Christ Selon Saint Matthieu: Synthèse théologique*, Desclée, Tournai, 1991.
- QUIVY, Raymond – Luc Van CAMPENHOUDT, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa, 1998.
- RIST, Martin, “Is Matt. 11:25-30 a Primitive Baptismal Hymn?”, in *The Journal of Religion*, 15.1 (1935) pp. 63-77 (acedido em 30 Dezembro 2015) [<http://www.jstor.org/stable/1195817>].
- SALGADO, Adão, *Comentários Bíblicos*, Congregação da Divina Providência e Sagrada Família, Braga, 2009.
- SANDERS, E. P., *A Verdadeira História De Jesus*, Notícias, Cruz Quebrada, 2004.
- SCHMID, Josef, *El Evangelio Según San Mateo*, Herder, Barcelona, 1967.
- SCHMID, Josef, *El Evangelio Según San Mateo*, Herder, Barcelona, 1973².
- SCOTT, Ernest F., “An Exegetical Study of Matt. 11:25-30”, in *The Biblical World* 35.3 (1910) pp. 186-190 (acedido em 30 Dezembro 2015) [<http://www.jstor.org/stable/3141467>].
- SIMONETTI, Manlio, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia: Evangelio Según San Mateo (1-13)*, Ciudad Nueva, Madrid, 2004.
- SUGGS, M. Jack *Wisdom, Christology and Law in Matthew's Gospel*, Harvard UP, Cambridge, 1970.
- TRILLING, Wolfgang, *El Evangelio Según San Mateo*, Herder, Barcelona, 1980.
- TUYA, Manuel, *Biblia Comentada: Evangelios – Texto de la Nácar-Colunga, Porfessores de Salamanca*, BAC, Madrid, 1964.
- VANDERWEELE, Tyler J., “Some Observations Concerning the Chiastic Structure of the Gospel of Matthew”, in *Journal of Theological Studies* 59(2) (2008) pp. 669-673 (acedido em 30 Dezembro 2015) [<http://jts.oxfordjournals.org/content/59/2/669.full.pdf+html>].
- VILJOEN, F. P., “Matthew, the church and anti-Semitism”, in *Verbum et Ecclesia* 28(2) (2007) pp. 698-718.
- WEISS, Johannes, “Das Logion Mt. 11, 25-30”, in *Neutestamentliche Studien für Georg Heinrich zum 70. Geburtstag*, Heinrich, Leipzig, 1914, pp. 120-129.
- WINTER, Paul, “Matthew XI 27 and Luke X 22 from the First to the Fifth Century: Reflections on the Development of the Text”, in *Novum Testamentum* 1.2 (1956) pp. 112-148 (acedido em 30 Dezembro 2015) [<http://www.jstor.org/stable/1560062>].
- ZERWICK, Max, *Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci*, Sumptibus Pontificii Instituti Biblici, Romae, 1984⁴.
- ZUMSTEIN, Jean, *Mateus, o teólogo*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1990.